



POR CAMADAS

Revelyn Veloso



POR CAMADAS

Revelyn Veloso / 116048643

Universidade Federal do Rio de Janeiro
Centro de Letras e Artes
Escola de Belas Artes
Curso de Graduação em Pintura

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Setor Pintura, Dep. De Artes Base da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Curso de Graduação em Pintura, como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Pintura.

Rio de Janeiro
2022



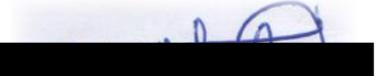
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
ESCOLA DE BELAS ARTES
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PINTURA

Trabalho de Conclusão de Curso
Por camadas
Revelyn Veloso / 116048643

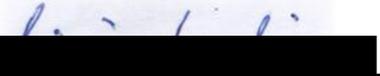
O estudante supracitado está ciente de que o Trabalho de Conclusão de Curso será publicado na Base Minerva/ Sistema Phanteon da UFRJ e poderá ser integralmente publicado no site do Curso de Pintura da EBA – UFRJ. Compromete-se com a possível reformulação de seu material de apresentação conforme orientações da banca no prazo de 30 dias, visando sua posterior publicação online. O cumprimento desses requisitos é necessário para o lançamento da nota do estudante.

Aprovado em: 08.07.22


Prof. Dra. Martha Werneck de Vasconcellos
Universidade Federal do Rio de Janeiro / EBA - BAB


Prof. Dr. Rafael Bteshe
Universidade Federal do Rio de Janeiro / EBA - BAP

Conceto: 10.0


Prof. Me. Licius da Silva
Universidade Federal do Rio de Janeiro / EBA - BAB



Dedicatória

Para todas as pessoas que tornaram esse projeto realidade.
Vocês sabem quem são.



Agradecimentos

À família: mãe, obrigada por me trazer ao mundo e por me proteger dele.

Edson, obrigada por todas as madeiras cortadas e por todas as ideias que me ajudou a tirar do papel.

Aos mestres: Martha, obrigada por ser minha orientadora e amiga desde a primeira bronca por usar marca textos nos estudos do meu diário. Obrigada por ser minha árvore vermelha e iluminar os dias mais difíceis.

Rafael, minhas pinturas não seriam as mesmas sem você, obrigada pela oportunidade de ter sido sua monitora e ter aprendido tanto. Sua humildade é admirável e inspiradora.

Licius, Julio, Dalila, Julie Brasil, Cláudia Lyrio, Fred, Ricardo Pereira, Ricardo Newton e tantos outros, obrigada por fazerem parte da minha formação enquanto artista.

As modelos: obrigada pela confiança e todas as trocas ao longo desses dois anos. Obrigada por me doarem seus rostos e compartilhar comigo um pouco de suas histórias.

Ao grupo de pesquisa O Corpo feminino como poética na pintura contemporânea: obrigada por tornarem o período pandêmico menos vazio. Guardo com carinho nossos encontros online.

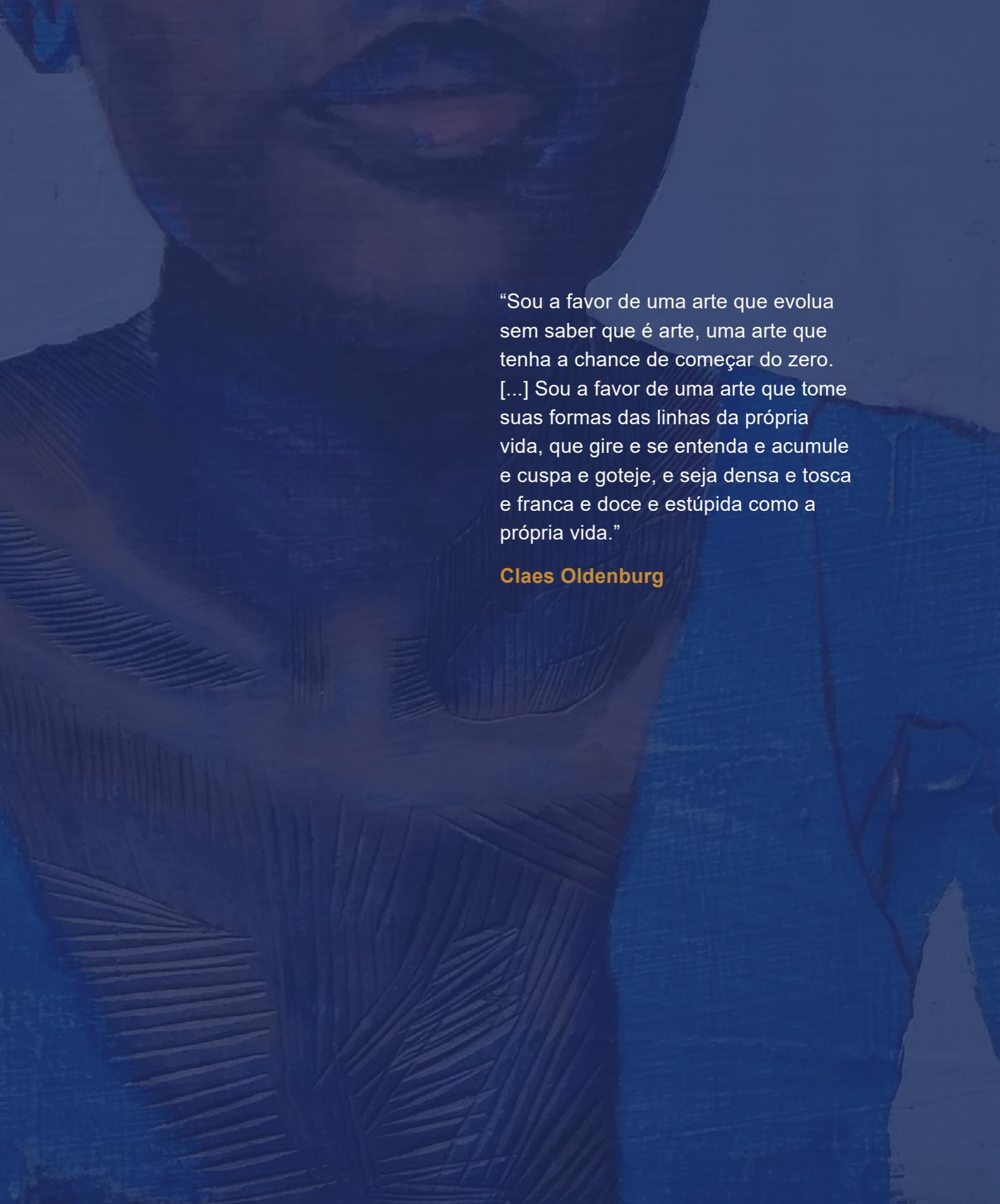
Aos amigos: Lorena, Ludmila, Larissa, e Bruna, obrigada por todos os anos passados e por todos os anos que virão. Obrigada por serem constantes em minha vida.

Maju, Marina e Marcos, obrigada por serem meus amigos fotógrafos e descolados.

Caio e Amanda, Raisa e Rebeca, obrigada por serem laços de alma e casa. E João, obrigada por, além disso, consertar meu computador todas as (incontáveis) vezes que quebrei ele.

Gabrielle, Vanessa, Raíssa, Luiza (Liza) e Mari, obrigada por serem todas as alternativas acima. E muito mais do que eu poderia imaginar merecer ou ter.

Ao psicólogo: obrigada por não me deixar desistir.



“Sou a favor de uma arte que evolua sem saber que é arte, uma arte que tenha a chance de começar do zero. [...] Sou a favor de uma arte que tome suas formas das linhas da própria vida, que gire e se entenda e acumule e cuspa e goteje, e seja densa e tosca e franca e doce e estúpida como a própria vida.”

Claes Oldenburg



Resumo

Por Camadas

VELOSO, Revelyn

O projeto Por Camadas foi iniciado em 2019 dentro do grupo de pesquisa O corpo feminino como poética na pintura contemporânea pela aluna Revelyn Veloso, sob orientação da professora e orientadora Dr^a. Martha Werneck. A princípio, Por Camadas tinha como objetivo iniciar uma pesquisa etnográfica dentro da Escola de Belas Artes com mulheres artistas que, assim como a autora deste trabalho, vem de região periférica, não são brancas e estão no processo de construção da sua própria identidade. Com a chegada da COVID-19, foi necessária uma reestruturação no desenvolvimento do projeto. Mesmo com as adversidades enfrentadas durante o período pandêmico a pesquisa se desdobrou ao longo dos anos abordando assuntos como racialidade, amadurecimento, e se expande trazendo questões levantadas durante o período de quarentena, no qual a autora observa que a distância física salientou o uso exacerbado das redes sociais. Foram desenvolvidos textos críticos que serviram como base para o desdobramento de duas séries de pinturas: Câmera frontal, com 7 pinturas, e O filtro e a pintura, com 6 dípticos, totalizando 19 pinturas a óleo. Para as duas séries foram escolhidas 6 modelos, com as quais foi feito contato solicitando referências fotográficas virtuais. A estudante pretende dar continuidade a essas séries buscando (re)conhecer no caminho mulheres em todas as suas camadas.

Palavras-chave: pintura, consumo, identidade, racialidade, redes sociais.



Sumário

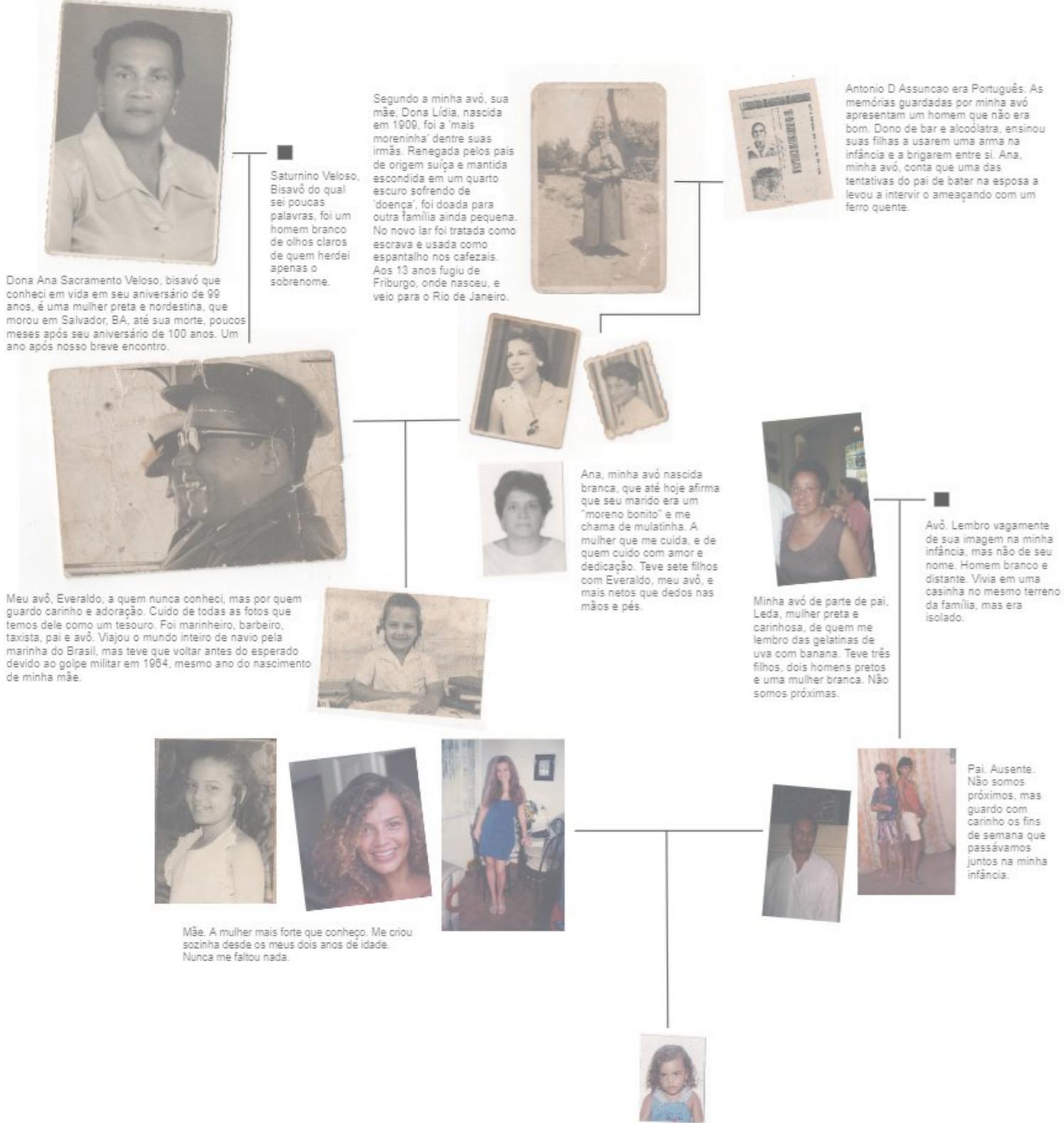
INTRODUÇÃO	17
O ANTES	22
O autorretrato	25
O avô de aluguel	26
Os Robertos e a Rita	29
A garota propaganda do Fruttar de uva	30
A Mari e os diários	33
O INÍCIO	36
Por camadas: onde começou	38
Processo	41
O MEIO	46
Parte I	46
O que é a pintura para você?	48
Como você é quando abre sua câmera frontal?	51
O Filtro e a Verdade: Problematização e denúncia	55
Documentos de trabalho: das Paredes do Quarto até a Miro	63
Porque pintar mulheres e porque mulheres não brancas?	70
Parte II	72
Colecionando imagens de referência e estudos lineares	74
Colecionando registros do processo de pintura	85
Série Câmera frontal	92
Série O filtro e a pintura	106
O AGORA	112
Conclusão	114
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	117
APÊNDICE A: Exposição virtual Galeria Macunaíma	120
APÊNDICE B: O like dos outros	136
APÊNDICE C: E porque você escolheu tomates?	144
APÊNDICE D: Autorrepresentação: Uma pequena jornada	158



Introdução

Se você me perguntar quando comecei o projeto que leva o nome deste trabalho, vou te responder: em meados de 2019 quando, pela primeira vez, alguém se referiu a mim como uma mulher negra. Em Quem tem medo do feminismo negro (2018), de Djamilia Ribeiro, a autora traz a introdução A máscara do silêncio, onde fala sobre sua infância enquanto menina negra e um sentimento de inadequação que a rodeava, tendo crescido em espaços, escolas e prédios predominantemente ocupados por pessoas brancas. “Minha experiência de vida foi marcada pelo incômodo de uma incompreensão fundamental. Não que eu buscasse resposta pra tudo. Na maior parte da minha infância e adolescência, não tinha consciência de mim.” (RIBEIRO, 2018, p.7). Embora eu tenha tido uma infância diferente, sinto que passei por sentimentos parecidos, até certo ponto. Venho de uma família miscigenada onde, da parte de mãe, tenho uma avó branca, filha de português, e um avô preto, filho de baiano, e da parte de pai tenho uma avó preta e um avô branco, que diziam ser português também. Minha mãe é branca. Meu pai é negro. Durante a primeira infância vivi entre uma família e outra, passava a semana com a minha mãe e alguns fins de semana com meu pai, porque eles são divorciados. Minha avó, mãe da minha mãe, teve sete filhos. Uma variação de brancos e pardos, alguns um pouco mais retintos, alguns um pouco mais claros, mas se você for perguntar, apesar de segundo o IBGE pretos e pardos serem considerados negros, nenhum deles vai se auto declarar negro. Portanto, cresci em um ambiente onde meus familiares fugiram, na verdade, ainda fogem da palavra. Preferem dizer que são ‘morenos’. Logo, entendi que eu não era nem branca, nem preta, era morena.

Quando estava com a família do meu pai, a história era diferente. Não havia escapatória. Dos três filhos, dois eram negros. A família era em maior quantidade negra, mas também não era algo que fosse debatido, pelo menos não na minha presença. Acredito que eu era vista de forma diferente por eles e, de certa forma, eu me sentia diferente também. A família da minha avó Ana, parte de mãe, mora no centro de Duque de Caxias, onde moro até hoje. A família da minha avó Leda, parte



de pai, mora em São Bento, uma área considerada a mais rural do município. Portanto, as diferenças começavam aí. Minha família 'branca', mora na área 'rica' da cidade, minha família 'preta' mora na área pobre. Na família de mãe eu sou só mais uma, entre muitos netos. Nem a mais bonita, nem a com mais dinheiro, nem a mais clara, nem a mais escura. Na família do meu pai eu era a princesinha que chegava sempre tão arrumada. Na família da vó Ana, assim como minhas outras primas, eu estudava em escola particular. Na família da vó Leda, meus primos estudaram em escola pública. Não que na época eu fosse capaz de perceber essas desigualdades. No entanto, se me perguntassem com quem eu queria parecer, meu pai ou minha mãe, eu diria que minha mãe, porque minha mãe era bonita e meu pai era feio. Lembro de sorrir demais, porque diziam que eu tinha o sorriso da minha mãe, e ficar irritada quando diziam que eu era parecida com meu pai.

Em um texto que escrevi em 2020 chamado O filtro e a verdade: problematização e denúncia, relembro fatos históricos como o branqueamento da população brasileira promovido durante o século XIX, e trago trechos do livro Tornar-se negro (1990) de Neusa Santos Souza, que ilustram e justificam o tipo de criação que tive na minha primeira infância e a forma como isso afetou o meu desenvolvimento ao longo dos anos. Assim como Djamila, percebo que passei por certos incômodos que não sabia explicar. Não entendia porque sentia a necessidade tão grande de me parecer mais com a minha mãe do que com meu pai, porque precisava, de alguma forma, comprovar que era filha dela, ou porque me sentia estranha quando andava na rua com meu pai, pois sentia um pouco de vergonha e não queria chamar muita atenção.

No primeiro texto que escrevi para minha pesquisa intitulado Passei muito tempo da minha vida tentando me definir a partir do que eu consumo, falo sobre como fui construindo a minha identidade durante a adolescência a partir de livros, filmes e séries que eu colecionava, pois foi a forma que encontrei de me apresentar enquanto pessoa, já que não sabia definir o que eu era. Eu nunca me senti em pé de igualdade com as meninas brancas, já que não tinha os cabelos naturalmente lisos delas, mas também não me igualava às poucas meninas pretas que tive con-

tato, porque não sou retinta. Nunca fui a garota mais bonita, mas também não era a mais feia. Nunca fui a mais inteligente ou a mais esforçada, porque não sentia que precisava provar nada, como acontece com muitas crianças pretas. Tudo que eu podia fazer para esconder meus traços negroides eu fazia involuntariamente, sem questionar ou hesitar. Não podia pegar muito sol, com a desculpa de que não gostava da sensação de ficar queimada. Não usava meu cabelo naturalmente cacheado, pois lá entre 2010/2012, início da minha adolescência, ter o cabelo liso era o sinônimo de belo. Foi só em 2015, quando estava no terceiro ano do Ensino Médio que influenciada especialmente por Rayza Nicácio, youtuber que, na época, falava muito sobre o processo de transição capilar¹, eu comecei esse movimento de voltar a usar meu cabelo natural. Por conseguinte, em 2016 eu entrei para a faculdade aos 17 anos de idade e passei por diversas etapas de descoberta e amadurecimento desde a mudança para o Curso de Pintura até o momento em que chego na disciplina de Pintura IV, em 2019, sobre os quais falo no capítulo O antes.

O capítulo intitulado O início se dá quando entro para o grupo de pesquisa O corpo feminino como poética na pintura contemporânea, ainda em 2019, e escuto que sou uma mulher negra aos 21 anos de idade. Esse é um momento divisor de águas na minha vida e na minha história, porque durante todo esse tempo nunca me enxerguei, nem fui vista pela minha família como tal. É onde o projeto Por Camadas começa a tomar forma. Abro a minha pesquisa lendo o livro, já citado anteriormente, Quem tem medo do feminismo negro? de Djamila Ribeiro, que se torna base e introdução às questões feministas e à racialidade na minha vida. Dentro do grupo de pesquisa, lemos livros como Problemas de gênero (2015), de Judith Butler, que aborda tópicos importantes, como o feminismo, que discutimos durante nossos encontros. Por fora, li trechos do livro Escritos de Artistas: Anos 60/70 (COTRIM, Cecília; FERREIRA, Glória, 2006), o que me ajudou a compreender o processo de trabalho de outros artistas e desenvolver o meu.

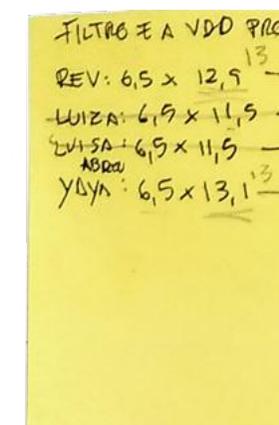
1. Um movimento crescente que defende a interrupção do uso de produtos químicos para alisamento dos cabelos.

Já o capítulo O meio é dividido em duas partes. Na parte I tive como metodologia o seguinte processo: No ano de 2020 comecei a escrever uma série de textos que abordam temas centrais na minha pesquisa: o consumo voltado para o uso das redes sociais e a racialidade. Me aprofundo no tema racial lendo autoras como Chimamanda Ngozi Adichie, Angela Davis e Neusa Santos Souza, além de acrescentar à minha pesquisa a leitura de livros como O mito da Beleza, de Naomi Wolf (2018) e Vida para consumo, de Zygmunt Bauman (2008), que se tornam fundamentais quando direciono a pesquisa para a questão das mídias sociais. Dentre os textos autorais escritos, Quem é você quando abre sua câmera frontal e O filtro e a verdade: problematização e denúncia, se tornam base para a produção das séries de pinturas deste TCC. Além destes, falo brevemente sobre outros dois textos: Documentos de trabalho: das paredes do quarto até a Miro e Porque pintar mulheres e porque mulheres não brancas? Na parte II abordo o processo de construção das pinturas, passando pela escolha de modelos, estudos lineares e cromáticos, até chegar ao resultado final.

Como disse no início desta introdução, se você me perguntar quando iniciei o projeto, te darei uma resposta. Entretanto, acredito que ele começou a ser rabiscado desde o momento que vim ao mundo, talvez até antes disso. O vejo como uma linha do tempo que caminha, muitas vezes, de forma irregular, intuitiva, e começa a fazer mais sentido no meio do processo. Por esse motivo o divido em: O antes, O início, O meio e O agora, sem um fim. Por muito tempo usei a frase “começo e não termino” como uma forma de identificação depreciativa. Usava como a Bio² do meu Instagram. Era como me sentia na faculdade e em vários outros tópicos da minha vida. Você vai ver, quando começar a explorar essa linha do tempo que criei, que eu comecei a pintar meu avô na disciplina Criação pictórica II, mas desisti; planejei pintar nove Robertos Carlos em Pintura II, mas pinte seis; comecei essa pesquisa sobre identidade e consumo em Pintura III e, de repente, me vi escrevendo páginas de diários pela faculdade em Pintura IV. O que quero dizer é que não foi um

2. Abreviação de biografia; sua descrição no perfil do instagram.

processo contínuo com início, meio e fim. Na verdade, penso que ainda estou no meio. Eu acreditava que para entregar esse TCC precisaria concluir as coisas que comecei, porque sempre desisti de tudo na metade. Todavia, hoje, vejo essas idas e vindas como parte do processo. Parte da minha metodologia de escrita envolve esse transitar, reler e reescrever, voltar ao início para complementar o meio. Espero conseguir me expressar da maneira menos confusa possível, apesar de saber que a caminhada foi bastante confusa. Mais do que um trabalho de conclusão de curso, o Por Camadas, é um espaço intrínseco, onde retorno para reafirmar minha cor, minha identidade, praticar minha escrita e amor próprio. Espero, acima de tudo, ter coragem para compartilhá-lo com o mundo.



O ANTES

2016 / 2017 / 2018 / 2019





O autorretrato

2016

Entrei pra faculdade com 17 anos.

Talvez seja errado dizer, mas às vezes penso que foi pura sorte.

Eu me considerava uma aluna mediana, passava a maior parte das aulas de biologia desenhando.

O desenho sempre fez parte da minha vida, não me lembro do momento em que não usava lápis e papel para me expressar. Começou com os livrinhos de princesas da Disney: eu olhava a capa das histórias e tentava copiar, fazia um círculo para o rosto e um círculo para o coque do penteado.

Nunca mais parei de rabiscar.

Quando disseram que eu precisava decidir o que fazer da vida, pesquisei 'arte' e parei na UFRJ. Entrei para o curso de Artes Visuais- Escultura. Cheguei com essa imagem na cabeça do que seria arte: Arte era desenho. Pintura, Van Gogh, Frida Kahlo. Não é como se eu me interessasse muito sobre o tema, não tinha um vasto conhecimento sobre artistas, eu só gostava de desenhar. As pessoas diziam que eu era boa nisso.

Me apaixonei pelo ateliê de pintura à primeira vista, e apesar de, em toda vida, só me lembrar de ter feito uma pintura antes de entrar pra faculdade (uma cópia de Romero Britto na escola), no segundo período eu já estava me inscrevendo nas disciplinas do curso, visando a transferência. Lembro de como fiquei nervosa quando comecei a fazer as aulas de Criação pictórica I com o Prof. Ricardo Pereira. Pensei que estaria longe do nível da turma e que ficaria deslocada quando, na verdade, foi ali que fiz alguns dos meus melhores amigos. Eu tenho esse problema: estou constantemente duvidando da minha capacidade, mas até ganhei uma medalha simbólica pelo meu esforço na aula do professor de Desenho artístico I, Ricardo Newton. Desse momento guardo muitas lembranças, os primeiros contatos com o carvão, a primeira vez que usei tinta a óleo, a primeira pintura em madeira. Mas, talvez, o mais importante pra mim tenha sido esse autorretrato. Foi a primeira vez que acreditei que tinha feito um ótimo trabalho.

Figura 1. Autorretrato expressionista. Grafite sobre papel canson. Dimensão A4, 2016.

O avô de aluguel

2017

No início, existia eu.

Até a adolescência, um avô de aluguel.

Quando entrei pra faculdade herdei da vó Ana uma série de fotos do meu avô. O de verdade, Everaldo.

Não sei bem te dizer quando foi que descobri que o avô que eu tinha não era, de fato, meu. Talvez a ideia de contar a mim quando criança tenha escapulado. De toda forma, ele havia partido antes da minha chegada.

Tudo que sei sobre ele vem de outros. As fotos da sua época de marinheiro, quando fez uma viagem de volta ao mundo. A forma como ele botava sete filhos dentro do seu carro amarelo para passear, depois que se aposentou e virou taxista. Um binóculos. Um cavaquinho que um de meus tios guarda com ele, que planejo um dia roubar. Até o jeito como mainha diz “você ia gostar muito dele”, com nostalgia no olhar. Tudo, que sei vem de outros, exceto as cartas. As cartas, escritas durante suas viagens, me descrevem seu olhar sobre outros lugares do mundo. São o que tenho de mais precioso. O vestígio de alguém que já esteve aqui, que amo e admiro sem conhecer.

Passsei um período inteiro, na verdade, até dois, tentando dar vida às fotografias amareladas do meu avô a partir das minhas pinturas. Influenciada por revistas e colagens que encontrava no Pinterest, tinha como objetivo trazer recortes, cores vivas, tinha como guias pintores impressionistas, Degas, Van Gogh, pois acreditava que minha fatura e forma de usar a tinta óleo se aproximavam desses artistas. Uma tarefa que, devo dizer, não deu muito certo. Queria honrá-lo, o homem dos trajes de marinheiro, com perfeição e nada menos. Expectativas incompatíveis com a realidade de minhas habilidades com o pincel até então. Os comentários e julgamentos de familiares certamente não ajudaram também. Decidi parar de retratá-lo.



Figura 2. Fotografia do avô Everaldo.

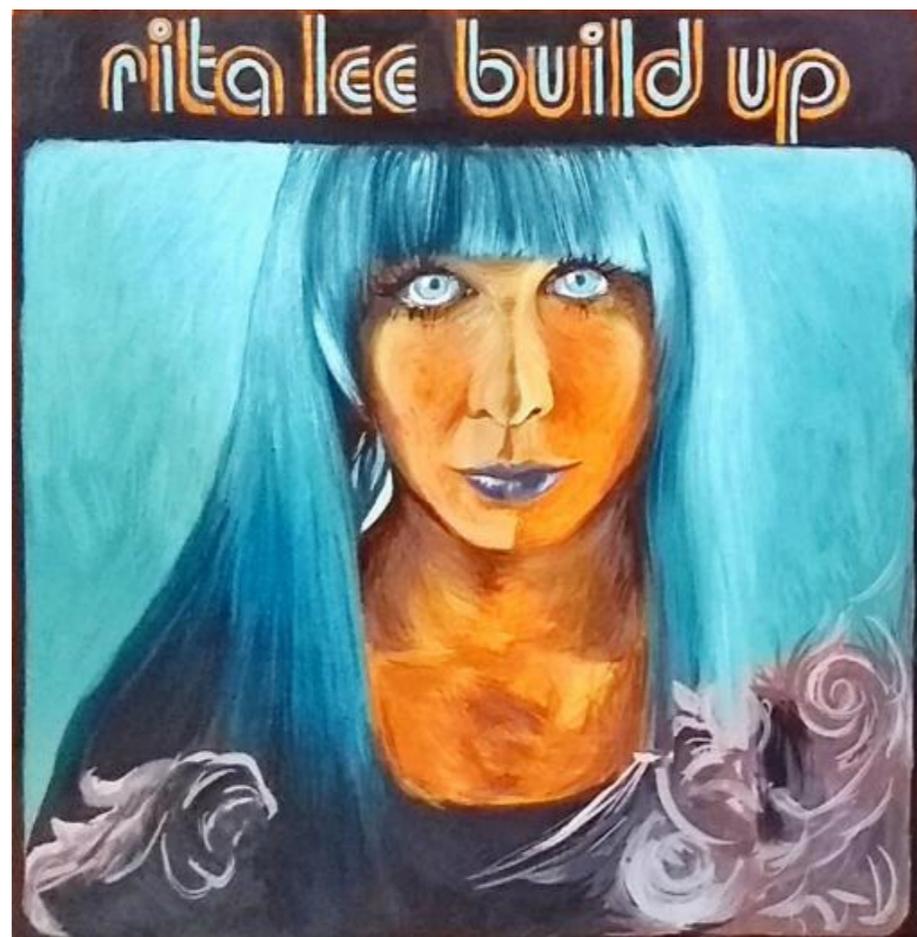


Figura 3. Rita Lee build up. Têmpera ovo sobre madeira. 31x31cm, 2018.

Os Robertos e a Rita

2018

Das revistas, recortes e colagens, saltei para um dos meus movimentos favoritos: a POP ART. Eu tinha um novo tema, novos interesses. Minhas referências eram, é claro, artistas como Andy Warhol, Richard Hamilton, Raoul Hausmann, mas acredito que muito mais pelo discurso do movimento do que pela aproximação com meu trabalho em si. Até me aventurei a fazer colagens na disciplina de Desenho artístico II, por exemplo, mas não cheguei a trazer essa relação para as pinturas. Se não conseguisse pintar meu avô por me importar demais, retrataria alguém com quem me importo de menos. Lembro de ouvir minha avó falar de quando enchia o Vô de ciúmes dizendo que a música Ana, do Roberto Carlos, tinha sido feita para ela. Lembro também de como ela dizia que, mesmo assim, ele comprava todos os discos do cantor para dar de presente a ela. Recordo-me de ter pensado, como se fosse brilhante a ideia: vou pintar capas de discos do Roberto Carlos. ‘Só para testar’, eu dizia. Aprimorar meu trabalho com a tinta a óleo, entender melhor a técnica. Fascinada pela ideia da repetição e de pintar grandes nomes da cultura nacional, planejei pintar a mesma capa do disco nove vezes. Três para cada fundo colorido, explorando a proposta da disciplina de Pintura II. Parei no sexto. Cansativo isso de pintar alguém por quem não tenho nenhum apreço. Foi quando parei de pintar figuras masculinas. Acho engraçado lembrar agora de como não tinha me dado conta: sempre desenhei mulheres, não fazia muito sentido não pintá-las. Então fiz uma Rita Lee em têmpera ovo, técnica que tinha amado trabalhar no período anterior, só pelo capricho. Mas no fundo, sabia que não era bem o que eu queria.

A garota propaganda do Fruttar de uva

2018

Na disciplina Pintura III cheguei ao entendimento de que eu não poderia mais seguir pintando retratos de pessoas que não conheço. Sejam fotos do meu falecido avô, sejam capas de discos nacionais. Sentia que estava perdida dentro do meu próprio processo e dentro de mim. Precisava me encontrar, me conhecer, e pensava: como eu saberia o que pintar se eu não conseguia nem reconhecer quem eu era? Foi quando surgiu a garota propaganda do Fruttar de uva. Um tríptico, uma ideia. Estava me definindo, como sempre fiz: a partir do consumo. Nunca considerei como um trabalho, apenas uma experimentação, principalmente porque estava dando tão pouco crédito para minha pintura que não achava que valia a pena gastar dinheiro comprando madeira. Hoje me arrependo um pouco de não ter feito isso, pois na época eu gostei muito dos resultados, pelo menos no que diz respeito à pintura e familiaridade com a técnica, percebi que estava evoluindo. Em relação à composição e a alguns conceitos... É, não muito. Agora, enquanto escrevo, poderia falar um pouco sobre Bauman, sobre como somos uma sociedade consumidora e ao mesmo tempo somos produto. Relacionar a essa pesquisa que estava começando a desenvolver sobre identidade e consumo tendo como metodologia escolher modelos, entrevistá-las e realizar retratos a partir disso. Poderia associar a Galeria Revelyn Veloso, uma brincadeira com o espaço que ocupei no ateliê que virou quase uma espécie de performance, a necessidade que temos de cada vez mais sermos vistos, mas vou deixar essa ligação para mais tarde. Afinal de contas, boa parte da produção que tive nesse período se perdeu pelo ateliê, ou joguei fora. Os autorretratos ainda existem. Talvez um dia eu volte a pensar sobre eles.

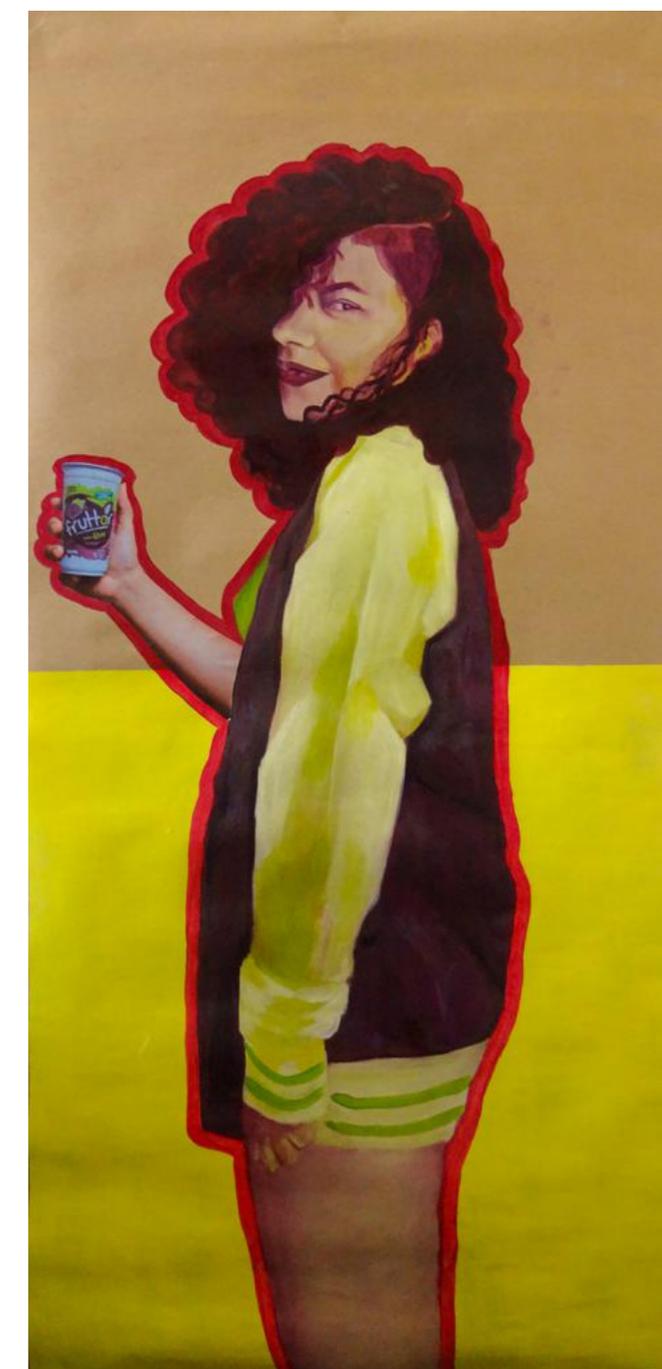
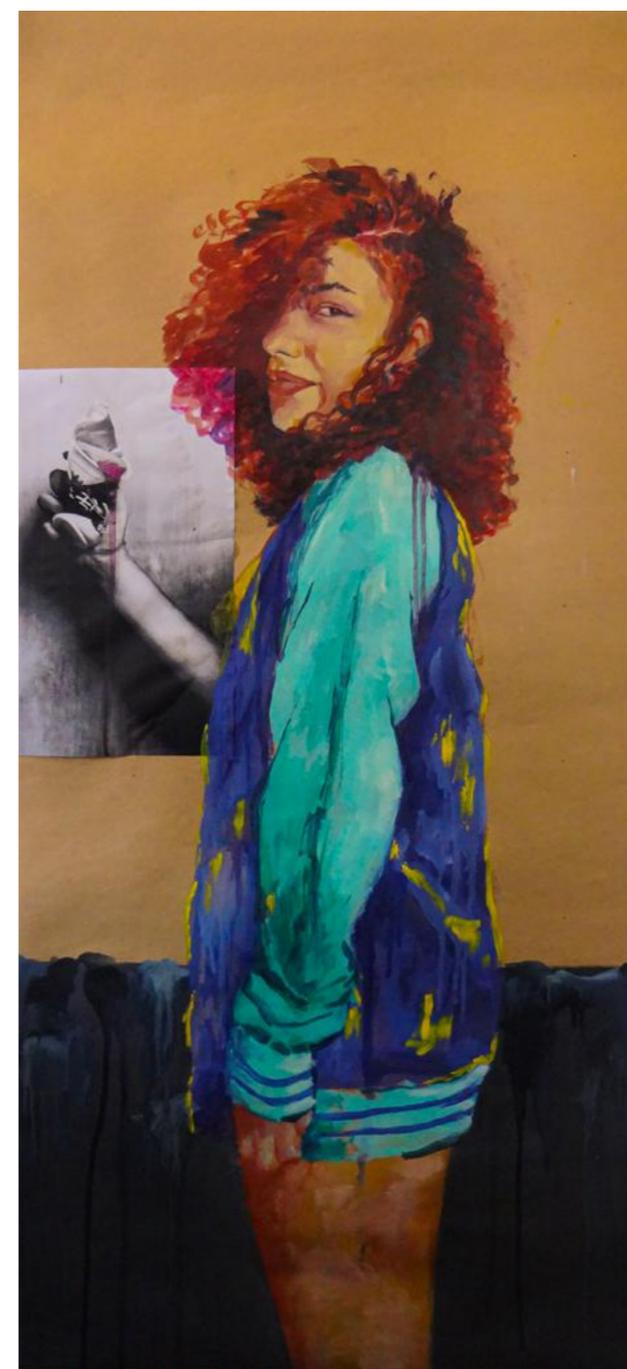


Figura 4. Pôster Cê já bebeu Fruttar de uva? Colagem digital, 2018.

Figuras 5, 6 e 7. Tríptico Garota propaganda do Fruttar de uva. Óleo sobre craft. 112x56cm, 2018.

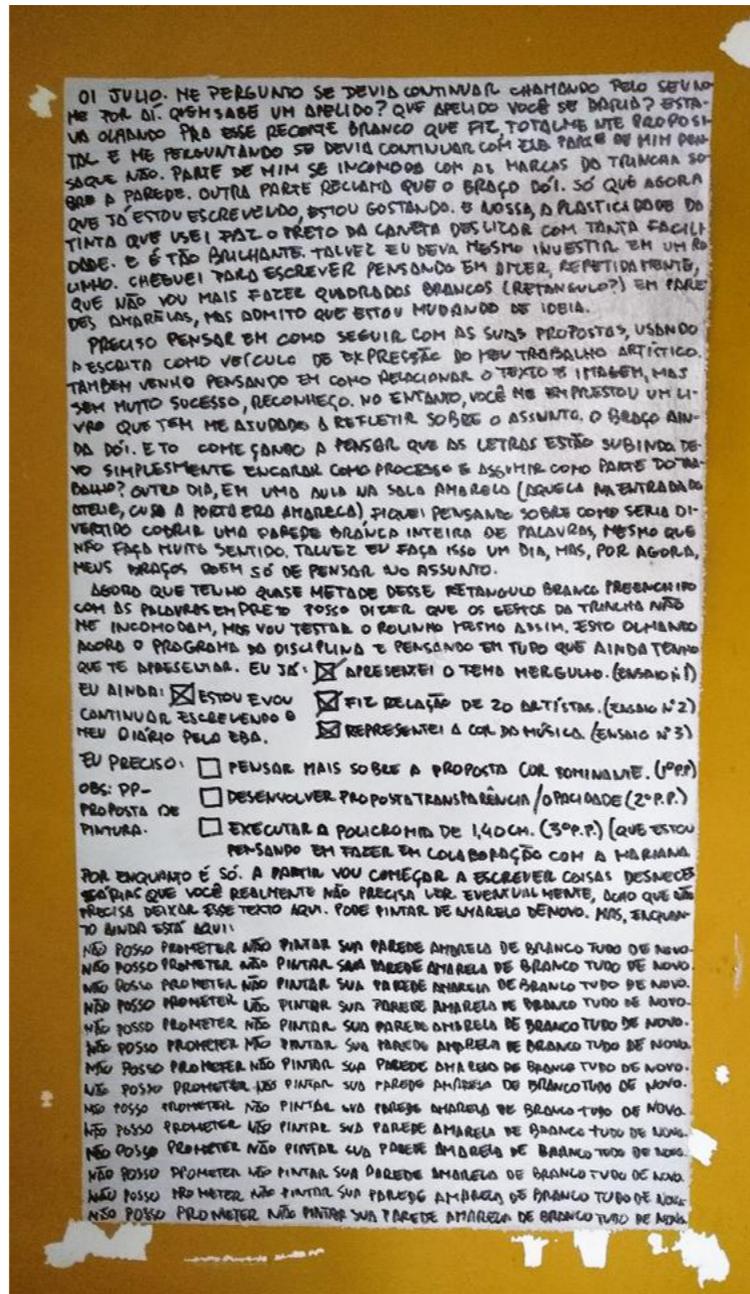
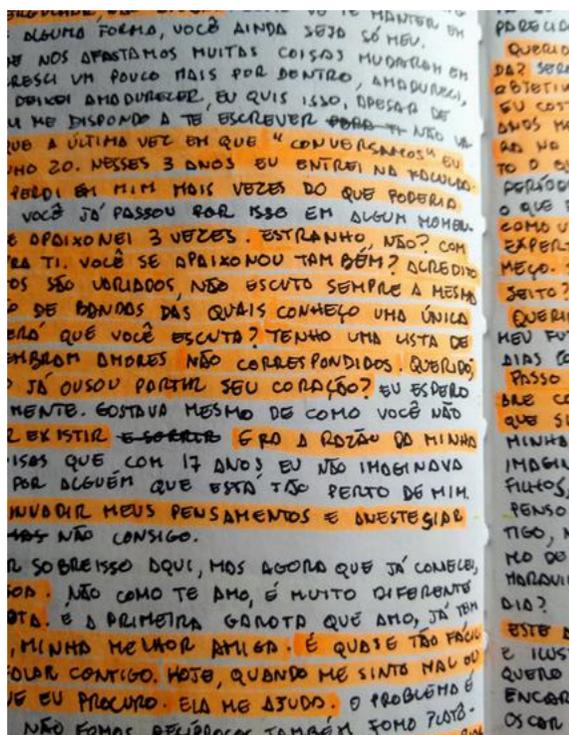


Figura 8. Diário de pesquisa da artista com estudos para a pintura As Maris.

Figura 9. Diário de pesquisa da artista com o trabalho Mergulho (detalhe), 2019.

Figura 10. Diário público da artista. Intervenção na parede do Pamplonão, UFRJ.

A Mari e os diários

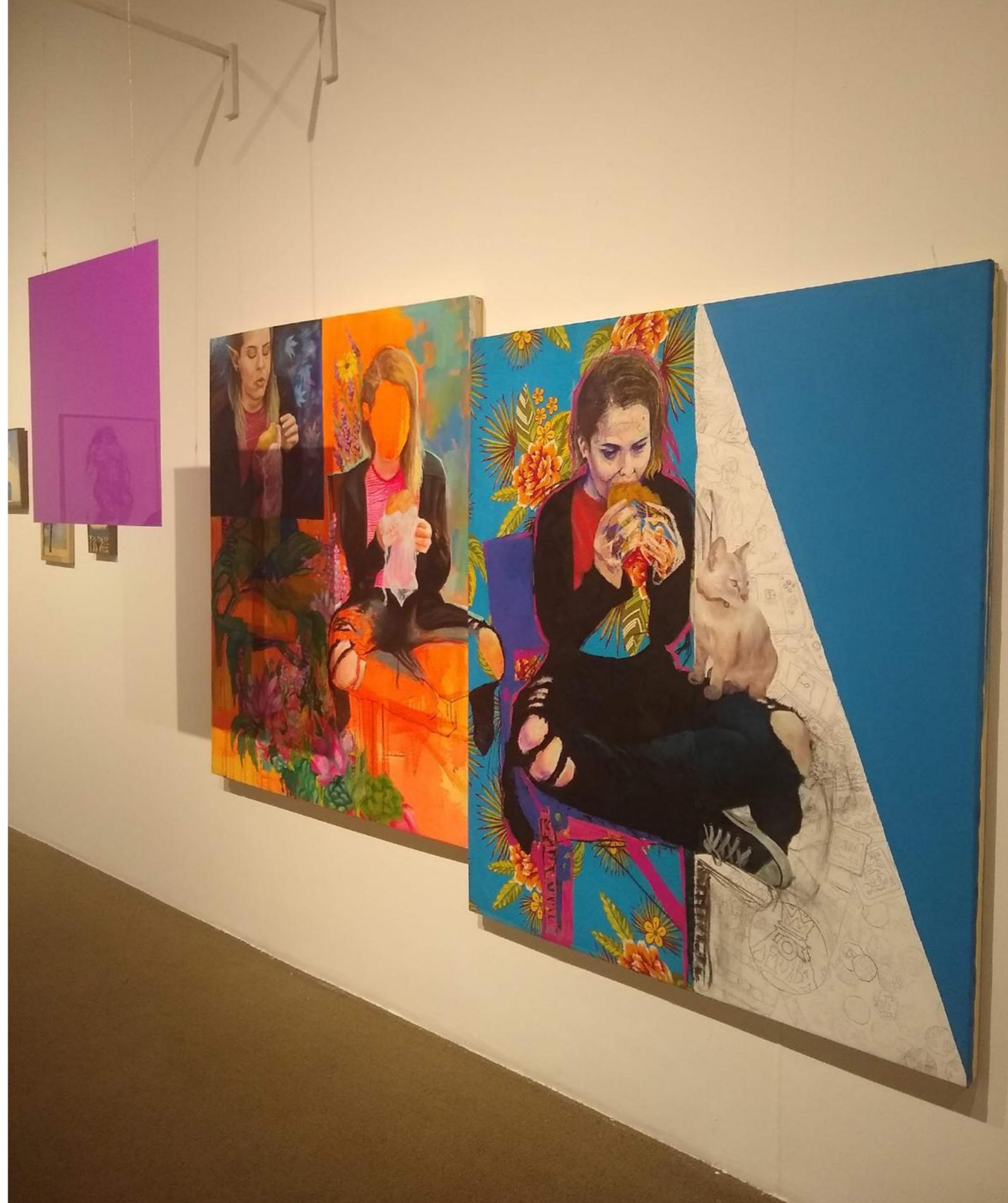
2019

Comecei na pintura IV dando continuidade à pesquisa sobre identidade e consumo que iniciei no período anterior. A princípio eu e Mariana, minha amiga de curso, pensamos em nos unir para trabalhar em um díptico onde faríamos intervenções no trabalho uma da outra. No primeiro eu entraria com texto e a partir desse texto ela desdobraria uma pintura e no segundo seria o contrário, a Mari entraria com a pintura e em seguida eu traria o texto. Acabou que detestamos a ideia, nem sei porque, já que agora me parece um ótimo exercício. Na época, estávamos trabalhando na pintura do cenário de uma ópera e convenci a Mari a pintarmos em um suporte maior, pois nenhuma de nós tinha feito isso até então. Mas o que pintar? O que relaciona nossos trabalhos? Folheando meu diário enquanto pensava nesse assunto, encontrei alguns rabiscos que tinha feito e estavam esquecidos. Tinha feito uma sequência de fotos de referência da Mari comendo quando estava em na disciplina Pintura III. Também estava estudando sobre futurismo em história da arte IV. Estava gostando muito da ideia de trabalhar com repetições e imagens com variações de movimento. Quando entrevistei a Mari e fiz as fotos perguntei sobre sua rotina, suas roupas favoritas, alimentos que comia com frequência, o que trouxe a cavaca, que é o pãozinho que ela está comendo na pintura. Como a Mari trabalha com autorretratos, decidimos trabalhar nesse juntas. Vanessa, que também é nossa companheira de curso, uniu-se a nós na conclusão deste trabalho e foi nesse período que fundamos nosso coletivo, o Fatura, e participamos da exposição Orientações³, realizada entre agosto e setembro desse mesmo ano. Foi na disciplina Pintura IV que também abri um espaço para diferentes formas de me expressar, para além da pintura. Eu sempre gostei de escrever sobre tudo na vida, sobre meu processo artístico, sobre minha pesquisa, sobre amores, sobre perdas, mas nunca tinha visto a escrita como uma forma de trabalho artístico. Enxergava mais como um complemento, algo que estava ‘nos bastidores’, talvez, e não em destaque. Isso só mudou mesmo

3. Exposição coletiva **Pintura & Gravura contemporâneas ORIENTAÇÕES** realizada em 15/ago - 29/set no Centro Cultural Correios Rio.

durante essa disciplina, quando realizei algumas das propostas dadas pelo professor dentro desse formato da escrita e não necessariamente da pintura a óleo. Nesse momento, artistas como Mira Schendel e o trabalho de Cuide de Você da Sophie Calle foram importantes para que eu pudesse reconhecer o ato de escrever como uma parte integrante do meu trabalho.

Figura 11. Foto do trabalho As Maris na exposição Pintura&Gravura Contemporâneas ORIENTAÇÕES. Técnica mista, 2019.



Por camadas: Onde começou

“Passei muito tempo da minha vida tentando definir quem eu sou a partir do que eu consumo. [...] Nunca parei pra pensar muito sobre meu corpo, não gosto dele. Ou a cor da minha pele, que é só normal. Ou o cacheado dos meus cabelos, que por muito tempo eu escondi das outras pessoas e de mim. [...] Não sei muito bem como vim parar aqui. Estudo na Escola de Belas Artes por obra do acaso. Na minha família, ninguém sabe quem é Manet. Sou a primeira pessoa da minha família, que eu conheço, a estudar em uma universidade federal. E ninguém por aqui tira os domingos para ir ao museu. É longe, é caro, é chato. E ninguém entende nada. Mas todo mundo parece entender mais sobre arte do que eu. Sou um conjunto de situações que poderiam facilmente me encaminhar para outro destino, no entanto, estou aqui. E nem sei exatamente qual o motivo disso. Cheguei aqui sem saber direito como e, agora, estou aqui pra entender o porquê. Estou buscando me conhecer.” (Trechos do texto autoral Passei muito tempo da minha vida tentando definir quem eu sou a partir do que eu consumo)

Quando entrei para o grupo de pesquisa O Corpo Feminino Como Poética na Pintura Contemporânea as frases acima foram a forma como eu me descrevi. Eu deveria ter falado, em um único parágrafo, sobre a minha pesquisa e os meus interesses. No entanto, o que fiz foi confessar minhas confusões mentais, minhas ambições, meus defeitos. Mostrar que eu sou uma pessoa cheia de questões não resolvidas, pouco pensadas, e, que na maior parte do tempo, não sabe definir ou explicar o que está fazendo, que não tem muitas certezas. Como qualquer jovem universitário.

Acredito que a necessidade de construir a própria identidade e tomar consciência de si mesmo e seu lugar no mundo acabam acontecendo com o amadurecimento e a mudança de ambiente. E estar dentro da universidade é uma oportunidade para conhecer novas pessoas, novas realidades e personalidades. É estar em constante descoberta e evolução. Desde o momento que entrei na Escola de Belas Artes comecei a refletir mais sobre minha própria identidade, meus interesses, o lugar de onde eu venho, a cor da minha pele. Com o tempo, comecei a entender melhor as dificuldades financeiras que me rodeiam, as lutas diárias por respeito, por espaço e por visibilidade. Comecei a olhar com mais cuidado para o mundo à minha volta e seus preconceitos,

suas diferenças. Passei a entender que eu faço parte de minorias e que o mundo tende a ser um lugar desafiador quando se nasce uma mulher. Mulher essa que vem de uma família de região periférica, classe média baixa, com poucos recursos e pouco acesso à cultura. Onde não seguir a heteronormatividade não é algo que se pode ser falado em voz alta, porque ainda é um tabu. Onde ninguém se refere a você como uma mulher negra, apenas ‘moreninha’ e desde cedo te dizem que você precisa alisar seu cabelo, porque naturalmente ele não é bonito. Viver de dieta, porque meninas não podem engordar. Entrei na faculdade e não sei como, nem porque, já disse uma vez que na minha família ninguém sabe quem é Manet. Ou Caravaggio, ou Duchamp. No entanto, percebo em mim a necessidade de discutir assuntos como feminismo, preconceito e racismo, que ainda são tão presentes em nossa sociedade, nas nossas famílias. Dessa forma meu trabalho nasce do desejo de entender como se desencadeou o processo de construção de identidade na vida de outras mulheres. Mulheres que eu admiro, mulheres nas quais eu me reconheço, mulheres pretas, mulheres periféricas, mulheres artistas.

Partindo desse princípio, convidei Yaya, que também é estudante do Curso de Pintura, para ser minha modelo ‘piloto’. Tinha como objetivo entrevistá-la e fazer um ensaio fotográfico e, conversando com alguns amigos sobre meus objetivos, uma pessoa em particular se interessou pelo projeto. A aluna de CVD (Comunicação Visual Design), Marina Hirakawa, me perguntou se poderia filmar o processo e produzir um pequeno vídeo. Acabei me empolgando com a ideia, principalmente pelo fato de que até então essa possibilidade parecia algo distante para mim, pois não é um material com o qual eu tenho muito contato. Fizemos essa entrevista e ensaio no dia 22/08, dos quais nasceram o vídeo e as imagens que usei de referência para os futuros trabalhos. Para ter acesso, basta aproximar a câmera do seu celular para o QRcode ao lado ou acessar o link: <https://www.youtube.com/watch?v=cpdmmz1kpeE>

Figura 12. QRcode para o vídeo da Yaya produzido por Marina Hirakawa.





Para o olhar direto com o espectador, e a ideia de sustentar esse olhar, como quem diz "essa sou eu. Eu nasci essa pessoa".

Para a fala "Acontece, estudante de Belas Artes, tem que acontecer" eu optei por uma das fotos de Marina que destaca essa mancha na calça.

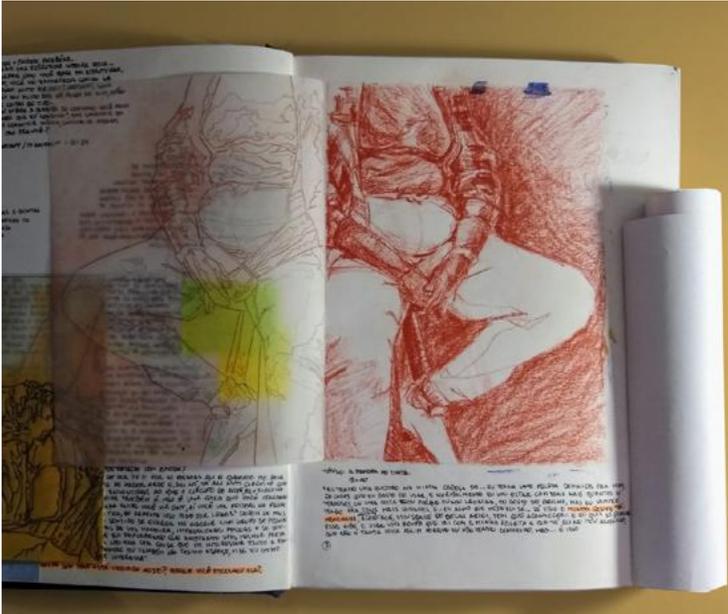


Figura 13. Print do board Linha do tempo Por Camadas na Miro. Fotos escolhidas a partir das falas da modelo. Fotografia: Marina Hirakawa.

Processo

Comecei a trabalhar na primeira foto, fruto do ensaio fotográfico, com estudo tonal. Não satisfeita com o resultado, trouxe a edição fotográfica por meio de um aplicativo como ferramenta para geração de novas possibilidades visuais. Gostei muito das linhas que foram se formando em meio a esses testes e acabei trazendo essa particularidade para o trabalho. A percepção de que o aplicativo trabalha com uma lógica de filtros e camadas foi um incentivo a pensar sobre esses termos com mais profundidade.

Como referência visual para realização desses trabalhos, tive como principal inspiração a série Layers do artista Nobuhiro Nakanishi, que encontrei na plataforma digital Pinterest. Apesar do trabalho consistir em impressões sobre vidro que formam a paisagem, trouxe a ideia dessa sobreposição de camadas que estava procurando trazer para o meu fazer artístico. Vale ressaltar também, que o ponto de partida para usar o vidro como suporte aconteceu de forma despreziosa, enquanto estava usando o aplicativo Instagram. Uma das artistas que sigo na rede social, Elly Smallwood, faz essas peque-



Figuras 14 e 15. Fotos do diário de pesquisa da artista.

nas pinturas em vidro com tinta óleo. Conversando com a professora Martha Werneck sobre a possibilidade de pintar na superfície transparente, ela me recomendou o verniz vitral. Ele me traria a materialidade e a transparência que permitiria trabalhar com camadas.

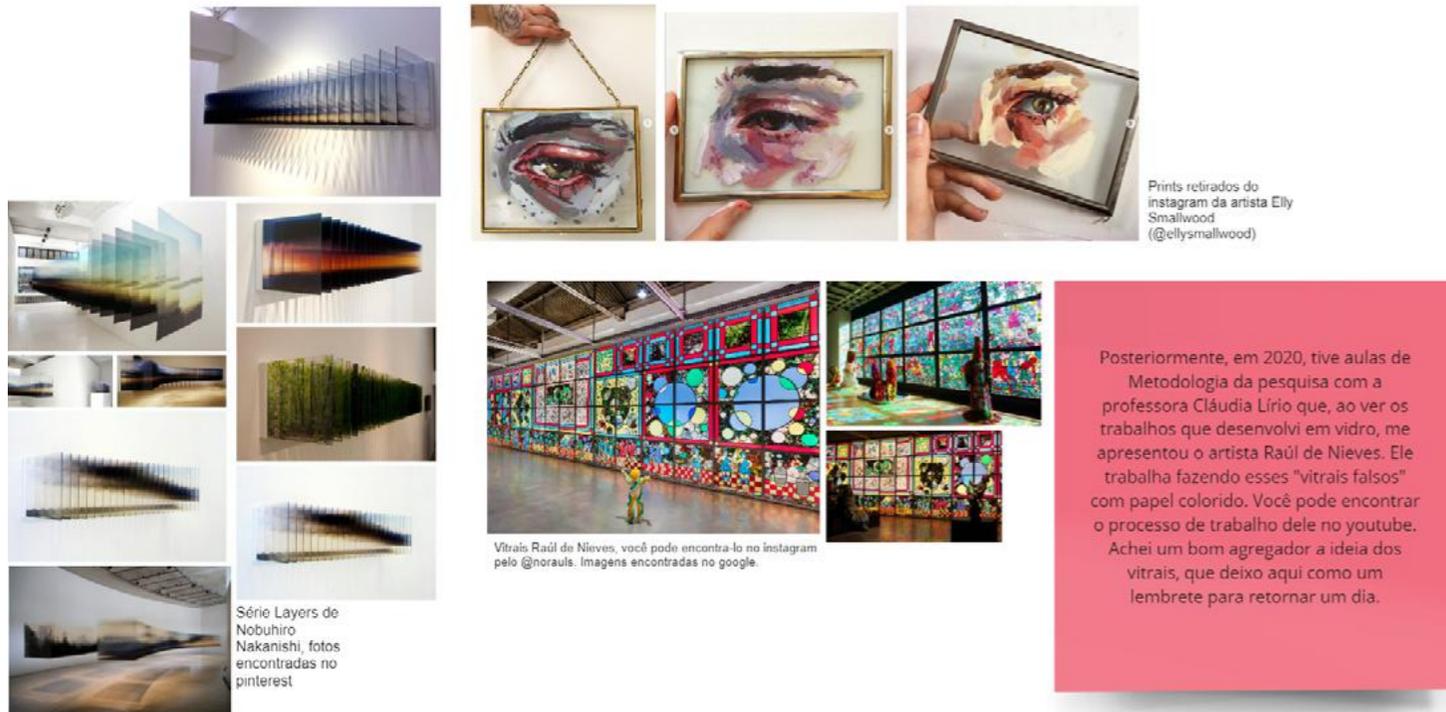


Figura 16. Print da Miro. Documentos de trabalho da artista. Da esquerda para direita: Nobuhiro Nakanishi, Elly Smallwood e Raúl de Nieves.

Os testes em vidro foram um desafio, porque o vidro era um suporte novo. A tinta, o verniz vitral, era um material que nunca tinha trabalhado antes e, a princípio, me senti bem perdida. Eu tinha em mente essa questão de pensar as cores primárias, e entre esses filtros criar a sensação de cores secundárias, mas nem sempre o resultado fica como a gente gostaria. No fim, eu decidi que o melhor a se fazer era continuar testando, tendo em mente que se não desse certo não era um grande problema. Perseverei nas cores primárias no trabalho da mancha, mas o que mais me incomodou foi a in-

definição do corpo e daquela mancha específica que eu tanto queria evidenciar no trabalho. A solução se deu por meio da Caneta Posca cinza, que resgatou a estética linear que eu tinha gostado tanto nas edições e trouxe o destaque à mancha. O que mais gosto no resultado final são as possibilidades de alterar a ordem das camadas, criando diversas possibilidades de visualidade.

Essa solução tornou-se algo de que gostei tanto que acabei fazendo um recorte na segunda foto, enquadrando o torço da modelo, e fiz uma repetição dessas linhas em vidros diferentes, criando um novo trabalho, tendo como destaque a repetição do desenho linear. A partir disso tirei fotos de cada uma das dez camadas sendo sobrepostas, gerando um pequeno vídeo feito por minha amiga Raíssa Joanna.

Com o tempo, entendi que minha pesquisa poderia ser um projeto, algo com a capacidade de crescer e estar além do meu diário de artista. Tendo isso em mente, cheguei à conclusão de que o projeto precisava de um nome: Por Camadas.

Para chegar a esse nome, fiz duas listas de palavras-chave:



Figura 17. Mancha. Verniz vitral e caneta posca sobre 6 camadas de vidro sobrepostos. 20x15cm, 2019.

Figura 18. Print de post-its da Miro da artista.



A escolha final da palavra camadas partiu de um pensamento particular de sempre ter me sentido dividida em muitas partes, ter momentos e fases diferentes. Refinando a ideia, pensei sobre como nós, seres humanos, somos cheios dessas camadas, sejam elas físicas ou emocionais, mas partiu, principalmente, da ideia de sermos divididos em duas: as superficiais, que seriam mais relacionadas ao que consumimos, camadas que mostramos primeiro, que são 'fáceis' e que buscamos ter em comum com as outras pessoas. E camadas profundas, que são relacionadas à nossa identidade, à pessoa que estamos construindo para nós mesmos, com nossos individualismos e particularidades. O "por" é literal e metafórico. É um jogo fonético de palavras, que se relaciona tanto a "por entre camadas" como ao verbo "pôr camadas". Depois de ter o nome, trouxe o vidro como um tipo de suporte para o trabalho, fazendo essa relação ao "pôr" literal, adicionando filtros de cor em cada uma das camadas de vidro, pensando em uma questão também de teoria

da cor com a relação de contrastes entre as cores primárias e cores complementares.

Em conclusão ao ano de 2019, apresentei um cartaz sobre o projeto na 10ª SIAC da UFRJ ao lado das minhas queridíssimas companheiras de grupo Mariana Dias Alonso e Karen Cariello.

Figuras 19 e 20. Poster para exposição na SIAC 2019 ao lado de Mariana Dias e Karen Cariello.



Figura 21. Yaya em vidro camadas. Caneta posca sobre 10 camadas de vidro sobrepostas. 15x10cm, 2019.

O que é a pintura para você?

“Pintura pra mim é um processo. Dificilmente encontro um fim.” (11/09/2019)

O trecho anterior faz parte de um dos trabalhos que realizei na disciplina Pintura V. Gosto de ter essa metodologia, voltar ao que estava escrevendo anteriormente para acrescentar ao presente. Portanto, é válido dizer que todo ‘O meio’ transita entre os anos de 2020, 2021 e 2022, sem que as partes pertençam necessariamente a um único lugar. É importante entender que o desenvolvimento desse projeto não se dá de forma linear. Sempre gostei de escrever sobre meu trabalho. Às vezes produzo mais palavras que pinturas, mas não vejo um problema nisso. Na verdade, sempre enxerguei a escrita como parte imprescindível da minha produção artística.

Em 2019 eu tinha planos que envolviam voltar à Escola de Belas Artes em março e recomençar minha ‘pesquisa etnográfica’. Entrar em contato com a Yaya, encontrar novas modelos e, enfim, me inserir no meu próprio trabalho. No entanto, a pandemia aconteceu, deixando todos esses objetivos em modo de espera. Honestamente, é difícil de explicar em que momento eu comecei a construir esse novo segmento relacionado à questão das redes sociais, porque o ano de 2020 foi coberto de inconstâncias. Antes da pandemia, por exemplo, eu acreditava que meu trabalho precisava ser visto. Entendia que parte da minha pesquisa tinha como objetivo dar visibilidade às mulheres que gostaria de pintar. Cheguei a criar um instagram para o projeto e planejei compartilhar o processo de construção desses trabalhos por lá. No entanto, apesar de ter feito a conta, no final de 2019 eu desativei todos os perfis públicos que eu tinha na plataforma. A exposição simplesmente passou a me incomodar e me assustar, mas até então não sabia explicar o porquê. Como solução para o problema, passei a usar uma conta privada alternativa onde, de forma natural e inconsciente, comecei a registrar todo processo de construção deste TCC, desde o desenvolvimento de textos até fotos e vídeos postados nos Stories⁴.

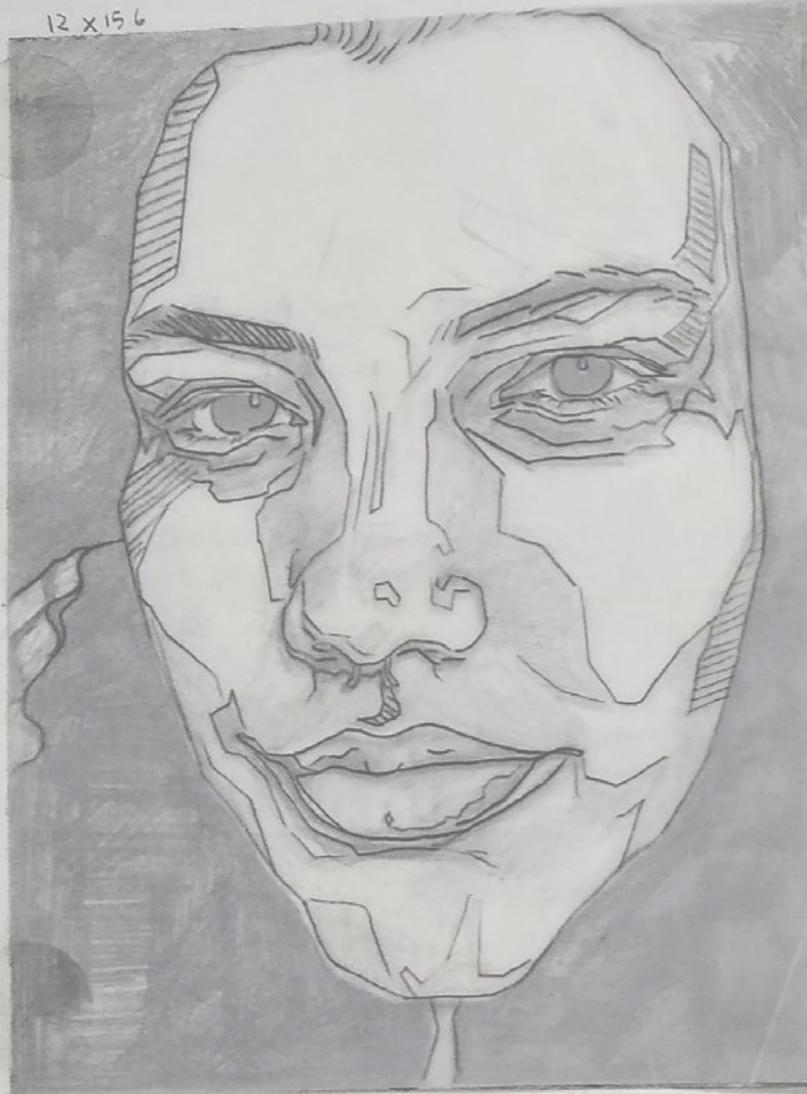
Não sei justificar o que me motivou a me fechar nessa rede social e porque

4. Ferramenta do aplicativo Instagram que permite o compartilhamento de vídeos e fotos para os usuários com durabilidade de 24h.

se tornou tão difícil me manifestar no perfil que eu usava, mas acredito que tenha sido uma combinação de fatores. Entre eles, um dos que escrevi em meu diário de pesquisa em 13 de julho de 2020 foi: ‘quando desativei o Instagram que usava, foi por me sentir vulnerável. Depois de um tempo, percebi que o Instagram me impedia de ser eu mesma’. Acredito que essa nova fase da pesquisa, onde preciso ‘abandonar’ a ideia que eu tinha construído para o meu TCC pré-pandêmico e me adaptar à realidade da quarentena, começa a ganhar forma quando percebo a angústia que desenvolvi com o uso das redes sociais. Passei, então, a escrever sobre o assunto.

Em 2020 escrevi em meu diário a primeira versão dos textos que viriam a ser base para as duas séries de pinturas produzidas, são eles: **Como você é quando abre sua câmera frontal?** e **O filtro e a verdade: Problematização e denúncia**. O processo de construção deles foi parecido. Basicamente percebi algo que me incomodava e comecei a falar sobre isso em Stories no meu perfil privado da rede social. Desde então revisitei esses pensamentos incontáveis vezes, escrevendo e me aprofundando nessas questões com embasamento histórico e teórico sobre os assuntos abordados ao longo desses dois anos. Sendo sincera, não acredito que a versão mais recente dos textos seja a versão final. Portanto, o que trago para o TCC são apenas versões resumidas que contam com autores lidos e outras referências. Além destes escritos, falo brevemente sobre o texto **Documentos de trabalho: Dos recortes na parede do quarto até a Miro**, que discorre sobre minhas influências artísticas e metodologia ao longo dos anos, e também **Porque pintar mulheres e porque mulheres não brancas?**, que justifica a seleção de modelos do Projeto Por Camadas.

12 x 15 6



NO FINAL DE 2019 EU DESATIVEI MINHA CONTA "OFICIAL" DE INSTAGRAM, AQUELA PÚBLICA QUE TODO MUNDO TEM ACESSO. FAMÍLIA, AMIGOS, COLEGAS, GENTE QUE FREQUENTOU A MESMA ESCOLA, GENTE QUE CONHEÇO DE VISITA DA FACULDADE, DESCONHECIDOS.

EM ALGUM MOMENTO DA MINHA VIDA JOVENI ADULTA, ENTRE 2016 E 2018, EU FIZ O QUE AS PESSOAS CHAMAVAM DE DIX: UMA CONTA PRIVADA, ONDE APENAS PESSOAS MAIS PRÓXIMAS TEM O "PRIVILÉGIO" DE TE SEGUIR. NA ÉPOCA QUE CRIEI EU NÃO SABIA QUE ERA UM DIX. ERA APENAS UMA CONTA PRA POSTAR TODAS AS FOTOS BOBAS, PORÉM IMPORTANTES QUE EU NÃO QUERIA PERDER OU ESQUECER. DE NOVO, DE NOVO PORQUE EU CRIEI ESTE "FUTURO DIX" DEPOIS QUE MEU CELULAR TINHA QUEBRADO QUEBROU. DEPOIS DE UM TEMPO EU ACABEI ME CANSANDO OU ESQUECENDO DE POSTAR FOTOS, E A NECESSIDADE DE ACUMULAR FOI DIMINUINDO.

EM 2020 EU VOLTEI A USAR ESSA CONTA. POUCAS PESSOAS SABIAM DA EXISTÊNCIA DELA, ALGUNS AMIGOS MUITO PRÓXIMOS, E SÓ. HOJE, QUASE AGOSTO, TEM UM TOTAL DE 26 OUTRAS CONTAS ME SEGUINDO.

SENDO USUÁRIA DO INSTAGRAM HÁ TANTOS ANOS, POSSO DIZER QUE ACOMPANHO A EVOLUÇÃO DA REDE SOCIAL DESDE SUA PRIMEIRA E ÚNICA FUNÇÃO: TIRAR E COMPARTILHAR FOTOS INSTANTANEAMENTE, (PODENDO-SE UTILIZAR AQUELES FILTROS QUE HOJE NINGUÉM USA). E POSSO AFIRMAR QUE, COM

AS ATUALIZAÇÕES QUE ESSA REDE SOCIAL FOI GANHANDO, COMO STORIES E "MELHORES AMIGOS", OS DIX FORAM PERDENDO UM POUCO DO SEU ESPAÇO. NO ENTANTO, AS FORMAS DE SE UTILIZAR O INSTAGRAM APENAS SE EXPANDIRAM. HOJE, O INSTAGRAM NÃO É APENAS UM ESPAÇO PARA EXIBIR FOTOS GRANFIAS. O INSTAGRAM PODE SER FONTE DE RENDA, PRODUTOR DE CONTEÚDO, LOJA, INSPIRAÇÃO, DIVULGAÇÃO, PORTFÓLIO, ESTILO DE VIDA. A QUESTÃO É: ATÉ QUE PONTO ISSO É BENEFÍCIO PARA NOSSA SOCIEDADE? EM QUE MOMENTO O INSTAGRAM SE TORNA VEÍCULO DE PRESSÃO ESTÉTICA, ANSIEDADE, TRANSTORNOS ALIMENTARES, DEPRESSÃO E MENTIRAS? E COMO ISSO NOS ATINGE? COMO ISSO NOS AFETA? SERÁ QUE AGENTE PERCEBE?

EU SÓ PERCEBI ESSE ANO. ENTENDEI QUE O INSTAGRAM ADOECIA. E ME ADOECIU POR MUITO TEMPO. ENTREI EM UMA RELAÇÃO DE AMOR E ÓDIO COM A REDE SOCIAL. NUNCA DEIXEI DE USÁ-LA. NA CONTA PRIVADA QUE ATÉ HOJE USO, PERCEBI CERTAS MUDANÇAS NO MEU COMPORTAMENTO. TALVEZ SEJA COINCIDÊNCIA, OU MATUREZA, MAS NESTA CONTA EU ME EXPONHO DE FORMAS QUE EU NÃO COGITARIA NAQUELE INSTAGRAM ABERTO. EU MEDOU LIBERDADE PARA SER EU MESMA SEM ME PREOCUPAR COM QUEM ESTÁ VENDO, AFINAL DE CONTAS, QUEM ESTÁ VENDO ME CONHECE. NÃO ESTOU FILANDO APENAS DE PERSONALIDADE, MAS TAMBÉM IMAGEM. EU NÃO ME IMPORTO SE ESTOU "FEIA" OU "BONITA", GORDA OU MAGRA. NÃO ESPERO SER VALIDADA POR NÚMEROS, DE LIKES OU SEGUIDORES. NÃO ESPERO SER REDUZIDA A ISSO, NÃO QUERO REDUZIR O OUTRO A ISSO. NÃO QUERO SER O REFLEXO DE UMA SOCIEDADE FÚTIL. NÃO QUERO CÉDER, MAS TODOS CÉDEMOS AS VEZES. TODOS NOS PREOCUPAMOS COM AS APARÊNCIAS, UM POUCO. MAS TODOS TEMOS POTENCIAL PARA SER MELHOR, PESSOAS MELHORES. NÃO PELO OUTRO, MAS POR NÓS MESMOS.

Como você é quando abre sua câmera frontal?

É o texto onde falo um pouco sobre esse movimento de reclusão das redes pelo qual acabei passando pouco antes da pandemia. Explico o que seria um Dix⁵, suas peculiaridades, e como seu uso me ajudou a perceber que a forma como eu utilizava no meu perfil aberto do instagram, a preocupação com a própria imagem e número de seguidores, estava me adoecendo. No Dix a pressão que eu colocava em meus ombros sobre o que postar na rede social diminuía drasticamente, assim como minha ansiedade. Dessa forma passei a refletir sobre como o uso exacerbado do instagram prejudica a nossa auto estima e desenvolvimento. Sobre essa questão, relembro o documentário O dilema das redes (2020), da plataforma Netflix, que apresenta diversos trabalhadores da área de tecnologia para falar sobre as consequências que estamos enfrentando ao usufruir de forma ilimitada e, arrisco dizer, inocente, as redes sociais. Não temos, de fato, um entendimento sobre o que estamos consumindo diariamente e de que forma estamos sendo prejudicados em diversas áreas de nossas vidas. No longa, somos apresentados a casos hipotéticos onde personagens de diferentes idades que fazem uso de mídias sociais, entre eles uma menina de apenas 11 anos. Ela rapidamente, desenvolve insatisfações com relação à própria imagem após ganhar um celular. Esse caso em especial me chama atenção porque, além de me relacionar e sentir afetada da mesma maneira, me lembra que o gênero feminino desde a primeira infância é sempre validado a partir da imagem. Como diz Naomi Wolf em seu livro O Mito da beleza: "O que é mais instigante, nossa identidade deve ter como base nossa 'beleza', de tal forma que permaneçamos vulneráveis à aprovação externa, trazendo nossa autoestima, esse órgão sensível e vital, exposto a todos". (WOLF, 2018, p.31).

Outra leitura que fiz foi a de A sociedade do espetáculo (1997) de Guy Debord, onde o autor fala que somos apresentados a um modelo de vida espetacular e performático visto nos cinemas e no audiovisual em geral que, sobretudo, tem como intuito

5. Perfil secreto dentro do próprio Instagram, fechado para poucas pessoas.

promover o capitalismo. Embora a primeira versão de seu livro tenha sido publicada há mais de 50 anos, me questiono: Não é exatamente isso que estamos vivendo? A realidade em que nós somos os espectadores não somente da tela da TV, como também do celular? Quando Bette Davis, estrela de cinema, diz: “A televisão é maravilhosa. Não apenas nos dá dor de cabeça, mas também, em sua publicidade, encontramos os comprimidos que nos darão alívio” (NOGUEIRA, p.157), imediatamente relaciono às redes sociais. A semelhança com o mundo contemporâneo se dá quando a dor de cabeça seria um estilo de vida, um corpo e um rosto idealizados graças ao mito da beleza, e um número que nunca é o suficiente de seguidores, enquanto o remédio, por sua vez, é encontrado no próprio Instagram que oferece não somente formas de você inventar uma realidade falsa, com os filtros e as edições de imagens, como também traz em seus anúncios e perfil dos usuários as soluções para os seus problemas. Então volto à máxima: O Instagram é consumo. E, como rede, nos diz constantemente que não somos o suficiente.

Também associo a realidade que estamos vivendo, onde, inevitavelmente, avaliamos e somos avaliados a partir de números de curtidas e seguidores, ao primeiro episódio da terceira temporada da série Black Mirror (lançado em 2015), Queda livre, e cito a introdução do livro Vida para consumo de Bauman, quando ele compara o lançamento de uma nova rede social a “abrir o mais novo bar em uma área nobre”, onde “todo mundo que é alguém precisa ser visto” (BAUMAN, 2008, p.8) o que, de fato, tem acontecido ao longo dos anos. Enquanto reviso esta monografia, inclusive, já percebo um novo movimento migratório dos jovens para o mais recente TikTok. Isso me faz pensar em

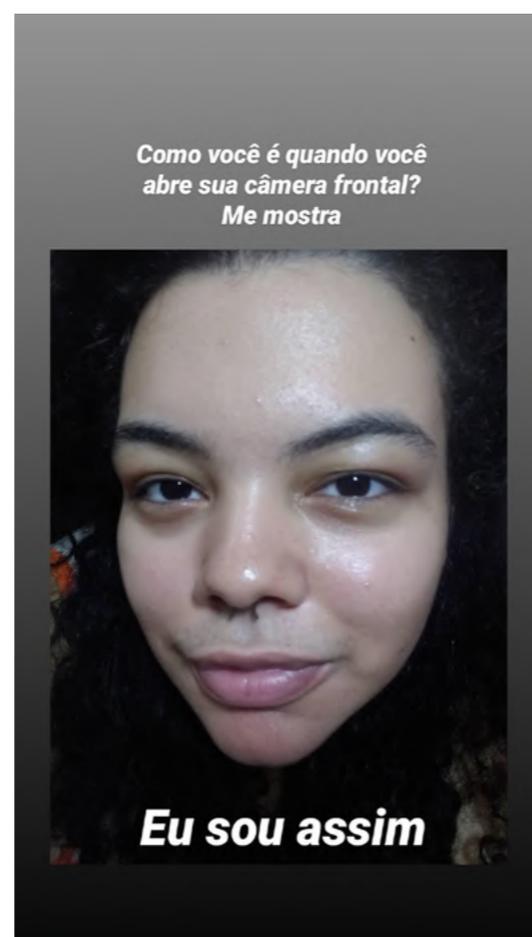


Figura 22. Foto postada nos Stories do Instagram privado da artista no dia 04/05/2020.

outra questão abordada pelo autor e discutida no episódio da série da Netflix, que é a declaração da morte social, ou seja, quando você não participa ativamente das redes você não está conectado e não vive socialmente. Isso é exatamente o que, sem perceber, acabei fazendo ao desativar meu perfil aberto no Instagram.

Quando tirei a foto que dá nome ao título desse texto, jamais imaginei que isso desencadearia parte importante do meu TCC. Nunca pensei que me desenharia a partir dessa imagem, ou que pensaria em pintar algo nesse sentido. Simplesmente tirei a foto porque estava em um dia bom. Um dia em que minhas inseguranças não estavam gritando comigo, apesar de meus dedos automaticamente terem se guiado para o botão de deletar. Não apaguei. Decidi olhar com carinho para o meu rosto. Sem edições, sem maquiagens, sem filtros e, acima de tudo, sem cobranças. Naquele momento foi algo que fiz sem entender, mas hoje, após todas essas leituras, percebi que eu me sinto desconfortável em expor minha imagem nas redes sociais porque somos a todo tempo influenciados a seguir um padrão de beleza construído pela indústria e disseminado pelas grandes mídias que é, para muitos de nós, inalcançável. Na conta privada que passei a usar percebi certas mudanças em meu comportamento. Talvez seja coincidência, ou maturidade, mas no Dix eu me exponho de formas que eu não cogitaria no Instagram aberto. Então resolvi testar algo: Postar a foto nos stories e pedir por fotos semelhantes em troca. Não estou dizendo que foi fácil, mas postar a foto tão...crua... me fez sentir livre. Parece irônico que eu tenha sentido a necessidade de me privar da maioria das pessoas para conseguir me expor. De todas as pessoas que eu permitia no perfil privado, cerca de 25 naquele momento, apenas uma me enviou uma foto parecida. Perguntei nos stories o porquê de a maioria dos amigos que eu mantinha no Dix não terem me enviado uma foto e as respostas, percebi, me mostraram que, assim como eu, muitos deles se sentiam expostos, inseguros, vulneráveis até, usando a rede social.

No mesmo dia, escrevi a primeira versão do que viria a ser o texto Como você é quando abre sua câmera frontal? falando sobre todo o processo que me levou a postar a foto. Decidi que investiria em pinturas que captam versões nossas que poucas vezes nos sentimos confiantes o suficiente em mostrar para o mundo.

NO DIA 13/03/20 EU POSTEI DESPREZIOSAMENTE UM STORY QUE DIZIA "VALORIZEM A BELEZA DE VOCÊS SEM OS EFEITINHO MANEIRO. ABRAÇO". EU ESTAVA SORRINDO. NAQUELE DIA EU NÃO SABIA QUE ESSA FRASE RETORNARIA CABEÇA EM TODOS OS MOMENTOS QUE EU POSTAVA NOVOS COM FILTROS.

RESOLVI ADOPTAR O SEGUINTE MÉTODO: SE VOU POSTAR UMA FOTO USANDO FILTRO, VOU POSTAR TAMBÉM UMA FOTO SEM O FILTRO. SÓ PORQUE EU PRECISO DESSA DIFERENÇA PRECISO SABER QUE APESAR DE OS FILTROS MUDAREM A MINHA APARÊNCIA E ME FAZEREM SENTIR BONITA, EU JÁ SOU BONITA NATURALMENTE. PRECISO RECONHECER E VALORIZAR MINHA BELEZA ASSIM.

UM TEMPO DEPOIS, EU LI EM UM STORY A SEGUINTE FRASE "MANDEM FILTROS, PERDI OS MEUS E É DIFÍCIL ACHAR FILTROS QUE FIQUEM BONS NA MINHA PELE". FOI QUANDO EU ENTENDEI QUE A SOLUÇÃO PARA OS FILTROS NÃO É SIMPLES ASSIM. EU PENSEI: ESPERA AÍ. PORQUE EU NUNCA PERCEBI ISSO? EU ME QUESTIONEI: O QUE TEM NOS FILTROS QUE ME FAZ SENTIR BONITA? ENTÃO EU ENTENDEI. E ME SENTI MEIO ESTORPIADO POR NÃO TER ENTENDIDO ANTES.

NO DIA 04/06/20 EU ENCONTREI UM FILTRO QUE NÃO "ENCAIXAVA" EM MIM E USEI DELE PARA ABRORDAR ESSES ASSUNTOS, QUE ESTAVAM MARTELANDO NA MINHA CABEÇA HAVIA UM TEMPO. QUERIA USAR DESSE FILTRO PARA FALAR SOBRE ALGO QUE NÃO FAÇA DIFERENÇA NA SUA VIDA, E QUE VOCÊ, PROVAVELMENTE NÃO PERCEBERIA, MAS JÁ PAROU PARA NOTAR QUE A MAIOR PARTE DESSOS FILTROS DO INSTAGRAM (ASSIM COMO MUITAS COISAS) SÃO FEITOS E DESENVOLVIDOS EXCLUSIVAMENTE PARA PESSOAS BRANCAS E EU NÃO ESTOU FALANDO A PARTIR DA MINHA EXPERIÊNCIA. MUITAS VEZES OS FILTROS NÃO FICAM TÃO RÍDICULOS EM MINHA PELE NÃO É RÁPIDA (E ATÉ POUCO TEMPO ATRÁS EU TINHA PARADO PARA PENSAR NISSO), SÓ ESTOU DIZENDO QUE MAIS UMA DAS COISAS QUE PASSAM DESAPERÇEBIDAS E QUE NÃO FAZEM NADA NA MINHA VIDA OU NA SUA, PORQUE NÃO NOS APARECEM DEVE SER NO MÍNIMO CHATO QUE ALGO TÃO BANAL E ÓBIVAMENTE PARA MUITA GENTE NÃO FUNCIONA DA MESMA FORMA PARA TODAS AS PESSOAS. ISSO PORQUE EU NÃO ENCONTREI NO CRITÉRIO DE SELECÇÃO DE MANIPULAÇÃO DE FEIÇÕES QUE NÃO CONDIZEM COM O PADRÃO ESTÉTICO OCIDENTAL. É UM EMBRANQUECIMENTO VERGONHOSO QUE, PESSOALMENTE, EU ACHO QUE SÓ FAZ AS PESSOAS SE ENGANAREM E EVIDENCIAR O QUANTO A NOSSA SOCIEDADE É ARTIFICIAL AO NÍVEL RÍDICULO. NÃO ESTOU DIZENDO QUE PESSOAS DEVIAM APLICAR A "POLÍTICA DO CANCELAMENTO" OU SEJA LÁ O QUE ESTÃO FAZENDO COMO FORMA DE ATIVISMO DE REDE SOCIAL QUE, HONESTAMENTE, NÃO MUDA A VIDA DE NINGUÉM. NÃO TÔ DIZENDO QUE NÃO DEVE SER USADO, ATÉ PORQUE EU CANSO DE ME VER COM ESSAS "LENTES" DE FILTRO. ESTOU DIZENDO QUE, PRIMEIRAMENTE, A GENTE DEVE SABER RECONHECER QUE:

1. ESSES FILTROS NÃO SE APLICAM A TODO MUNDO. E ISSO É UM PROBLEMA.
2. ESSES FILTROS EXALTAM E IMPOEM UM PADRÃO ESTÉTICO BRANCO.
3. ESSES FILTROS FAZEM AS PESSOAS DESVALORIZAREM BELEZAS REAIS, PRINCIPALMENTE, AS SUAS PRÓPRIAS. E AÍ ESTÁ MAIS UM PROBLEMA. TENDO TUDO CONSCIÊNCIA DE TUDO ISSO, TUDO BEM, NINGUÉM VAI HORRER PORQUE VOCÊ USA FILTROS.

HOJE, DIA 28/07/20, EU SINTO QUE NÃO FALEI O SUFICIENTE. É IMPORTANTE FALAR SOBRE OS FILTROS NÃO FUNCIONAM PARA TODOS PORQUE O FATO DE VOCÊ TER FILTROS QUE TE EMBRANQUECEM ARTIFICIALMENTE É NADA MENOS QUE RACISMO. COMO TODOS SABEMOS, NOSSO PAÍS É EXTREMAMENTE MISCEGENADO DEVIDO A UMA POLÍTICA DE BRANQUEAMENTO DA POPULAÇÃO PROMOVIDA PELO GOVERNO ENTRE OS SÉCULOS XIX E XX. AQUI, HOVE-SE A ESTIMULAÇÃO DA MISTURAGEM A FIM DE PROMOVER O "PARDO" COMO A "COR" DO BRASILEIRO. ESSAS MEDIDAS, NA PRÁTICA, TROUXERAM IMIGRANTES EUROPEUS PARA O BRASIL OFERECENDO TERRAS E AUXÍLIO. AO MESMO TEMPO QUE A POPULAÇÃO NEGRA ERA ABANDONADA. UM BOM EXEMPLO DISSO NA TINTURA É O QUADRO A REDENÇÃO DE CAM, NO QUAL UMA SENHORA NEGRA AGRADECE AOS CÉUS POR SEU NETO TER NASCIDO BRANCO. BELEZA! MAS O QUE TUDO ISSO TEM A VER COM OS FILTROS DO INSTAGRAM? AS MEDIDAS TOMADAS NO PASSADO TEM CONSEQUÊNCIAS ATÉ OS DIAS DE HOJE. NO BRASIL + DE 50% DA POPULAÇÃO É DE PRETOS E PARDOS. MAS PARDO NÃO É COR. NÃO SOMOS BRANCOS. NÃO SOMOS UM PAÍS DE BRANCOS, NÃO SOMOS "MULATAS" OU "MORCENOS", SOMOS PRETOS. NO ENTANTO, MUITOS DE NÓS NÃO NOS RECONHECEMOS COMO TAL. AQUI, PARECE QUE ENCHEMOS A BOCA PARA FALAR DE DEGENDÊNCIA EUROPEIA, MAS NEGAMOS NOSSA ORIGEM AFRICANA, NÃO CONHECEMOS NOSSA HISTÓRIA. CRESCEMOS APRENDENDO A CAMUFLAR NOSSOS TRAÇOS PARA SERMOS SOCIALMENTE ACEITOS. É O QUE ESSES FILTROS FAZEM AO "SUAVIZAR" NOSSOS TRAÇOS É VIABILIZAR ESSE BRANQUEAMENTO IMPOSTO. ESSES FILTROS SÃO CONVÊNIENTES PRO BRASILEIRO QUE NÃO SE ACEITA COMO PRETO, ILUSÃO. ATINGEM A AUTOESTIMA DA GENTE. É UM APAGAMENTO DE CORPO E IDENTIDADE. PODE LEVAR PESSOAS A SE SUBMETEREM A PROCEDIMENTOS ESTÉTICOS INVASIVOS DOS QUAIS ELAS NÃO NEECESSITAM, MAS PROCURAM PARA ESTAR MAIS PRÓXIMA DO PADRÃO EUROCENTRICO. MAS ENTÃO, QUAL É A SOLUÇÃO? FILTROS DESSE TIPO DEVERIAM SER BANIDOS ENTÃO?

FILTROS E A VDD PROPORÇÃO:

REV:	6,5 x 12,9	8
LUIZA:	6,5 x 11,5	4
LUIZA + ABRAÇO:	6,5 x 11,5	6
YOLLY:	6,5 x 13,1	2

O Filtro e a Verdade: problematização e denúncia

Postei o primeiro Stories que remeti a minha pesquisa no dia 13/03/20. Dizia: valorizem a beleza de vocês sem os efeitos maneiro, abraço. Eu estava sorrindo. Naquele dia eu não sabia que essa frase retornaria a minha cabeça em todos os momentos que eu postava novos Stories com filtros.

A partir daí resolvi adotar o seguinte método:

Se eu postar uma foto usando filtro, vou postar também uma foto sem o filtro. Só porque eu preciso dessa diferença. Preciso saber que, apesar dos filtros mudarem a minha aparência e me fazerem sentir bonita, eu já sou bonita naturalmente. Preciso reconhecer e valorizar minha beleza. Simples assim.

Um tempo depois, eu li no Story de uma pessoa preta a seguinte frase: "mandem filtros, perdi os meus e é difícil achar filtros que fiquem bons na minha pele". Foi quando eu entendi que a solução não era tão simples. Pensei: por que eu nunca percebi isso? e me questionei: o que há nos filtros que me faz sentir bonita? Me senti meio ingênua por não ter refletido sobre isso antes.

No dia 04/06/20 eu encontrei um filtro que não 'encaixava' em mim e usei dele para abordar esses assuntos que já estavam martelando na minha cabeça havia um tempo. Escrevi um texto nos Stories onde eu falava sobre como a maior parte desses filtros do Instagram são desenvolvidos exclusivamente para peles claras. Disse:

A gente deve reconhecer que:



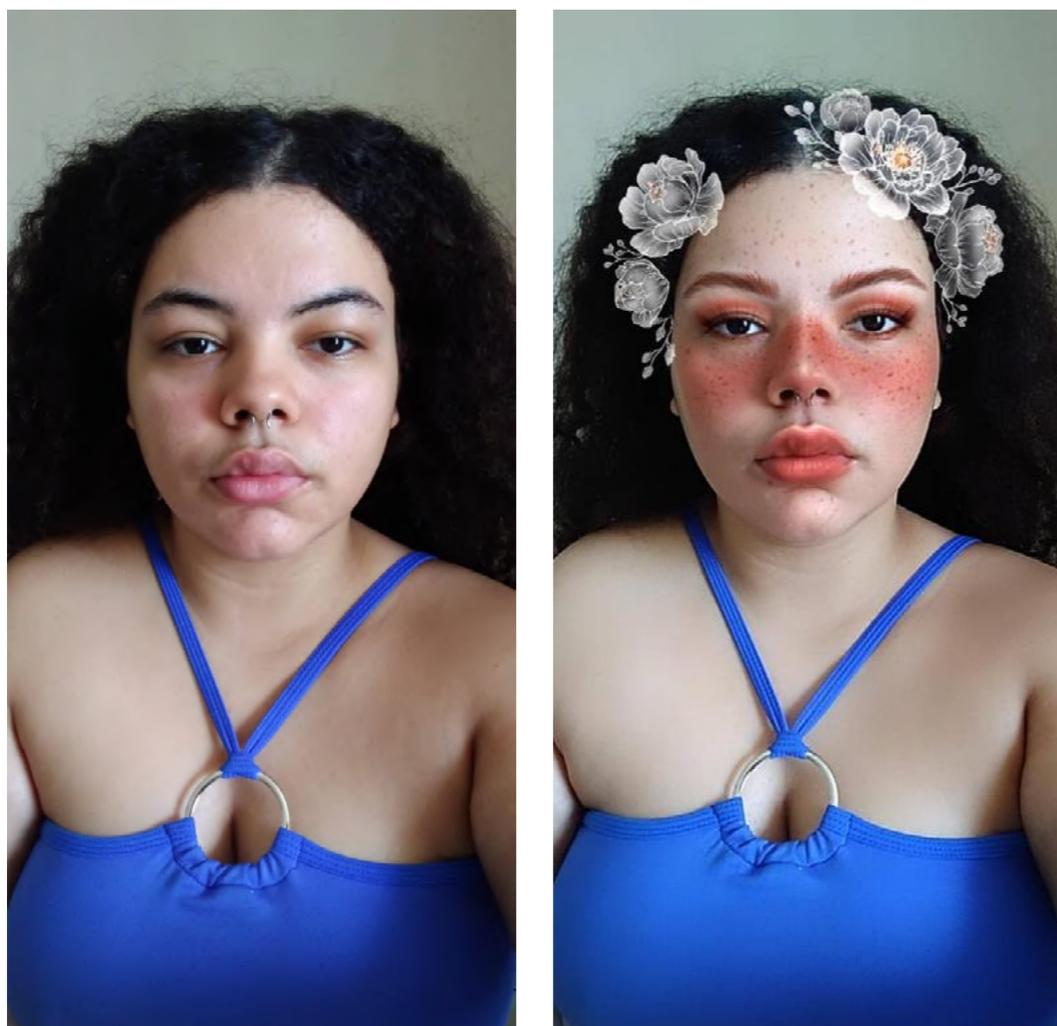
Valorizem a beleza de vcs sem os efeitos maneiro Abraço

Figura 23. Foto postada nos Stories do Instagram privado da artista no dia 13/03/2020.

Esses filtros exaltam e impõem um padrão estético branco. E isso também é um problema.

Esses filtros fazem as pessoas desvalorizarem belezas reais, principalmente, as suas próprias. E aí está mais um problema.

Tendo consciência de tudo isso, tudo bem. Ninguém vai morrer porque você usa filtros de Instagram. Só não esqueçam de valorizar as belezas reais, inclusive as suas.



Figuras 24 e 25. Fotos com e sem filtro tiradas com o aplicativo instagram. Filtro: Spring by elya.mask.

Não satisfeita, um mês depois voltei a escrever sobre o assunto. Dessa vez disse:

É importante falar sobre os filtros que não funcionam para todos porque o fato de você ter filtros que te embranquecem artificialmente é nada menos que racismo. E na contemporaneidade brasileira, levantar o tópico te faz ouvir frases como “mas hoje em dia tudo é racismo” quando, na verdade, sempre fomos um país racista. Apenas aprendemos a disfarçar o racismo dentro de uma suposta cordialidade advinda da convivência.

Em O Filtro e a verdade me aprofundi na leitura de Pequeno manual antirracista de Djamila Ribeiro e alguns artigos para falar sobre o que foi a política de branqueamento da população brasileira promovida pela elite branca entre os séculos XIX e XX, que trazia a miscigenação como ‘solução’ para o excesso de negros no país. Também falo um pouco sobre o racismo científico e como ele foi interpretado de modo a favorecer essa política, uma vez que se entendia que miscigenando brancos e pretos a predominância fenotípica branca prevaleceria. Trago como exemplo na pintura o famoso quadro A redenção de Cam, do pintor brasileiro Modesto Brocos (acervo do Museu nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro, 1895), no qual uma senhora negra agradece aos céus por seu neto, filho da filha mestiça



Figura 26. A redenção de cam, Modesto Brocos. Óleo sobre tela. 199x166cm, 1895. Museu Nacional de Belas Artes.

com um homem branco, ter nascido branco, o que comprovaria, por assim dizer, essa 'benção'. Na prática, as medidas tomadas para o branqueamento trouxeram imigrantes europeus para o Brasil, oferecendo terras e auxílio, ao mesmo tempo que a população negra sofreu com diversas medidas governamentais que impediam o seu crescimento e independência pós escravatura.

Mas o que tudo isso tem a ver com os filtros do Instagram?

As medidas tomadas no passado têm consequências até os dias de hoje. No Brasil, segundo o IBGE, mais de 50% da população é de pretos e pardos. Embora tenham tentado, não somos um país majoritariamente constituído por brancos, os mestiços não foram extintos e os pretos não desapareceram. O número de pessoas que se autodeclararam pretos e pardos só veio a aumentar a partir de 2012. Por séculos, não nos reconhecemos como verdadeiramente somos. Esse projeto de hegemonia branca do século XIX nos fez, a todo custo, evitar a palavra preto. Não queríamos ser vistos ou associados a um. E esse comportamento ainda reflete, nos dias de hoje, na forma como nos vemos e como somos vistos.

Acredito que o número de pessoas que se autodeclararam pretas e pardas tenha crescido desde então, principalmente, devido à representatividade positiva que temos conquistado aos poucos e aos espaços que estamos cada dia mais ocupando e declarando como pertencentes a nós, como a própria universidade, com a política de cotas implementada pelos governos Lula e Dilma. Hoje podemos ver heróis e princesas negras nos filmes, embora, lamento dizer, ainda estejamos distantes da tão sonhada democracia racial. Não é preciso voltar muito no tempo para perceber o quanto o racismo ainda estrutura nosso país tão diversificado e afeta nossas vidas. Durante a minha própria infância e adolescência, por exemplo, lembro de ter visto diversas mídias fazendo uso de racismo recreativo como forma de entretenimento. Um bom exemplo disso é a cena de 'transformação' no filme Diário da princesa (2001), onde Mia, personagem principal que usava óculos e tinha cabelos cacheados bem cheios, tem seus fios alisados e óculos retirados. Há até mesmo uma certa zombaria no momento em que o cabeleireiro vai pentear o cabelo da jovem já que, fazendo um esforço teatral para realizar a tarefa, a escova

é quebrada ao meio. Hoje percebo o quanto exemplos como o desse filme impactavam involuntariamente nas minhas escolhas, penso em quantas vezes acreditei que ter o cabelo liso seria a solução para todos os meus problemas. Em Tornar-se Negro, livro de Neusa Santos Souza originalmente publicado em 1983, a autora trás um tópico chamado "representação de si", onde entrevista e escuta diversas pessoas rebaixarem-se e/ou negarem sua própria cor. Entre todas as falas de seus entrevistados, recorto:

"... O negro é o símbolo de miséria, de fome... a cor (preta) lembra miséria... Acho que o que me faz fugir do lance negro é o lance da pobreza: pobreza em todos os sentidos financeira e intelectual." (Carmen)

"Eu me achava muito feia, me identificava como uma menina negra, diferente... Todas as meninas tinham o cabelo liso, nariz fino. Minha mãe mandava eu botar pregador de roupa no nariz pra ficar menos chato... Eu era muito invejosa do físico das pessoas, achava que as pessoas eram muito mais bonitas do que eu" (Luísa) (Tornar-se negro, p. 62,64.)

Faz dois séculos que as medidas de branqueamento tomadas pela elite branca foram disseminadas. Tem mais de trinta anos desde a publicação do livro escrito por Neusa Santos Souza. E, no entanto, é chocante ver que em 2020 encontramos filtros 'de beleza' sendo usados de maneira exacerbada, sem que ninguém esteja problematizando ou banindo seu uso, porque o que eles fazem ao 'suavizar' nossos traços é viabilizar esse branqueamento imposto socialmente. São, acima de tudo, dado fatos históricos, um apagamento de corpo e identidade que, pelo menos nas redes sociais, a elite do século XIX poderia considerar um sucesso. O quão nocivo é isso? Sentir-se mais bonito porque botou um filtro que muda a cor dos seus olhos, apaga suas manchas, diminui seu nariz e embranquece a sua cor e, talvez pior, experimentar um desses filtros que todos estão usando e perceber que eles não foram nem pensados para te servirem, porque não foram feitos para seu tom

de pele. É triste pensar que, mesmo depois de séculos passados ainda estejamos buscando uma forma de estar mais próximos do padrão branco. Ainda priorizamos o branco, ainda nos adaptamos ao branco. Vemos pessoas se submetendo a procedimentos estéticos que elas não necessitam para estarem mais próximas de um padrão estético eurocêntrico, para se parecerem mais com a versão de si que aparece na tela do celular que com a versão que te olha de volta no espelho.

Mas então qual é a solução para o problema? Filtros deveriam ser banidos?

Em 2020, quando fiz a primeira versão deste texto, escrevi:

Olha, em um mundo ideal, sim. Como esse mundo não existe, acredito que se os filtros deixarem de afinar nossos narizes, clarear nossa pele e mudar a cor dos nossos olhos, já seria um grande avanço. Eu não vejo problema algum em filtros ou em usá-los, desde que não apaguem nossos traços africanos ou exaltem traços europeus. Não tem problema usar filtros, desde que você aceite sua imagem sem ele. Não tem problema achar legal, tem problema ignorar todas as problemáticas. Afinal de contas, o que são esses filtros? Um tipo de 'entretenimento' de rede social ou, basicamente, mais um tipo de desigualdade racial que existe em todo e qualquer âmbito da nossa sociedade? Se eu fosse apostar, diria que é a segunda opção. De todo modo, porque falar sobre incluir para todos algo que eu critico? Por que é o mínimo. Se mulheres brancas têm filtros que maquiam seus rostos, mulheres pretas também devem ter. Façam filtros para pele negra, que seja, porque mulheres pretas deveriam ter a opção. A opção de filtros que contemplam seus traços sem que os escondam. E o poder de escolher usá-los ou não.



Figura 27. Foto tirada com aplicativo Instagram. Filtro: Half Filter TikTok by sindytiaulfaa.

Hoje, em 2022, enquanto releio meus escritos sobre tal tema, acredito que seja o momento de voltar à máxima: filtros deveriam ser banidos. E talvez seja hipocrisia da minha parte falar dessa forma, visto que já usei e abusei de muitos deles. Ainda uso, aliás, para fazer as *selfies*⁶ comparativas com/sem filtro que venho colecionando. É engraçado voltar a um assunto que comecei a escrever há 2 anos e ver como a sociedade tratou dele durante esse tempo. É interessante ver até que ponto evoluímos, ou não. Hoje, por exemplo, foram criados filtros que comparam o rosto com e sem filtro, ressaltando algumas das problemáticas que eu já estava elaborando lá no início.

Também vi viralizar no Reels⁷ um áudio em inglês falando sobre o choque das pessoas ao testar um filtro e perceber o quanto sua imagem era distante da realidade. Nesses vídeos várias pessoas mostravam tal comparação. No áudio ainda é dito que, ao ver o filtro em outras pessoas, acabamos acreditando que aquela é a verdadeira aparência delas até usarmos e ficarmos cientes da diferença. Esses foram alguns dos pontos positivos que pude perceber ao longo dos anos: as pessoas parecem um pouco mais atentas à disparidade entre o filtro e o real. Por outro lado, também vi serem criados filtros intitulados *No filter* que tem como objetivo trazer mudanças mais 'sutis' e 'naturais' que, na realidade, mudam completamente sua aparência, os popularizados filtros *catfish*⁸.

Outro ponto que percebi foi: em 2020 eu defendi a iniciativa de se criarem filtros pensados para peles pretas. Em 2022 vejo que essa prática começou a ser adotada. Queria poder falar que essa inclusão me deixa feliz. Porém, não sei dizer se realmente me traz felicidade. Quando vi tais filtros pela primeira vez fiquei bastante animada e pensei: 'nossa, é isso! Era o que eu estava falando, ficou incrível!' Mas logo em seguida me arrependi do pensamento. Percebi que o fato de ter achado uma pessoa usando filtro algo belo e convidativo vai em direção contrária a mui-

6. Termo em inglês que refere-se a tirar uma foto de si mesmo com um dispositivo de celular.

7. Ferramenta do Instagram que permite o usuário fazer suas próprias edições de vídeos podendo-se utilizar filtros, áudios e músicas.

8. Termo que define as pessoas que enganam outras no universo virtual com perfis falsos.

to do que escrevi no texto acima e muito daquilo que acredito. Eu queria poder dizer que os filtros terem se tornado mais acessíveis para todos os tipos de pele é algo positivo, contudo o que defendo é que parem de ser usados e não seu alastramento. O fato de os filtros estarem se expandindo e nos retocando sem restrições me parece mais preocupante que favorável. Hoje vejo que as pessoas têm, sim, mais consciência de como as alterações feitas por esses filtros podem ocasionar danos gravíssimos tais como problemas de autoestima, ansiedade e distúrbio de imagem. No entanto, ainda não vejo um movimento contrário ao seu uso. Pelo contrário, as pessoas seguem os aplicando em seus vídeos e se escondendo atrás deles como se fosse natural. Penso que há 2 anos eu não queria soar extremista falando sobre banimento, mas hoje já não me importo se é o que parece. Filtros que nos afastam da realidade e de quem verdadeiramente somos deveriam ser banidos. Dito isso, é claro que sempre vai haver alguém pra dizer: “Se você não gosta dos filtros é só não usar”, como se o problema que estamos enfrentando fosse realmente uma questão de gosto pessoal e não um assunto a ser debatido em sociedade. A estes, o que posso dizer é: volte ao começo.

Documentos de trabalho: das Paredes do Quarto até a Miro

“Desde criança, sempre tive papel e caneta à mão. Também tive muitos gibis e revistas que eu folheava quando estava no salão da minha mãe. [...] Com 10/11 anos o mundo me era apresentado a partir desses recortes e colagens das revistas, eu conhecia parentes por fotografias reveladas. Sempre tive muito apreço pelo que eu poderia tocar e guardar, acho que é de onde tirei o gosto por diários. Imagino meus trabalhos assim, pelo menos nesse momento, pequenos e íntimos, algo que você pode segurar e levar consigo.” (14/10/2020)

Nesse texto relembro trechos de um exercício realizado dentro do Grupo de pesquisa após a leitura da tese Autorreferencialidade em território partilhado, de Marilice Corona (2009), onde a autora explica o que seriam documentos de trabalho. Trata-se de todas as imagens, textos, objetos que um artista coleciona e passam a fazer parte de sua pesquisa poética. Escrevo, então, sobre como os colecionismos de recortes de revista que eu fazia na infância me influenciaram durante a minha formação na faculdade, quando eu colava todas essas imagens na parede do meu quarto.

O fato de hoje em dia termos acesso ao conteúdo que eu encontrava nas revistas na tela do celular me fez perceber que essas influências, no momento, tem se dado a partir das redes sociais, onde sigo não apenas pintores e artistas como também pessoas que estão discutindo assuntos que são de interesse para minha pesquisa. Desde o momento que comecei a escrever em 2020, segui em meu instagram privado perfis como o da Alexandra Gurgel (@alexandrismos), por exem-



Figura 28. Iniciação, Marilice Corona. Acrílica sobre tela. 150x100cm, 2019.

plo, fundadora do Movimento corpo livre (@movimentocorpolivre), Luana Carvalho (@lxccarvalho), que fala sobre liberdade corporal e autoconhecimento, Nátaly Neri (@natalyneri), cientista social que dentre outros assuntos, fala sobre questões raciais de forma acessível, João Marcos Bigon (@ojoaob) professor de história que durante a pandemia publicou diversas aulas sobre racismo, colorismo, e fez diversas indicações de livros sobre os temas, e muitos outros. Saindo do universo do instagram, o youtube também fez parte da construção dos meus documentos de trabalho. Vídeos como: A mulata que nunca chegou, TEDtalk da Nátaly Neri; A menina que nasceu sem cor, de Midria Pereira; Racismo reverso de Amer Rahman,

foram essenciais para que eu começasse a desenvolver um pensamento crítico sobre pautas com as quais eu me identifico. Destaco também o vídeo The beauty of human skin in every color, TEDtalk da fotógrafa brasileira Angélica Dass, onde ela fala sobre seu projeto Humanae, que é um dos trabalhos que considero suporte para as minhas pinturas. Outra rede social que se tornou um espaço para inspirações visuais foi o Pinterest, onde encontro trabalhos de todos os tipos;

No final de 2020 recebi a doação de um computador da minha professora e orientadora Martha Werneck e do professor Licius da Silva, com o objetivo de me ajudar nos desafios que estavam por vir, como as aulas online e o desenvolvimento deste TCC. Assim que tive acesso a essa ferramenta de trabalho,

descobri a plataforma Miro, site que se tornou meu grande aliado no desdobramento do Projeto Por Camadas e na minha organização como um todo.

A Miro nada mais é que um mural virtual onde você pode adicionar imagens, textos, trabalhos, fazer anotações, colar post-its, tudo de forma super dinâmica e prática. É um espaço que considero meu diário digital e que, de fato, me lembra a estética dos meus diários de pesquisa. É onde consigo visualizar todos os meus pensamentos e minha jornada como se fosse a nova parede do meu quarto. Lá, fiz trabalhos para disciplinas como Metodologia da Pesquisa, onde, em meu memorial, realizei um levantamento da minha família artística, ou seja, uma coleção de pintores e trabalhos que me influenciam ou já me influenciaram em determinado período de tempo. Dentre estes, resalto a importância das pintoras Jennifer Packer e Mickalene Thomas (@mickalenethomas), e dos pintores Kehinde Wiley (@kehindewiley) e Zéh Palito (@zehpalito), aos quais considero meus principais artistas suporte nesse momento. É pertinente sublinhar também que foi importante, através do grupo de Pesquisa,

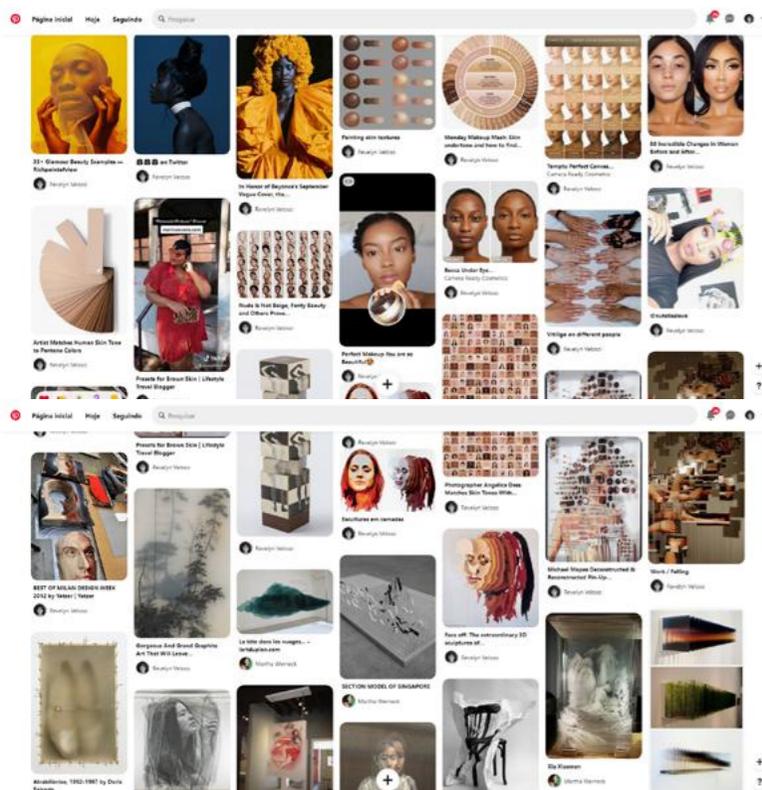


Figura 29. Print da pasta do Pinterest da artista com documentos de trabalho diversos.



Figura 30. Tia, Jennifer Packer. Óleo sobre tela. 99x63.5cm, 2017.

conhecer o Atlas de Gerhard Richter e o historiador Aby Warburg, com os quais, ousado dizer, identifico certa semelhança dentro do meu processo e encontro chaves para pensar formas de expor futuramente minha pesquisa.

Vale enfatizar que a Miro é o lugar onde comecei a enxergar o Por Camadas como uma grande linha do tempo e, além disso, percebo que pode ser usado como espaço expositivo. Na JICTAC de 2020, por exemplo, apresentei meu Projeto junto do grupo de pesquisa usando a plataforma. Você pode encontrar o vídeo no youtube no canal Pintura EBA pelo link: <https://www.youtube.com/watch?v=LSoU8z2-JYw&t=111s> Ou acessar aproximando a câmera do seu celular para o QRcode abaixo. Também deixo disponível o acesso ao *board*⁹ da linha do tempo do projeto Por camadas na Miro. Para ter acesso basta clicar no link e criar uma conta de forma gratuita na plataforma. Link: https://miro.com/app/board/o9J_IEC46Wo=/?share_link_id=312562454154

QRcodes:



Figura 31. QRcode para acesso ao vídeo *Elas e as imagens do corpo: pinturas e poéticas* apresentado na JICTAC2020.



Figura 32. QRcode para acesso ao board *Linha do tempo do Por Camadas* na plataforma Miro.

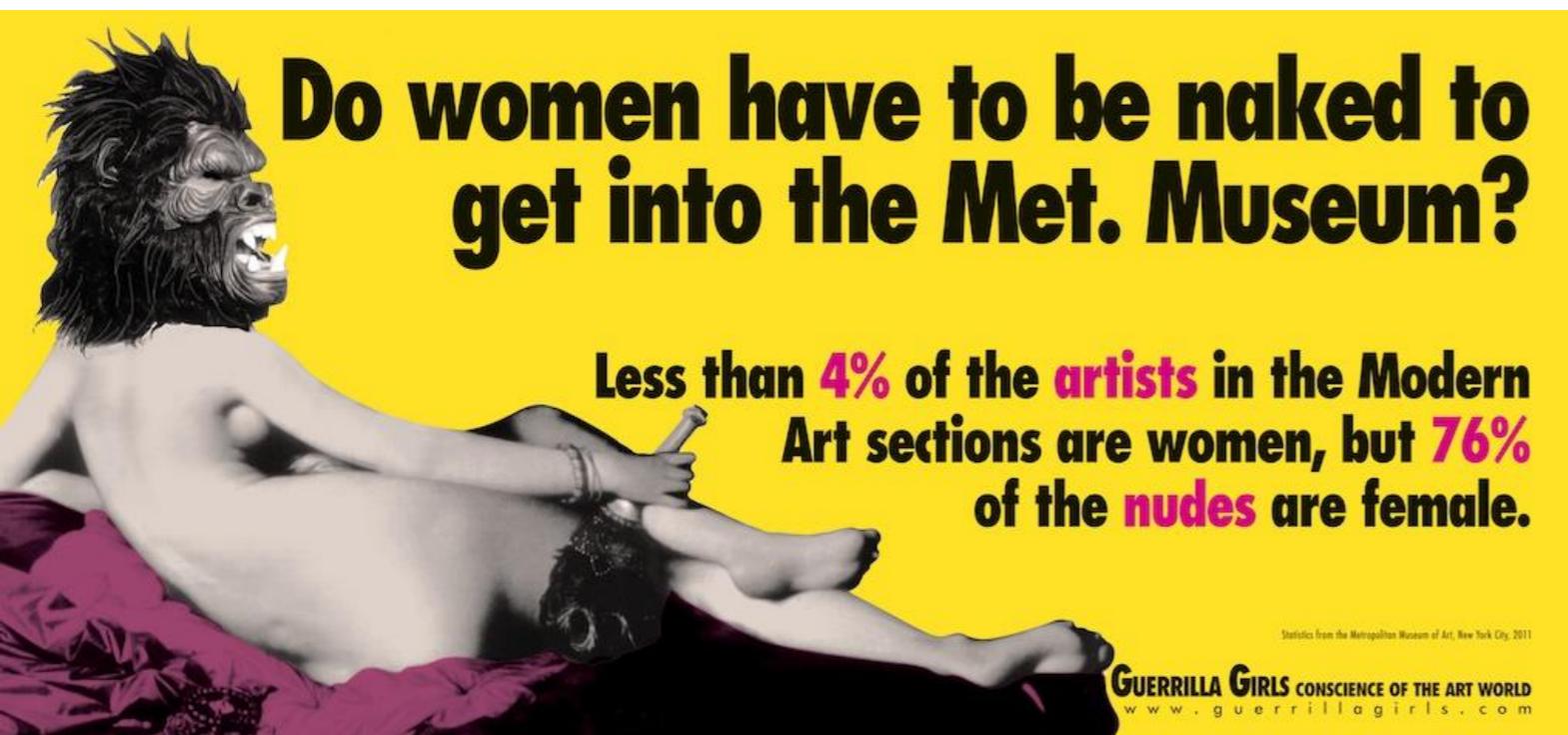
9. Termo em inglês que significa mural. No contexto da plataforma Miro, esse é o espaço que você utiliza para trabalhar, organizando de maneira visual e escrita textos, imagens e vídeos.



Figura 33. Atlas, Gerhard Richter, 1962-2013.

Porque pintar mulheres e porque mulheres não brancas?

Essa é uma imagem que recortei, colei na parede do quarto e da qual nunca mais esqueci.



Trata-se de uma apresentação do grupo de artistas e ativistas anônimas Guerrilla Girls, que desde os anos 80 evidenciam em seu trabalho a desigualdade de gênero sofrida dentro do meio artístico. Em seu site, as Guerrilla Girls contam que “desde sua primeira aparição nos ônibus de Nova York, o trabalho Naked tem sido reconhecido e agraciado por centenas de livros, ruas, museus e incontáveis dormitórios”. Ganhou, inclusive, uma versão Brasileira no ano de 2017:



Vejo que não é à toa que a matéria da revista, mesmo de forma despretenhiosa, chegou às minhas mãos. A partir desse dado, me sentindo incomodada com os números, cheguei a aprofundar minha pesquisa ao redor do assunto, o que me levou ao artigo Mulheres artistas: Há desigualdade de gênero no mercado das artes plásticas no século XXI? onde a autora Priscila Cruz Leal faz um levantamento sobre o número de artistas mulheres nos museus de São Paulo. “A biblioteca do MASP disponibilizou seus catálogos para levantamento dos dados solicitados. Verificamos então que até 2008, o acervo do museu contava com aproximadamente 380 obras de homens artistas e 28 obras de artistas mulheres.” (LEAL, Priscila Cruz, 2012, p.7). Embora os números por si só já sejam assustadores, não consigo deixar de frisar que em nenhuma das sondagens feitas foi considerado o número de mulheres, tanto artistas quanto as retratadas nas pinturas, que não são brancas. De certo, é bem provável que as porcentagens decaiam mais, pois basta dar um passeio pelo Museu Nacional de Belas Artes para perceber a diferença nos números entre corpos brancos e pretos. É a partir desses desconfortos que eu, enquanto mulher artista não branca, decido que meu trabalho deve trazer as narrativas e o papel de destaque para mulheres como eu. É nesse momento que determino que pintarei mulheres vestidas, porque não me cabe mais esse lugar de musa. É quando percebo que em boa parte da minha produção até o ano de 2019 eu retratei pessoas brancas, sem nem ao menos questionar esse fazer. É quando identifico esse comportamento e decido que não posso continuar reproduzindo uma realidade e um padrão estético que não me representam. É só a partir de 2019, quando comecei a expandir minha visão do mundo e, realmente, ocupar meu espaço nele que passei a ter algumas certezas do que gostaria de fazer no meu trabalho.

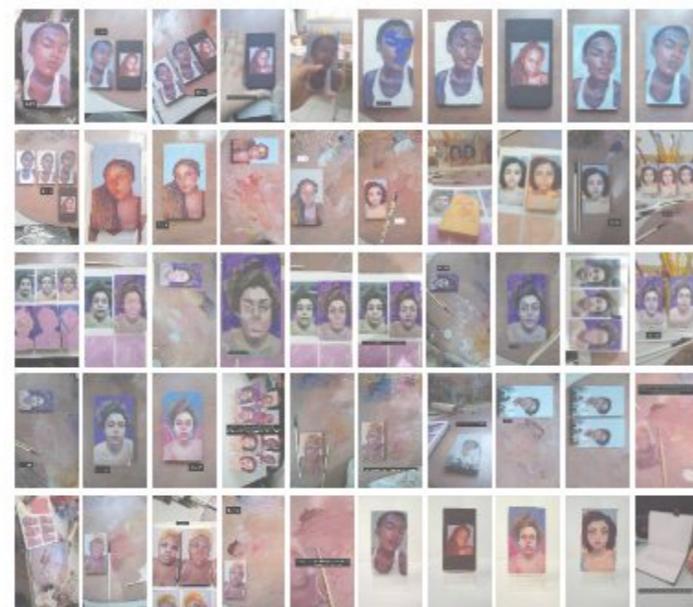
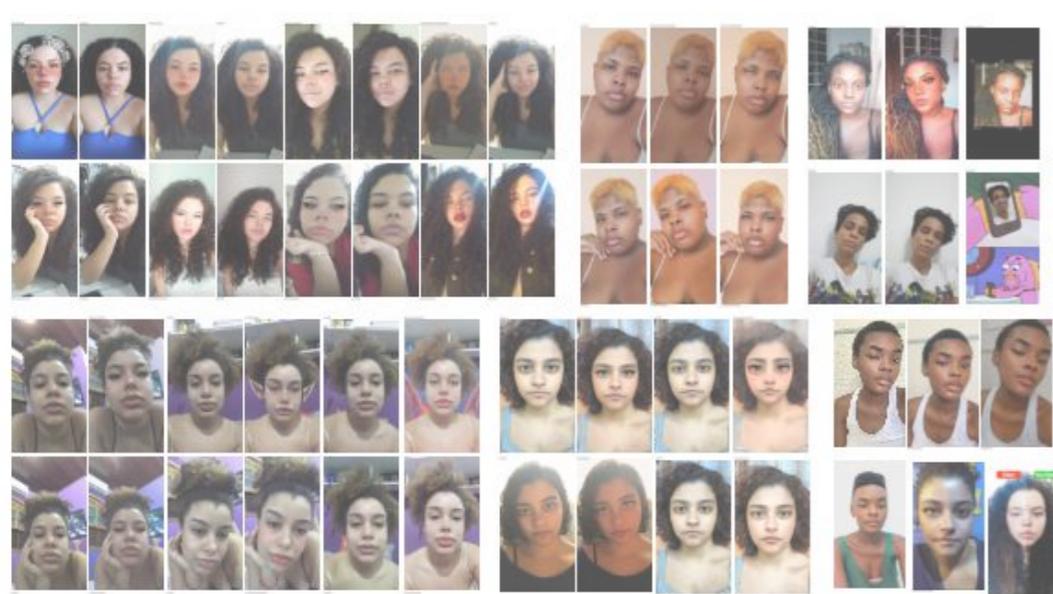
Figuras 35 e 36. Naked, Guerrilla Girls. Versão original e versão brasileira. Fotos retiradas do site oficial do grupo.

FILTRO E A VDD PROPORÇÃO:
REV: 6,5 x 12,9¹³ — 8
LUIZA: 6,5 x 11,5 — 4
LUIZA: 6,5 x 11,5 — 6
YDVA: 6,5 x 13,1¹³ — 2

O MEIO

Parte II

2020 / 2021 / 2022



Colecionando imagens de referência e estudos lineares

Com a parte teórica da minha pesquisa se encaminhando desde 2020, entendi que precisava dar o próximo passo: pintar. E pintar dentro da minha metodologia sempre parte do seguinte ponto: ter fotos de referência. Para isso precisava de modelos.

Nesse momento estamos falando de um período transitório entre 2020 e 2021, quando já tinha algumas convicções consolidadas em relação ao que eu gostaria para minhas pinturas. Sabia que todas minhas modelos seriam mulheres, que faria pinturas pequenas, por entender que trabalharia na minha casa e não no ateliê da faculdade, e sabia que usaria tinta óleo sobre madeira, por ser meu suporte e técnica favoritos. Algo que vale ser destacado com relação aos suportes é que tudo que usei foi material reutilizado de outras disciplinas. Devido à pandemia e condição financeira, não tive como bancar o custo de novos compensados. Logo, esse também é um dos motivos para a escolha de pinturas pequenas. Tive que ajustar os tamanhos para que todos os trabalhos coubessem na quantidade de madeira que eu tinha em casa. Isso não foi tão difícil assim, já que para a série O filtro e a pintura eu já tinha tomado a decisão de fazer pinturas que remetessem ao tamanho de um celular. Com as medidas tomadas, contei com a ajuda do meu padrasto para cortar as madeiras em casa.

Mesmo com as limitações do período pandêmico, fazer uma seleção de modelos para compor visualmente minha pesquisa não foi uma tarefa complicada. Basicamente, entrei em contato com algumas pessoas que eu já tinha em mente e que gostaria de pintar, como a Yaya Ferreira (@arteprayaya), Larissa Bonifácio (@larisbonifacio) e Ana Ferraz (@anadeferraz). Também falei com pessoas mais próximas, que conheço desde a adolescência, como a Luiza Sant'Anna (@luzsantanna) e a Ana Abreu (@abreu_anaa). A Carol Meirelles (@carolinesmeirelles) é a única das minhas modelos que conheci diretamente pelo Instagram e convidei para participar do projeto, o que foi um outro fator determinante na escolha das modelos: por acompanhá-las em seus perfis, eu sabia que cada uma delas usava a rede social de maneiras diferentes. Foi um processo bem natural. Achei que, além de mim, iria pintar mais umas três mulheres, no máximo, mas quando vi que já éramos sete e não quis diminuir o número. Para além da forma como usam as redes sociais, escolhi essas modelos por identificação, visto que

sempre tive como objetivo pintar mulheres próximas a minha realidade sócio-cultural.

Para a série Câmera Frontal, como o nome já denuncia, pedi fotos de referência tiradas com a câmera frontal do dispositivo. Cada uma das modelos tirou sua própria foto, com seu próprio celular. Não quis intervir com relação à escolha do ambiente, luz, ou recorte dessas imagens, minha única exigência era a especificidade da câmera frontal do aparelho. Fiz dessa forma por perceber que existem alterações na imagem quando usamos a câmera pelos aplicativos e a qualidade varia. Uma vez tirada a foto, eu não viria a alterar posteriormente a proporção, a composição ou a luz e sombra das imagens, porque além de acreditar que desvirtuaria da proposta, vejo nelas e na forma como foram tiradas algo de peculiar: o olhar das modelos sobre si mesmas. Não fui eu, enquanto pintora, que fotografei, compus, ou decidi tudo nesses trabalhos. Acredito que isso os torna algo que não fiz sozinha, mas em conjunto.

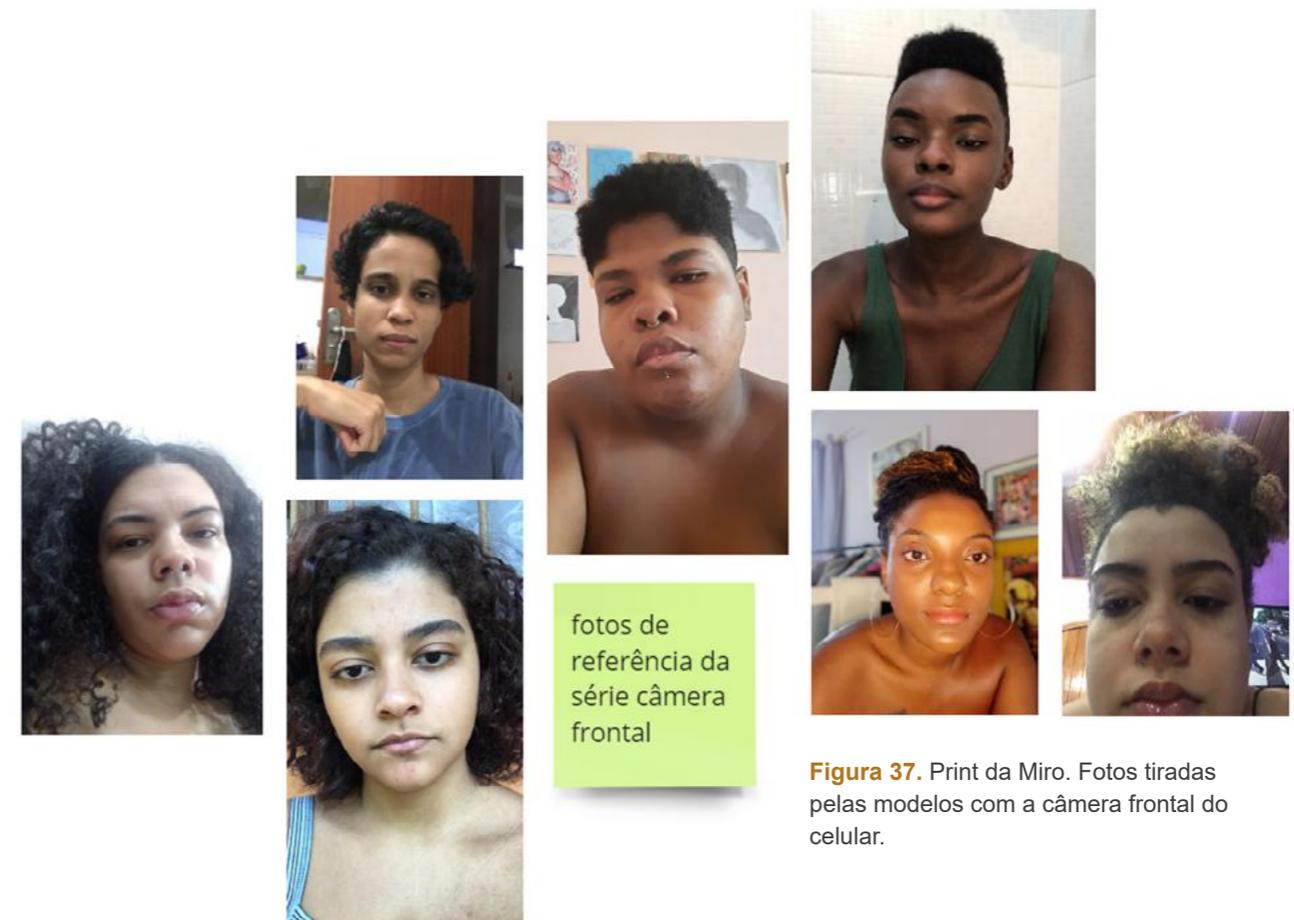


Figura 37. Print da Miro. Fotos tiradas pelas modelos com a câmera frontal do celular.



estudos lineares para marcação das pinturas



Nessa série, além do desenho linear que usei para marcação¹⁰, fiz também o que chamo de rabiscos livres, ou seja, um estudo mais solto e cheio de hachuras. Apesar de insinuar em alguns momentos, não o vejo como um estudo de claro escuro, longe disso. O fiz pensando unicamente na possibilidade de usar goivas de gravura no suporte de madeira, como um elemento a mais na pintura. Esse é um processo com o qual eu ainda não tenho muita afinidade, mas decidi arriscar simplesmente por considerar os relevos deixados nas matrizes de xilogravura algo muito bonito.

10. Marcação feita com pigmento xadrez, como se fosse papel carbono. Fiz o linear em papel vegetal tendo a imagem de referência como base e em seguida marquei a madeira usando uma segunda folha coberta com o pigmento embaixo do linear, transferindo o desenho. Pigmentos: amarelo ocre e terra de siena queimada.



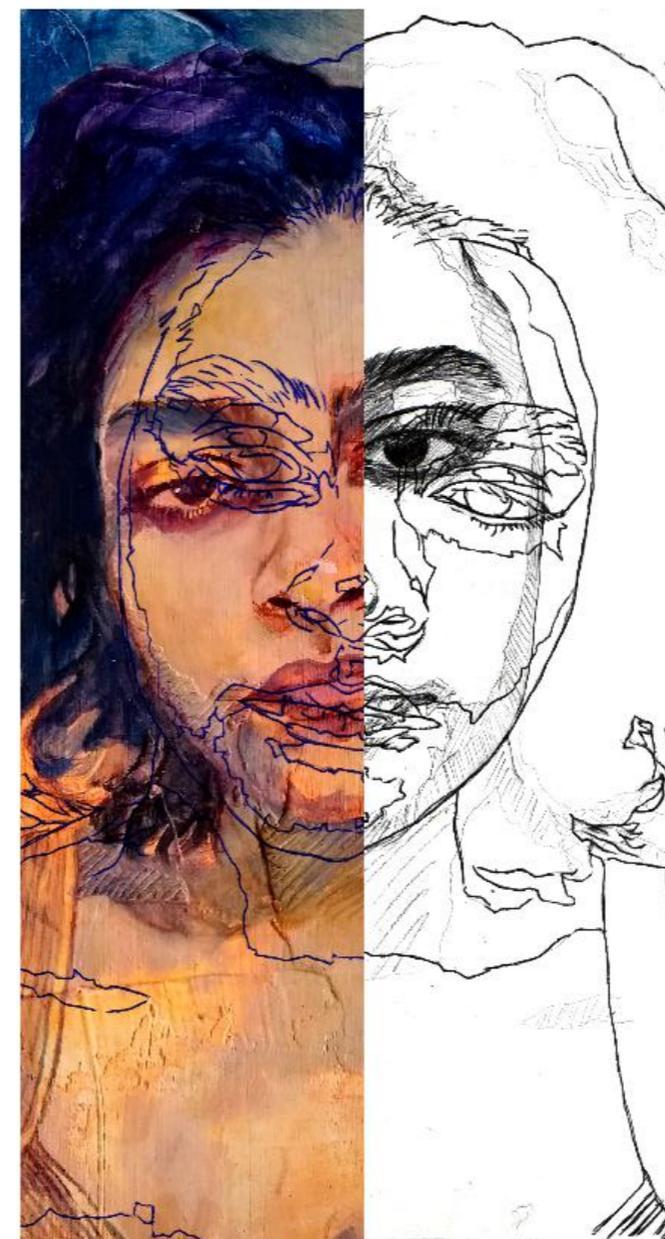
Página anterior e acima: **Figuras 38 e 39.** Print da Miro. Estudos feitos em diário de pesquisa, escaneados e tratados no photoshop por Vanessa Marques.
Ao lado: **Figura 40.** Print da Miro. Detalhe do resultado do uso das goivas na pintura.

Outro experimento que realizei nessa série foi uma intervenção digital do estudo linear sobreposto ao estudo livre, para a qual contei com a ajuda da minha amiga Vanessa Marques. Essa vontade me ocorreu quando observei meus desenhos lineares sobrepostos de forma invertida no diário de pesquisa. Gostei muito dessa ideia da inversão, como se fosse um reflexo, um espelho. Não só olhar pra si, mas quase como o que acontece quando estamos tirando essa foto com a câmera frontal do celular, que depois se inverte.

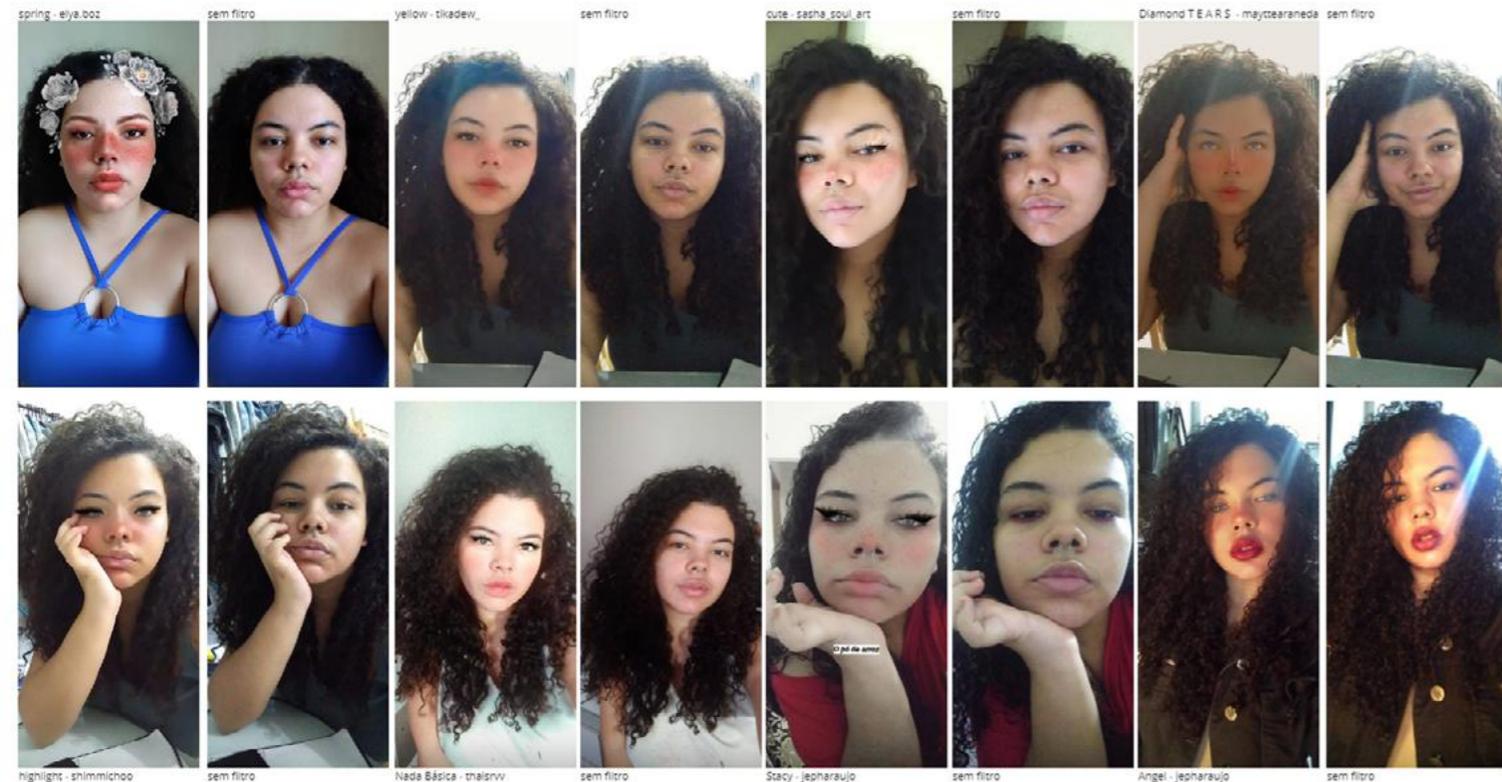


teste dos estudos sobrepostos no computador

Por fim, após ter as pinturas da série Câmera frontal prontas, acrescentei digitalmente o linear sobreposto. Penso em fazer essa intervenção nas pinturas futuramente. Para isso, planejo usar o verniz retoucher e em seguida usar a tinta óleo na nova camada.



Página anterior:
Figura 41. Diário de pesquisa da artista.
Figura 42. Print da Miro. Estudos lineares sobrepostos.
Ao lado:
Figura 43. Print da Miro. Comparação entre a pintura com linear sobreposto digitalmente e estudos lineares sobrepostos.

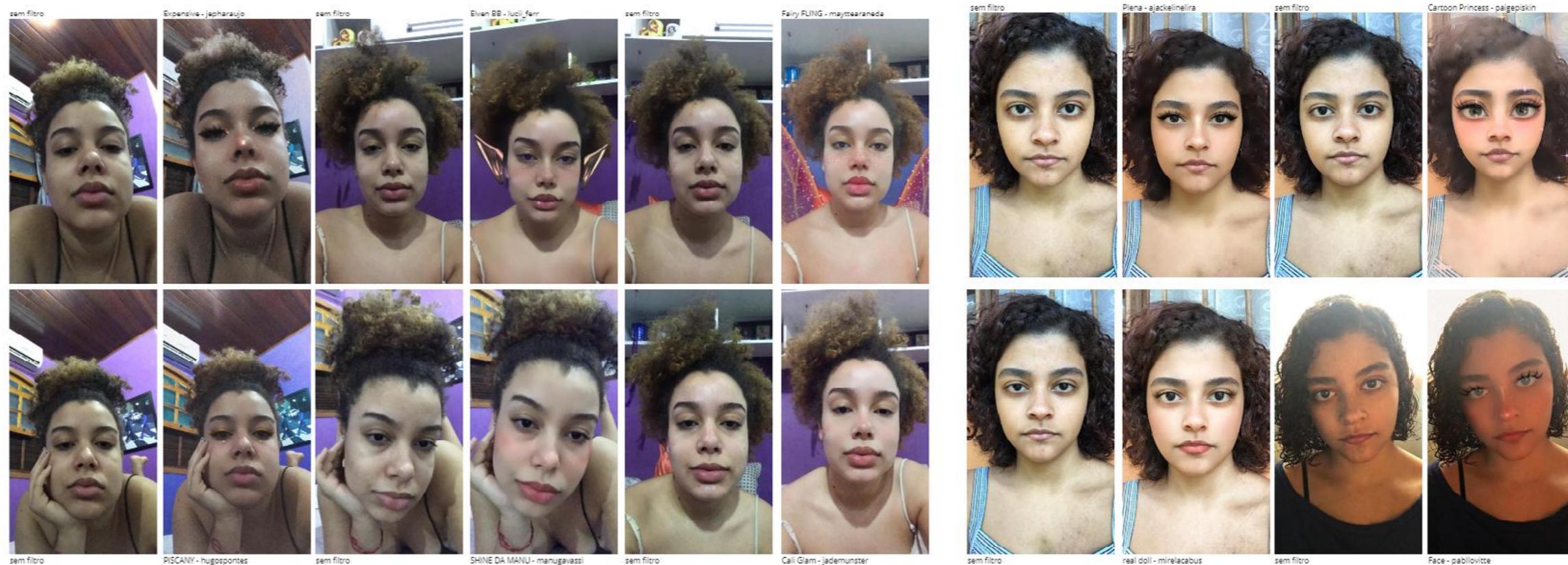


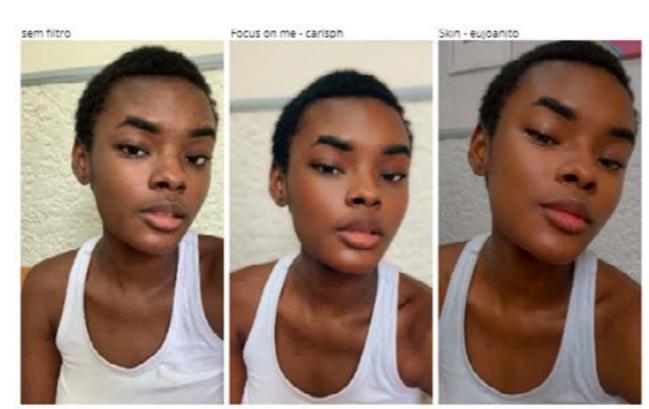
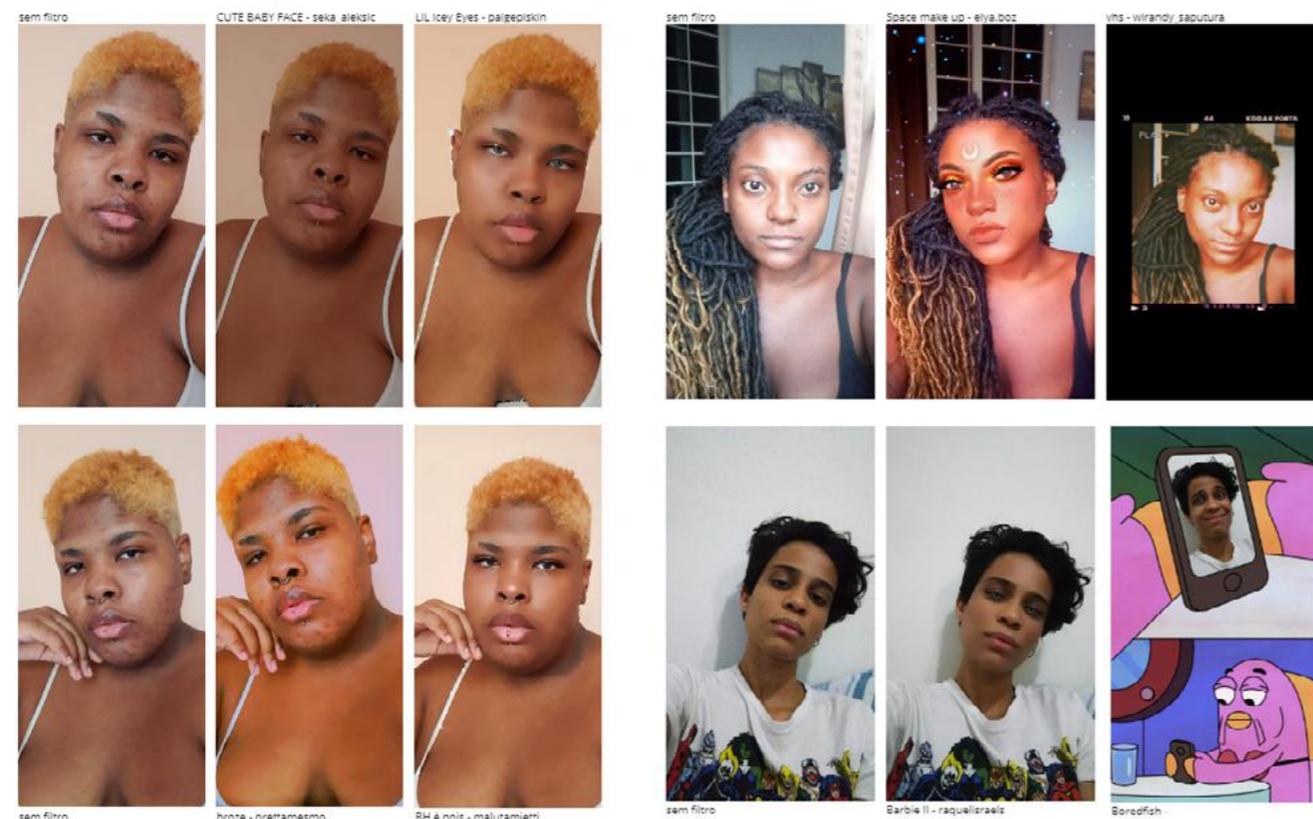
Página anterior e nessa página:

Figuras 44 e 45. Print da Miro. Fotos tiradas pelo aplicativo Instagram com e sem filtros. Nomes dos filtros disponível no board Linha do tempo Por camadas na Miro.

Para a segunda série de pinturas pedi duas selfies tiradas pelo Instagram: Uma com os filtros da plataforma e uma sem. Eu já vinha colecionando esses tipos de fotos minhas sem ter um grande critério sobre. Geralmente eu escolhia filtros que via outras pessoas usando. Porém, para minhas modelos, pedi que elas escolhessem filtros que elas sentiam que alteravam suas feições.

Ana Abreu e Luiza, respectivamente, me mandaram mais de uma versão das selfies;





Página anterior:
Figura 46. Print da Miro. Fotos tiradas pelo aplicativo Instagram com e sem filtros. Nomes dos filtros disponível no board Linha do tempo Por camadas na Miro.
Nessa página:
Figura 47. Print da Miro. Desenhos lineares feitos em diário de pesquisa escaneados.
Na página seguinte:
Figura 48. Série Filtro camadas (nome provisório), fotografia, 2022.



Em seguida, tive diálogos com Yaya e Carol, sobre filtros que elas costumam usar que não tem como proposta alterar traços, apenas mudar a temperatura cromática. Então pedi que elas me enviassem não apenas as fotos já pedidas, mas também uma com um filtro que elas de fato usassem. Pedi à Ana Ferraz e Larissa o mesmo;

A princípio a ideia de fazer trípticos funcionou para mim. Assim, organizei dessa forma: Três fotos de cada modelo mais cinco pares de selfies minhas, totalizando 28 pinturas. Daí parti para os desenhos lineares. Para essa série, fiz apenas os estudos para marcação nas madeiras;



Até esse momento eu não tinha maiores pretensões para esses estudos, contudo, após as marcações feitas com papel vegetal e pigmento xadrez, achei interessante ver os desenhos espalhados em cima de uma folha de papel. Acabei fotografando e montando uma pequena série. Ainda não sei o que é exatamente, mas gosto da simplicidade.

Colecionando registros do processo de pintura

Para a série Câmera frontal posso dizer que demorei meses para finalizar os trabalhos entre picos de produtividade e semanas de ócio durante 2021. Com relação ao fazer pictórico, desde o reaproveitamento das madeiras até chegar nas pinturas finais, vejo essa série como um período de experimentos e descobertas. Passei tanto tempo da minha formação começando e não dando continuidade à maioria das minhas ideias, testando suportes e materiais diferentes, que percebi que cheguei no momento do TCC incerta sobre a pintura em si. Comecei a me comparar com diversos artistas que eu podia reconhecer por suas faturas, paletas, temáticas e me questionar se, a essa altura, eu já deveria ter essas certezas. Pra ser honesta, demorou um tempo até eu ter a percepção de que estava me auto sabotando. Não é justo cobrar de mim mesma respostas para perguntas que pintores com vários anos de trabalho ainda fazem. Antes de começar a pintar, sozinha em casa durante a pandemia, tudo é paralisante.

A solução para o problema, por mais clichê que possa parecer, veio com a prática. Precisei parar de me exigir perfeccionismo e entender que ainda estou aprendendo o tempo todo, que está tudo bem não ter respostas ou boas soluções para tudo. Percebi que boa parte dos medos que fui criando estavam apenas na minha cabeça porque, ao começar a fazer estudos pictóricos, encontrei o apoio de diversas fases da minha formação. Descobri que fui criando pequenas certezas com o tempo, a começar pela paleta de cores, que uso de maneira reduzida desde o início da faculdade. Outro fator determinante foi o uso de fundos coloridos, que testei pela primeira vez de forma didática lá em 2018, quando estava pintando os Robertos e Ritas, mas fui motivada a continuar testando essa relação entre pintura e fundo quando fui monitora da disciplina Pintura II, com o professor Rafael Bteshe. Fiz todos os estudos para essa série em papel, onde “queimei” o fundo com a própria tinta óleo. A escolha para o fundo de cada pintura foi intuitiva, sem relacionar umas com as outras. Simplesmente decidi qual cor funcionava para cada pintura. Involuntariamente, depois vim a perceber, tinha escolhido cores primárias e secundárias.



Figura 49. Print da Miro. Registros fotográficos do processo de estudos cromáticos para a série Câmera frontal.

Não era um objetivo meu definir apenas uma única paleta para todas as pinturas. Na verdade, acho que fui em direção contrária a isso. Mesmo mantendo as cores reduzidas, fui adaptando as paletas aos fundos correspondentes. Por isso, apesar de fazerem parte da mesma série, se relacionando a partir da proposta, da escolha do suporte, dos tamanhos pequenos entre outras metodologias, vejo cada uma dessas pinturas como universos diferentes, que funcionam de maneira independente. Para ser sincera, nem sei dizer se eu tinha percepção de tudo isso quando estava fazendo. No momento pareceu muito mais ser sobre testar o que funcionava, tentativa e erro, alguns estudos ficando bons na primeira tentativa, outros precisando de até quatro versões e testes no computador para que eu ficasse satisfeita.

Com relação às tintas, utilizei majoritariamente branco de titânio, amarelo ocre, amarelo de cádmio, terra de siena queimada, carmim e azul ultramar. Também trouxe o Branco de zinco pontualmente em alguns trabalhos e os óxidos transparentes amarelo e vermelho. Cheguei a usar o preto na paleta na hora de fazer os estudos, mas acabei descartando seu uso nos trabalhos finais por perceber que conseguia chegar a tons parecidos usando apenas as cores primárias. Além disso, acabei adotando os violetas como sendo o valor mais profundo. As cores para imprimatura, feitas com a tinta óleo magra, escolhidas para cada pintura foram: amarelo óxido transparente (PY42) para o meu auto retrato, verde (PB29+PY42) para Ana Ferraz, violeta dessaturado com branco (PB29+PR57:1+PW6) para Ana Abreu, azul ultramar (PB29) para Larissa, laranja (PY42+PR101) e azul ultramar (na parte superior da pintura) para Luiza e violeta escuro (PB29+PR57:1+PR101) para Yaya.

Vendo as pinturas prontas constatei diversos pontos que pretendo levar para futuros trabalhos, como a relação entre figura e fundo respirando, as relações cromáticas de cores complementares e quente e frio, predominantes nesses trabalhos, o uso da massa acrílica na preparação do suporte, que trouxe relevos em algumas áreas das pinturas, e as texturas dadas pelo uso das goivas, algo que planejo continuar desenvolvendo daqui pra frente. Outro elemento plástico que planejo investir no futuro, mas que não é muito presente nesses trabalhos, é uma fatura com mais empastamento.

Diferente da primeira série, todas as pinturas de O filtro e a pintura ficaram prontas

em menos de duas semanas. Isso se deu, entre outros fatores, porque a série diminuiu drasticamente de 28 pinturas para 12. Primeiro em conversa com a minha orientadora, quando decidimos que seria melhor cortar os meus dípticos porque ficariam trabalhos demais para entregar, então ficaram 18. Depois, quando já tinha feito 16 das 18 pinturas propostas, percebi que funcionavam melhor enquanto dípticos, então descartei essas quatro que já tinha feito, mantendo 6 dípticos. No mais, fiz basicamente duas pinturas a la prima por dia, dependendo do dia apenas uma. Escolhi manter essas pinturas mais 'lisas', sem testar goivas ou massa acrílica porque quis que elas remetessem a superfície da tela de um celular. Levando essa ideia em consideração, pensei em trazer essa série no espaço expositivo disposta em suportes para celular, objeto esse que se tornou parte da minha rotina durante as aulas online na pandemia.

Acredito que dá pra perceber que o díptico da Larissa foi o primeiro que fiz por estar mais próximo da fatura da série anterior, com mais áreas de fundo respirando. Nas pinturas seguintes o fundo respira de forma mais sutil e a figura acaba sendo mais trabalhada, indo para um naturalismo. Gosto das duas soluções, mas penso em voltar às pinturas de fundo azul porque julgo que, nessa série, elas estejam destoando um pouco das outras.

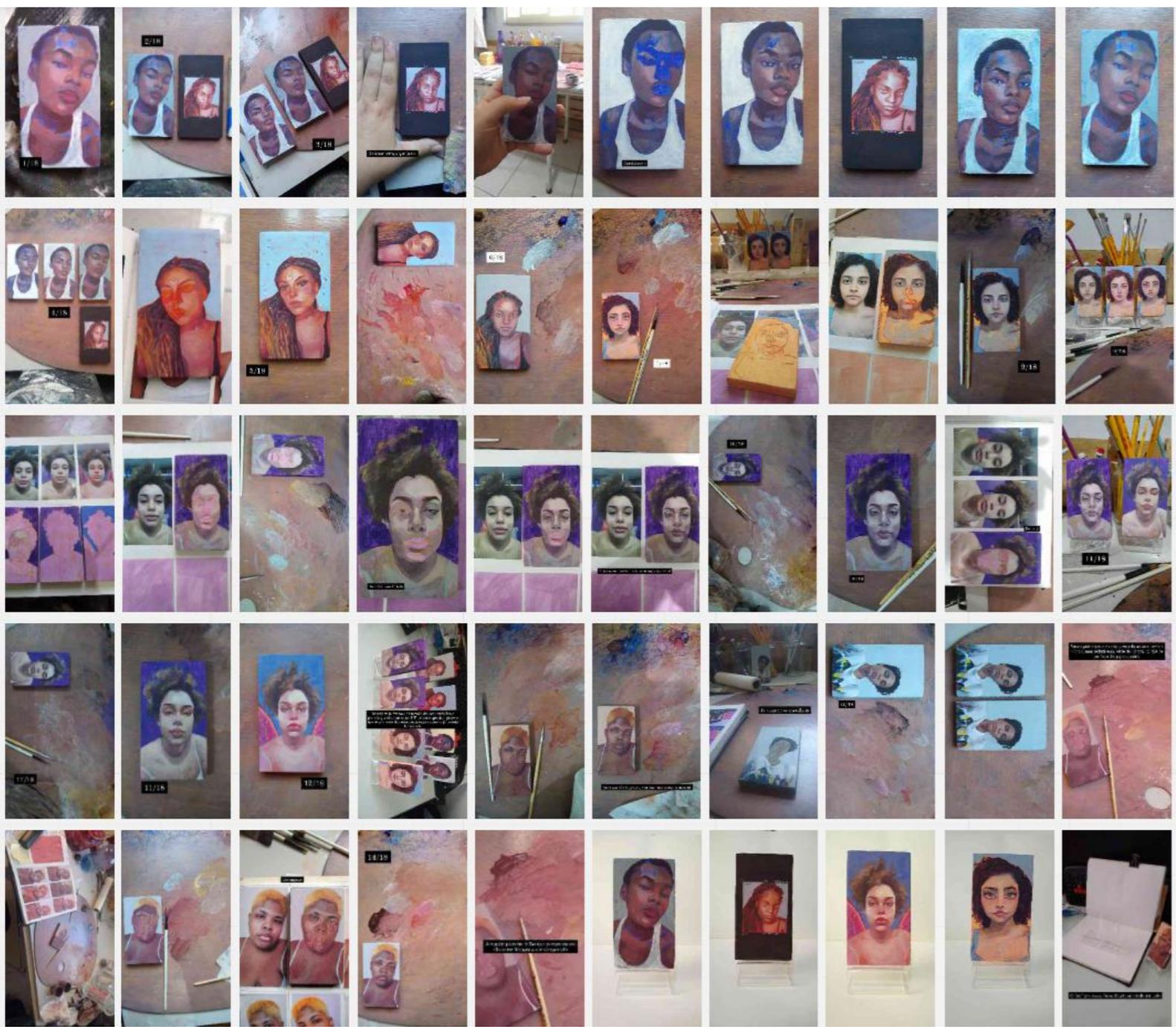


Figura 50. Print da Miro. Registros fotográficos do processo das pinturas da série O filtro e a pintura.

Série Câmera frontal

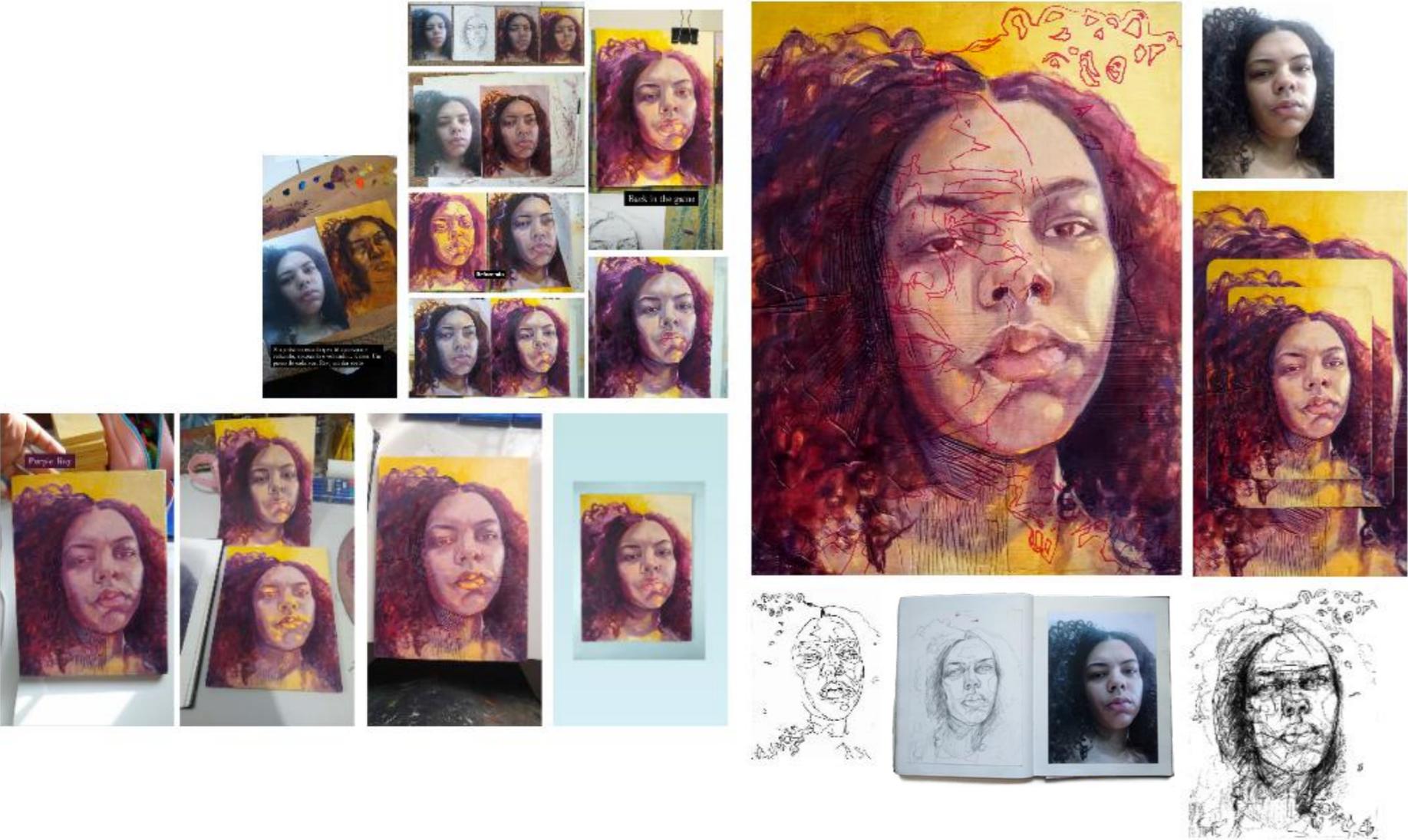


Figura 51. Revelyn em câmera frontal, série Câmera frontal. Óleo sobre madeira. 23x17cm, 2021-2022.

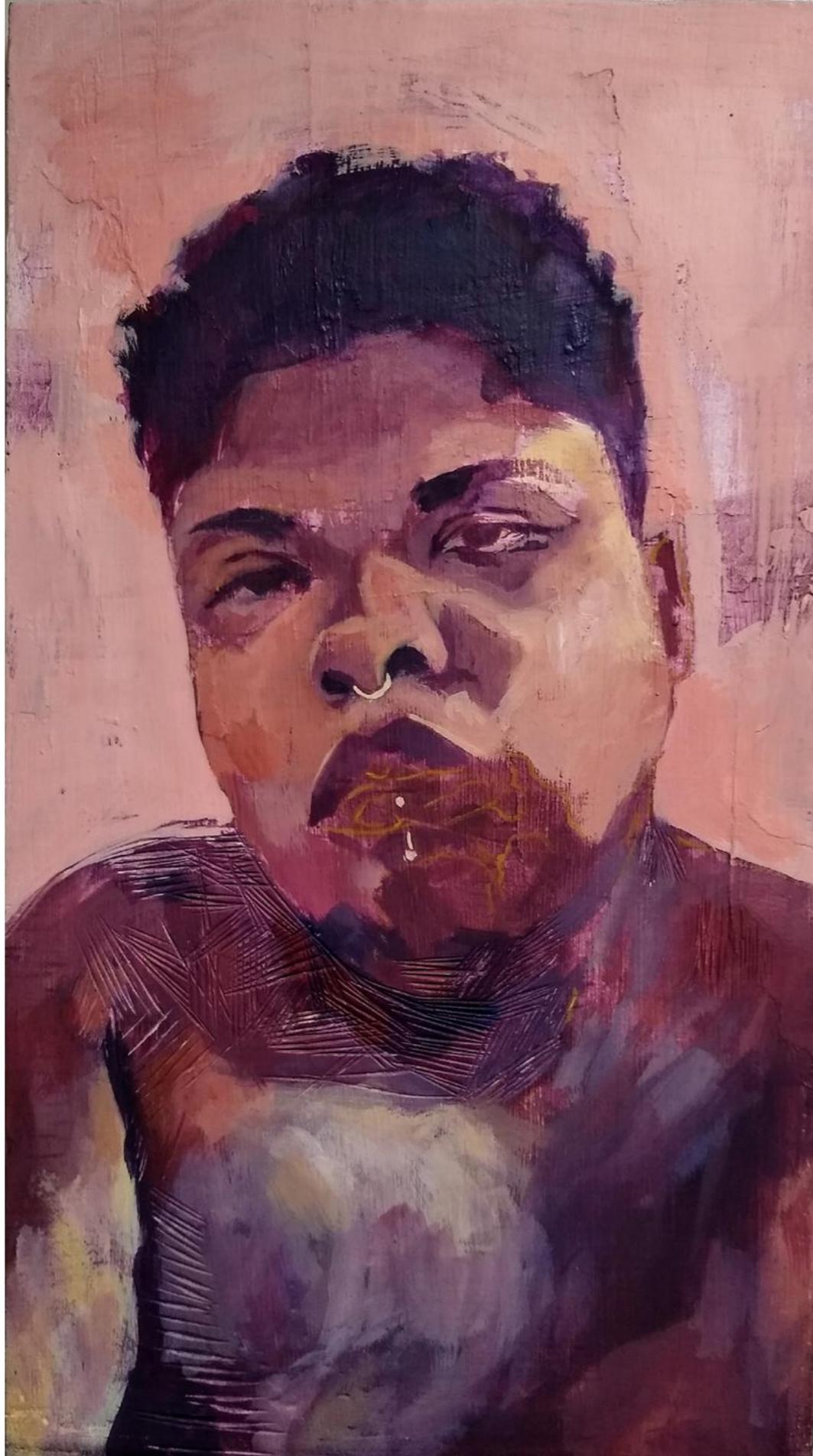


Figura 52. Yaya em câmera frontal, série Câmera frontal. Óleo sobre madeira. 27x15,5cm, 2021-2022.

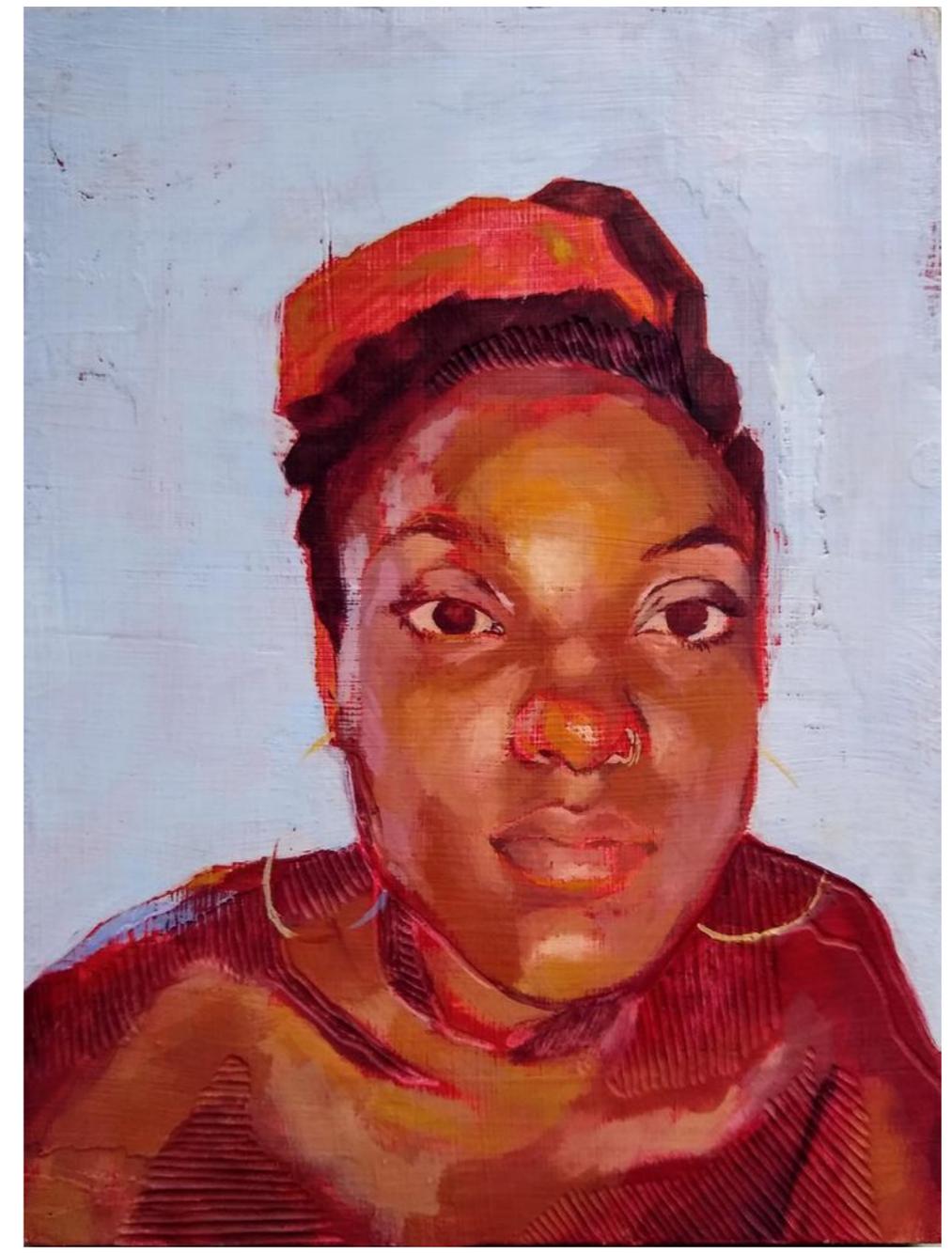


Figura 53. Carol em câmera frontal, série Câmera frontal. Óleo sobre madeira. 19,5x15cm, 2021-2022.

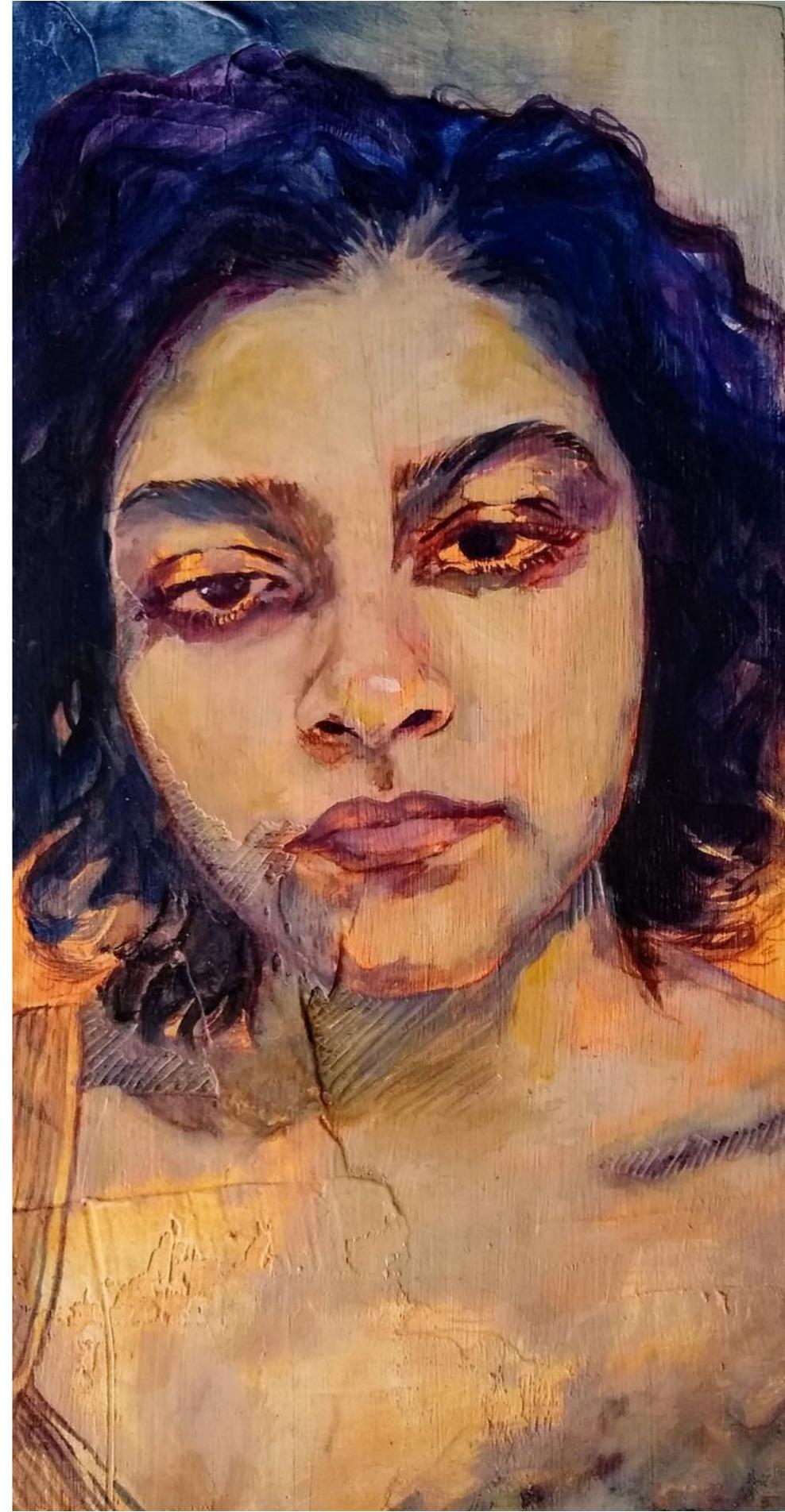
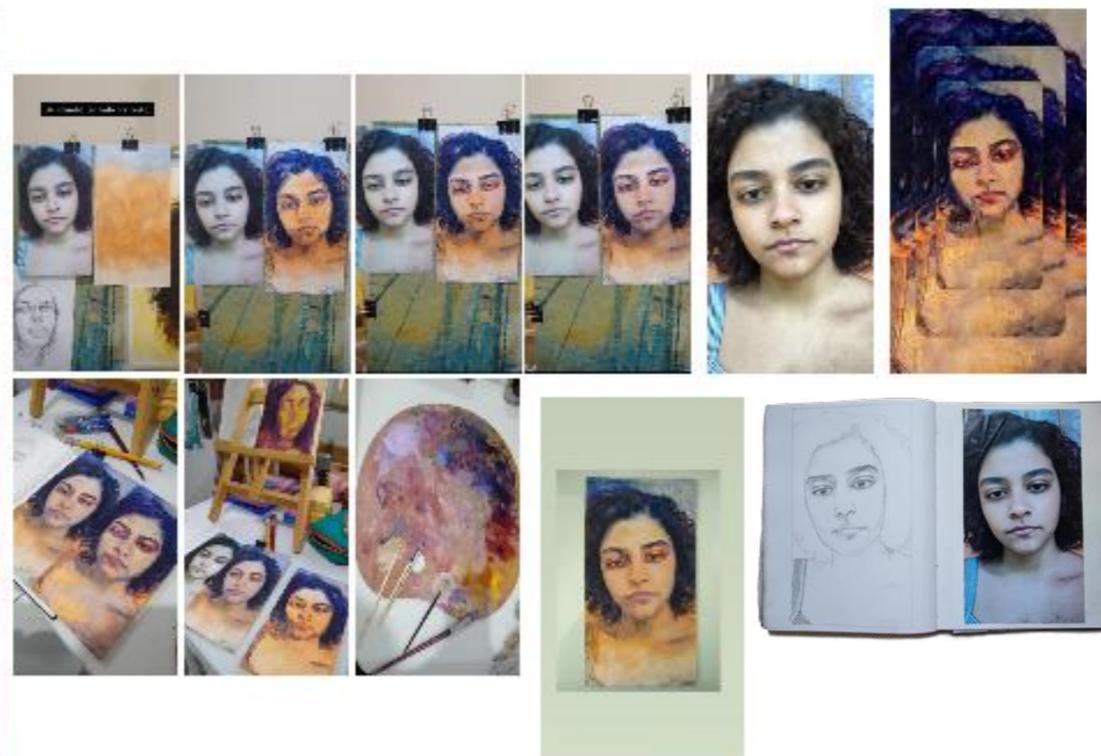
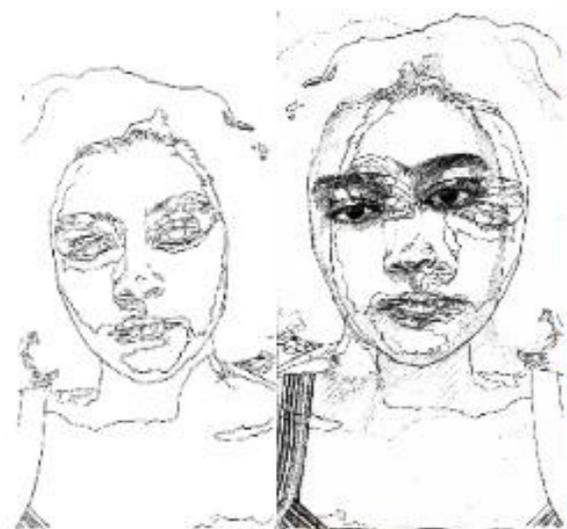


Figura 54. Luiza em câmera frontal, série Câmera frontal. Óleo sobre madeira. 26,5x15cm, 2021-2022.

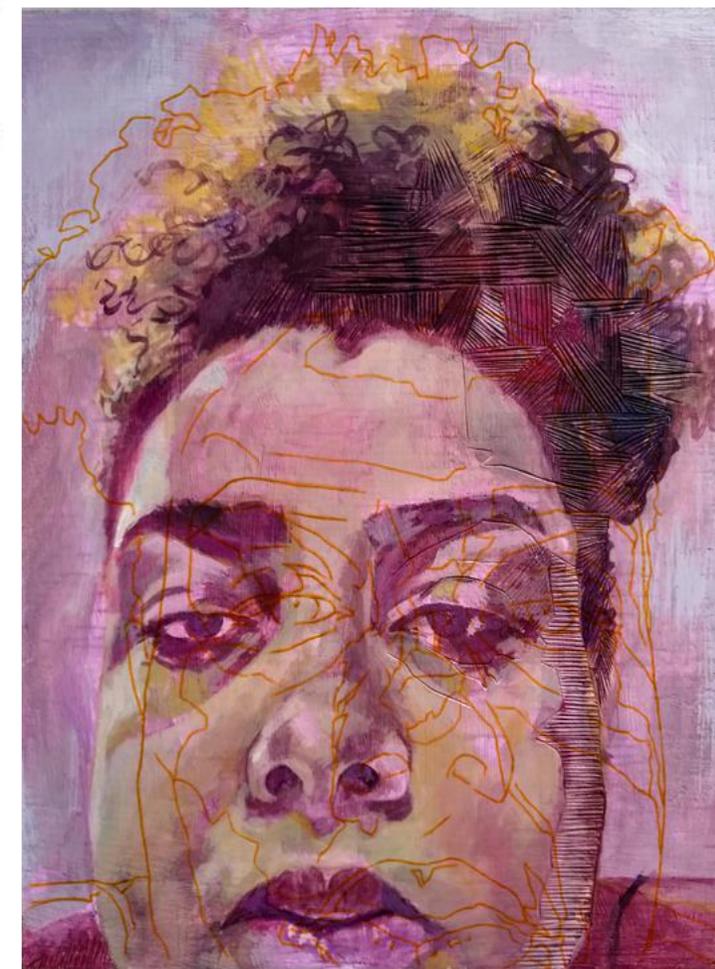
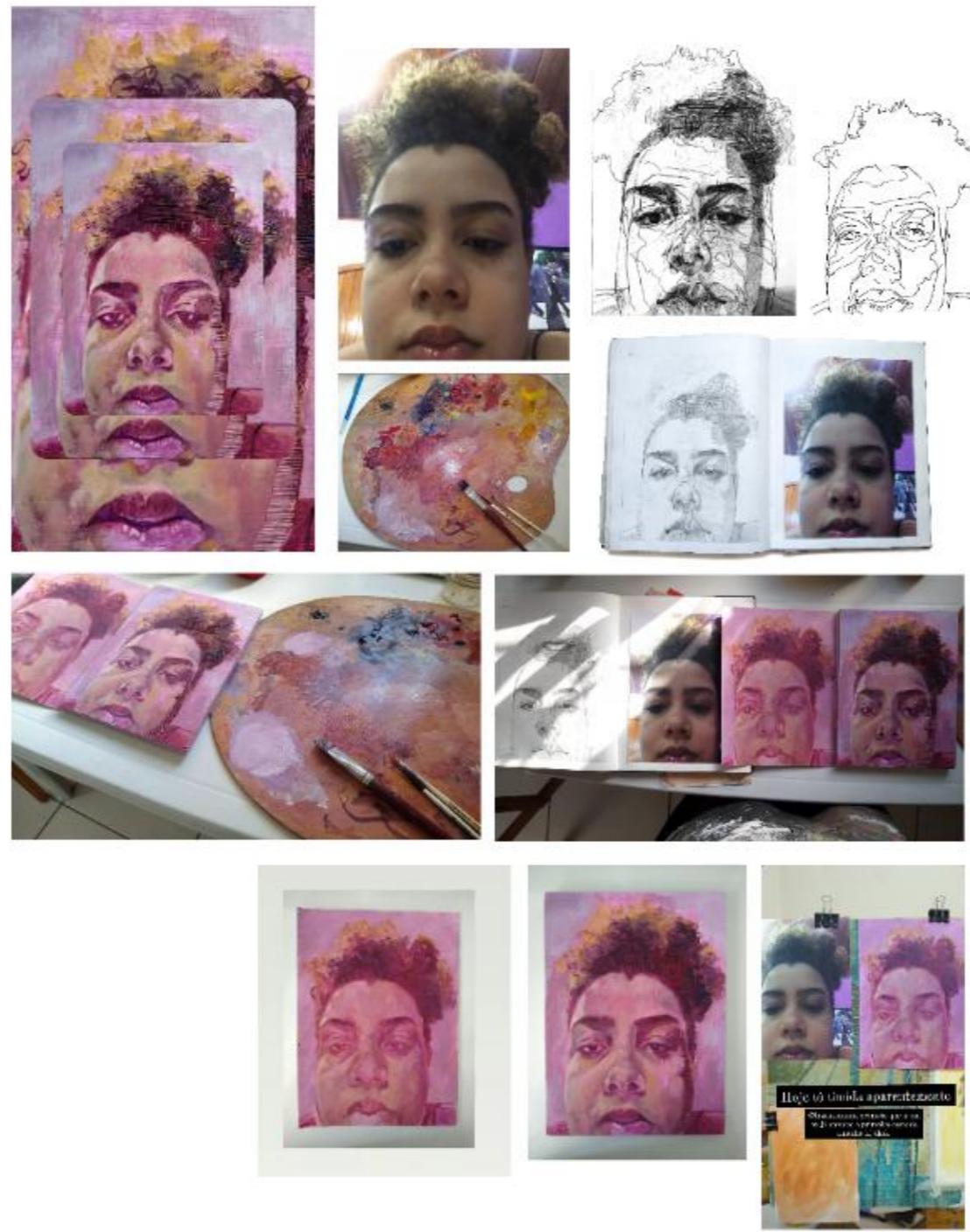
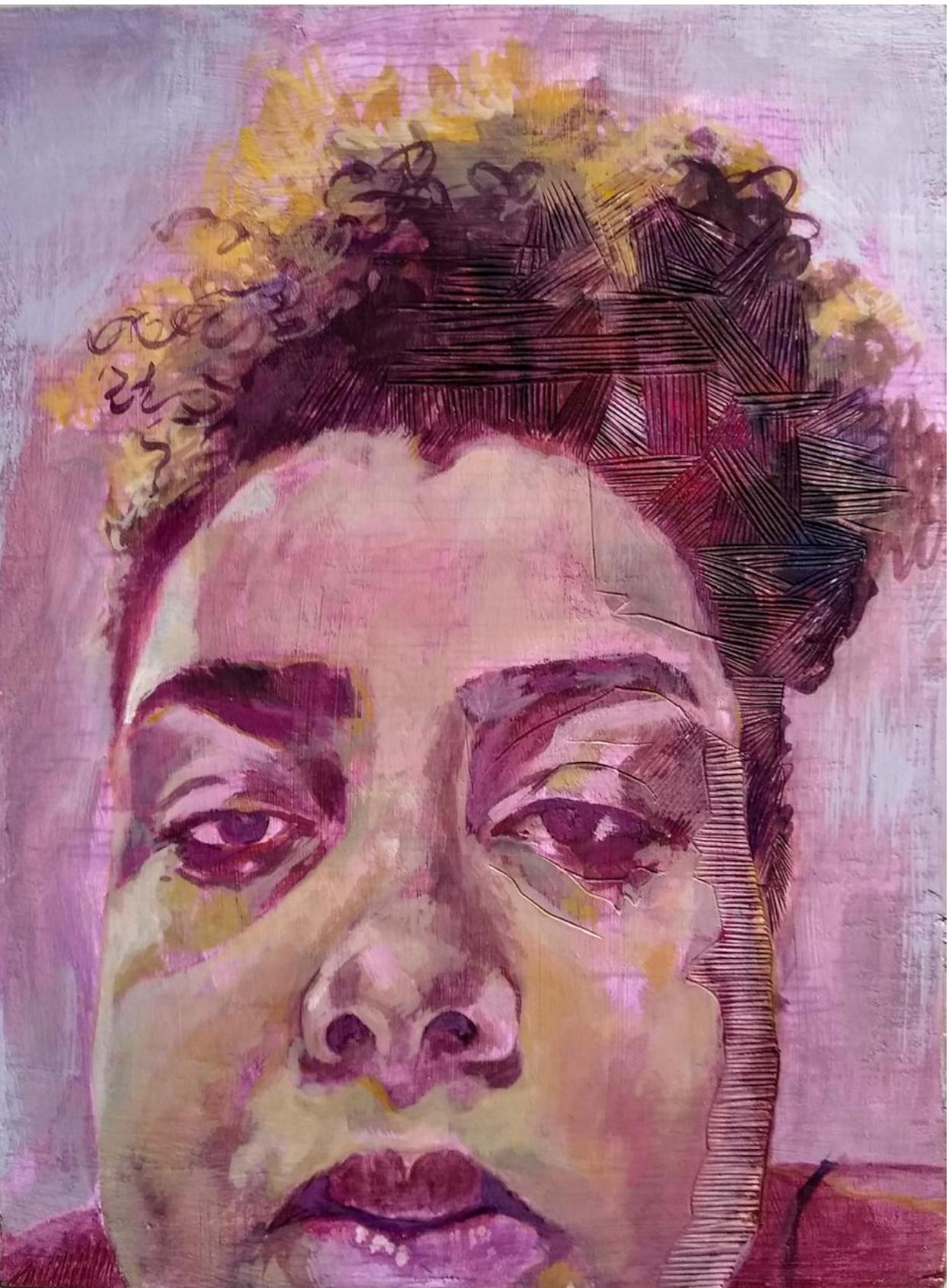


Figura 55. Ana Abreu em câmera frontal, série Câmera frontal. Óleo sobre madeira. 24x18cm, 2021-2022.

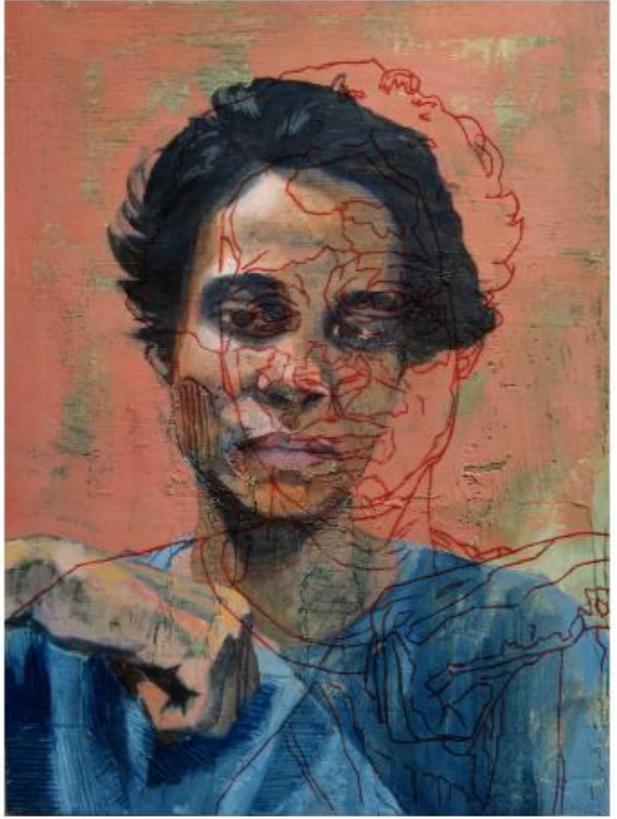


Figura 56. Ana Ferraz em câmera frontal, série O filtro e a pintura. Óleo sobre madeira. 21x16cm, 2021-2022.

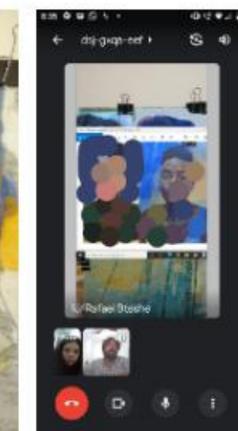
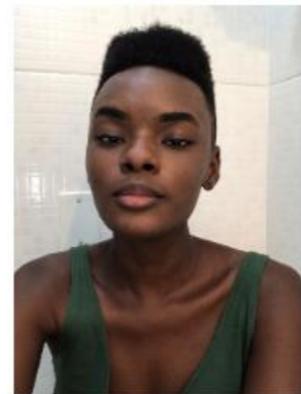


Figura 57. Larissa em câmera frontal, série Câmera frontal. Óleo sobre madeira. 24x18cm, 2021-2022.

Série O filtro e a pintura



Figura 58. Díptico Yaya com/sem filtro, série O filtro e a pintura. Óleo sobre madeira, dispostos em suporte acrílico para celular. 11,5x6cm cada, 2022.



Figura 59. Díptico Carol com/sem filtro, série O filtro e a pintura. Óleo sobre madeira, dispostos em suporte acrílico para celular. 11,5x6cm cada, 2022.



Figura 60. Díptico Luiza com/sem filtro, série O filtro e a pintura. Óleo sobre madeira, dispostos em suporte acrílico para celular. 11,5x6cm cada, 2022.



Figura 61. Díptico Ana Abreu com/sem filtro, série O filtro e a pintura. Óleo sobre madeira, dispostos em suporte acrílico para celular. 11,5x6cm cada, 2022.



Figura 62. Díptico Ana Ferraz com/sem filtro, série O filtro e a pintura. Óleo sobre madeira, dispostos em suporte acrílico para celular. 11,5x6cm cada, 2022.



Figura 63. Díptico Larissa com/sem filtro, série O filtro e a pintura. Óleo sobre madeira, dispostos em suporte acrílico para celular. 11,5x6cm cada, 2022.

Conclusão

O Agora leva esse nome porque não vejo o Por Camadas como um projeto finito. Na verdade, vejo esse TCC apenas como o começo. Pretendo seguir colecionando modelos, pinturas de câmera frontal e pinturas com/sem filtro. Acredito que meu trabalho só tem a crescer e se expandir. O que não me faltam são ideias.

Com o mundo voltando à normalidade das relações presenciais, tenho como objetivo marcar encontros com as modelos para fazer novas entrevistas e fotos onde elas interagem com as pinturas já realizadas até aqui. Admito que já comecei a desdobrar essa possibilidade fazendo alguns ensaios... Eu simplesmente não pretendo parar. Estou ansiosa para começar a crescer com meus trabalhos e evoluir como artista. Minha ambição tem pedido para não abrir mão dos formatos bem pequenos, mas me aventurar com suportes bem maiores. Gosto da possibilidade de trabalhar retratos de corpo inteiro em tamanho natural.

Planejo continuar escrevendo. Tenho outros textos escritos que também falam sobre esse incômodo dentro e fora do ciberespaço, como Edição de imagens: Correção, arte ou camuflagem, onde, entre outras questões, indago em que situações pode-se considerar aceitável as alterações de imagens, e A maquiagem e a realidade (nome provisório), no qual pretendo abordar tópicos como: a indústria de cosméticos e como ela lucra a partir das nossas inseguranças; a desigualdade de produtos de beleza para todos os tipos de pele; a relação e as diferenças entre os filtros e as maquiagens de verdade, etc;

Outro ponto importante, que sei que já passou da hora de eu fazer, é: expor, postar, divulgar e publicar meu trabalho nas redes. Parece irônico ceder a esse meio e usar das mídias sociais, que é algo que critico, para que meu trabalho seja visto e reconhecido, mas não estar conectado é se tornar invisível, como Bauman nos leva a concluir. No fundo, acho que mesmo mantendo contas desativadas e privadas por quase dois anos, de certa forma eu entendia que precisaria retornar às redes sociais. Não quero que minhas pinturas sofram morte social. Os historiadores da arte e a sociedade patriarcal em que vivemos já se encarregou de 'matar' mulheres artistas o suficiente.

Só espero que, depois desse trabalho de conclusão de curso eu seja capaz de compartilhar o que faço de forma mais saudável e consciente.

Sei que são muitos projetos, planos e possibilidades a cumprir e nem sempre consigo terminar tudo que começo, ou pintar tudo que eu quero, mas, **felizmente, tenho toda vida pela frente.**

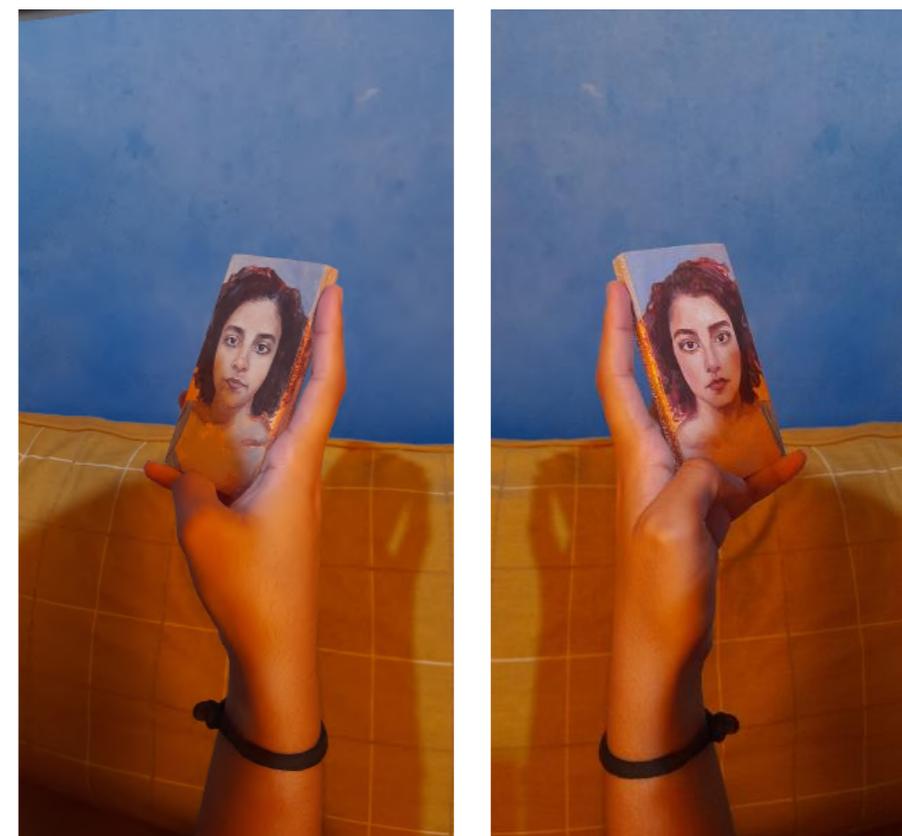


Figura 64. Fotos do ensaio realizado com pintura e modelo Luiza Sant'Anna em 25/03/2022.



Obs.: Todas as imagens que não contém legendas são trabalhos de autoria da própria artista e/ou fotografias pertencentes a ela.

Referências bibliográficas

Livros

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. 1ª edição. São Paulo: Companhia das letras, 2019.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejam todos feministas**. 1ª edição. São Paulo: Companhia das letras, 2015.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 16ª edição. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2015.
- COTRIM, Cecília; FERREIRA, Glória. **Escritos de Artista: anos 60/70**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. 1ª edição. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- NOGUEIRA, Nonato. **Filosofia: investigando o mundo da prática**. 3ª edição. Fortaleza: Edjovem, 2011.
- OSTROWER, Fayga. **Universos da arte**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Campus, 1989.
- RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual Antirracista**. São Paulo: Companhia das letras, 2019.
- RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?**. 1ª edição. São Paulo: Companhia das letras, 2018.
- SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se Negro**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1990.
- WOLF, Naomi. **O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres**. 14ª edição. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2020

Teses

- CORONA, Marilice. **Autorreferencialidade em território partilhado**. 2009. 282 f. Tese (programa de pós-graduação em artes visuais) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2009.

Artigos

- LEAL, Priscila Cruz. **Mulheres artistas: há desigualdade de gênero no mercado das artes plásticas no século XXI?**. Disponível em: <https://www.academia.edu/8570320/MULHERES_AR-

[TISTAS_H%C3%81_DESIGUALDADE_DE_G%C3%8ANERO_NO_MERCADO_DAS_ARTES_PL%-C3%81STICAS_NO_S%C3%89CULO_XXI](#)> Acesso em: 04 de junho de 2022

SILVA, Nádya Maria Vieira da. **A redenção que não houve: as tentativas de branqueamento da população mestiça no Brasil no final do século XIX e inícios do século XX.** In: Revista Digital Simonsen. Nº 09. p.134. Disponível em: <www.simonsen.br/revistasimonsen> ISSN:2446-5941 Acesso em: 04 de junho de 2022

Sites

Angélica Dass. Disponível em: <<https://angelicadass.com/>> Acesso em: 04 de junho de 2022

Guerrilla Girls. Disponível em: <<https://www.guerrillagirls.com/>> Acesso em: 04 de junho de 2022

Serpentine. Disponível em: <<https://www.serpentinegalleries.org/>> Acesso em: 04 de junho de 2022

IBGE. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/>> Acesso em: 04 de junho de 2022

Youtube

ADICHIE, Chimamanda Ngozi, 2013. Todos nós deveríamos ser feministas. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hg3umXU_qWc&t=22s> Acesso em: 04 de junho de 2022

DASS, Angélica, 2016. The beauty of human skin in every color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=NiMgOkIgeos&t=314s>> Acesso em: 04 de junho de 2022

Bibliografia complementar

Livros

BARROS, Lilian Miller. **A cor no processo criativo: um estudo sobre a Bauhaus e a teoria Goethe.** 3ª edição. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2009.

CLIFFORD, James. **A experiência Etnográfica: antropologia e literatura no século XX.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

DUBOIS, Philippe. **O Ato fotográfico e outros ensaios.** 2ª edição. São Paulo: Papius, 1998.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras.** 1ª edição. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2018.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: Episódios de racismo cotidiano.** 1ª edição. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LE BRETON, David. **Antropologia do Corpo e Modernidade.** 3ª edição. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

Mayer, Ralph. **Manual do Artista.** 5ª edição. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2015.

MOREIRA, Adilson. **Racismo recreativo.** São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

Artigos

FELDHUES, Marina. **Daguerreótipo, desenho e racismo científico.** In: Base de Dados de Livros de Fotografia, 2020. Disponível em: <<https://livrosdefotografia.org/artigos/@id/12703/>> Acesso em: 04 de junho de 2022

GONZALEZ, Lélia. **A democracia racial: uma militância.** In: Arte & Ensaios, revista do ppgav/ eba/ufrrj. Nº38. p.223. Disponível em: <<https://revistas.ufrrj.br/index.php/ae/article/view/27925/15208>> Acesso em: 04 de junho de 2022

RIBEIRO, Matilde. **Mulheres negras: uma trajetória de criatividade, determinação e organização.** In: revista estudos feministas. Nº 16(3). p.987. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/issue/view/1131>> Acesso em: 04 de junho de 2022

Youtube

DUNKER, Christian, 2019. Tinder e redes sociais. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=whcZhLGAeJY>> Acesso em: 04 de junho de 2022

NERI, Nátaly, 2016. Colorismo, ser negro e os 3 mitos da mulher negra. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DGGaLz_NYDo> Acesso em: 04 de junho de 2022

NERI, Nátaly, 2017. A mulata que nunca chegou. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=02TBfKeBbRw&t=165s>> Acesso em: 04 de junho de 2022

PEREIRA, Midria, 2018. Eu sou a menina que nasceu sem cor. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=o6zEzP7pudQ>> Acesso em: 04 de junho de 2022

RAHMAN, Aamer, 2014. Reverse Racism (LEGENDADO). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=3liHlvASBrI>> Acesso em: 04 de junho de 2022

RIBEIRO, Djamila, 2017. Precisamos romper com os silêncios. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6JEdZQUmdbc&t=17s>> Acesso em: 04 de junho de 2022

ROMUALDO, Natália; ROSA, Maristela, 2016. Um papo sobre colorismo. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=GUhfw-Nui7g>> Acesso em: 04 de junho de 2022

BUTLER, Judith; QUEBRADA, Linn da, 2021. Judith Butler debate os problemas de gênero com Linn da Quebrada e Jup do Bairro. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=DMge3Uc-9sUs>> Acesso em: 04 de junho de 2022

Apêndice A

Exposição Virtual Galeria Macunaíma

Devido a pandemia, foi acordado que os formandos do curso de pintura poderiam ter sua exposição individual aceita de maneira virtual no Instagram da Galeria Macunaíma. Dessa forma, trago aqui *prints* das postagens feitas na plataforma no dia 10/07/2022. Ao lado de cada *print* um QRcode que direciona para a rede social, mostrando todas as imagens contidas no formato carrossel¹¹.

Apresentação escrita pela autora:

O projeto Por Camadas foi iniciado em 2019 dentro do grupo de pesquisa O corpo feminino como poética na pintura contemporânea pela aluna Revelyn Veloso, sob orientação da professora e orientadora Dr^a. Martha Werneck. A princípio, Por Camadas tinha como objetivo iniciar uma pesquisa etnográfica dentro da Escola de Belas Artes com mulheres artistas que, assim como a autora deste trabalho, vêm de região periférica, não são brancas e estão no processo de construção da sua própria identidade. Com a chegada da COVID-19, foi necessária uma reestruturação no desenvolvimento do projeto. Mesmo com as adversidades enfrentadas durante o período pandêmico a pesquisa se desdobrou ao longo dos anos abordando assuntos como racialidade, amadurecimento e se expande trazendo questões levantadas durante o período de quarentena, no qual a autora observa que a distância física salientou o uso exacerbado das redes sociais. Foram desenvolvidos textos críticos que serviram como base para o desdobramento de duas séries de pinturas: Câmera frontal, com 7 pinturas, e O filtro e a pintura, com 6 dípticos, totalizando 19 pinturas a óleo. Para as duas séries foram escolhidas 6 modelos, com as quais foi feito contato solicitando fotografias virtuais que serviram como referências para as pinturas. A estudante pretende dar continuidade a essas séries buscando (re)conhecer no caminho mulheres em todas as suas camadas.

¹¹. Carrossel é o nome dado a ferramenta que permite fazer a postagem de até 10 fotos em um único post na plataforma Instagram.



galmacunaíma



eba ESCOLA DE BELAS ARTES

Exposição virtual
Galeria Macunaíma - 2022





galmacunaima

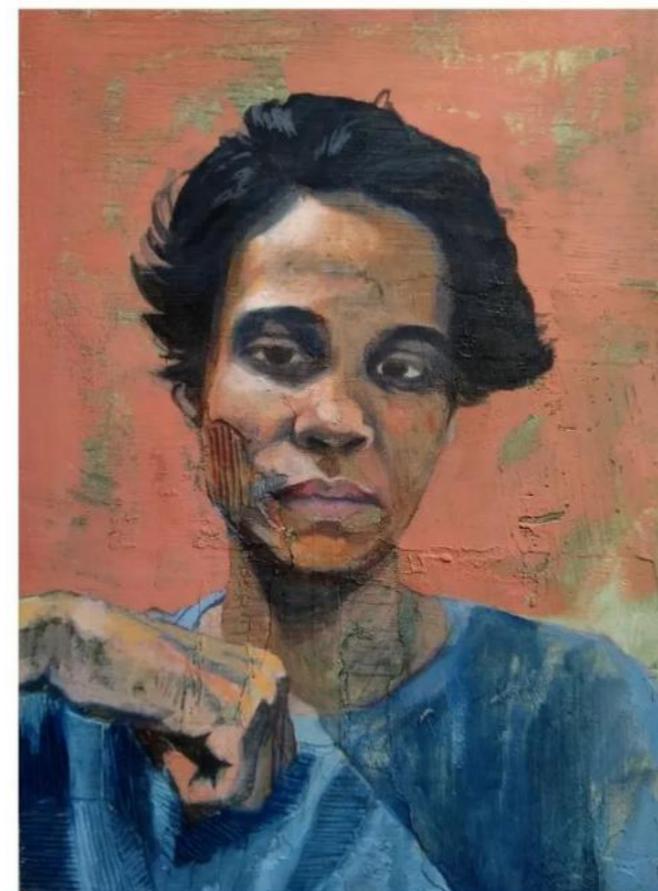


“Sou a favor de uma arte que evolua sem saber que é arte, uma arte que tenha a chance de começar do zero. [...] Sou a favor de uma arte que tome suas formas das linhas da própria vida, que gire e se entenda e acumule e cuspa e goteje, e seja densa e tosca e franca e doce e estúpida como a própria vida.”

Claes Oldenburg



galmacunaima



Ana Ferraz em câmera frontal.
Série: Câmera frontal.
Óleo sobre madeira.
21x16cm,
2021-2022.





galmacunaima



Ana Abreu em câmera frontal.
Série: Câmera frontal.
Óleo sobre madeira.
24x18cm,
2021-2022.



galmacunaima

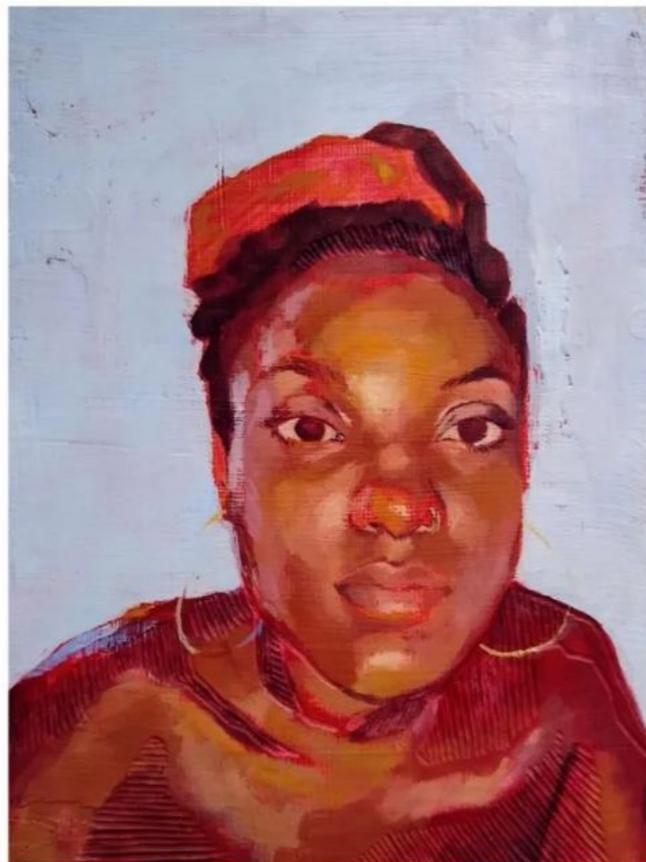


Revelyn em câmera frontal.
Série: Câmera frontal.
Óleo sobre madeira.
23x17cm,
2021-2022.





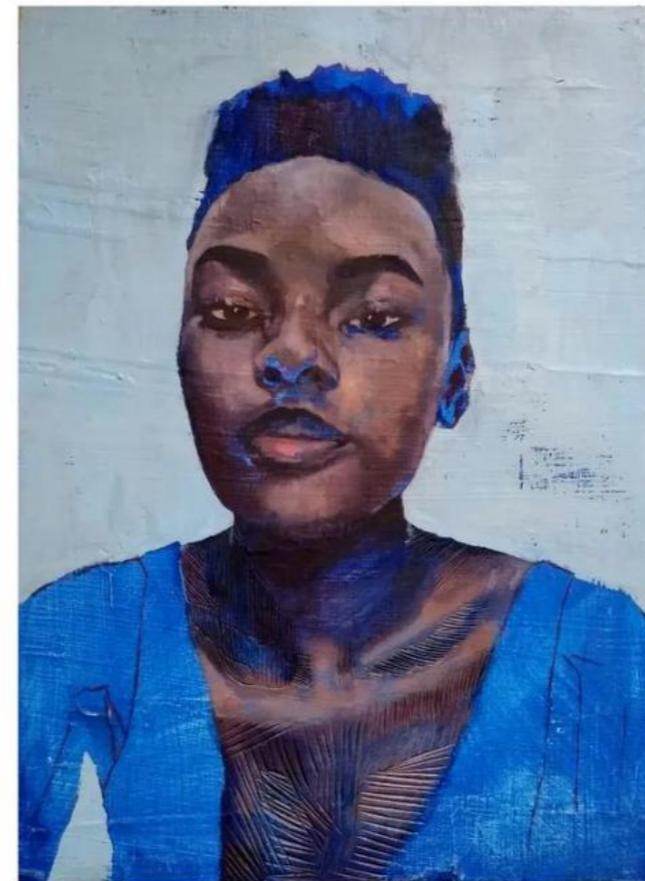
galmacunaima



Carol em
câmera
frontal.
Série: Câmera
frontal.
Óleo sobre
madeira.
19,5x15cm,
2021-2022.



galmacunaima



Larissa em
câmera
frontal.
Série: Câmera
frontal.
Óleo sobre
madeira.
24x18cm,
2021-2022.





galmacunaima



Yaya em
câmera
frontal.
Série: Câmera
frontal.
Óleo sobre
madeira.
27x15,5cm,
2021-2022.



galmacunaima



Luiza em
câmera
frontal.
Série: Câmera
frontal.
Óleo sobre
madeira.
26,5x15cm,
2021-2022.





galmacunaima



Díptico Luiza com/sem filtro. Série: O filtro e a pintura. Óleo sobre madeira, dispostos em suporte acrílico para celular. 11,5x6cm cada, 2022.



galmacunaima



Díptico Ana Abreu com/sem filtro. Série: O filtro e a pintura. Óleo sobre madeira, dispostos em suporte acrílico para celular. 11,5x6cm cada, 2022.





galmacunaima



Díptico Larissa com/sem filtro. Série: O filtro e a pintura. Óleo sobre madeira, dispostos em suporte acrílico para celular. 11,5x6cm cada, 2022.



galmacunaima



Díptico Carol com/sem filtro. Série: O filtro e a pintura. Óleo sobre madeira, dispostos em suporte acrílico para celular. 11,5x6cm cada, 2022.





galmacunaima



Díptico Yaya com/sem filtro. Série: O filtro e a pintura. Óleo sobre madeira, dispostos em suporte acrílico para celular. 11,5x6cm cada, 2022.



galmacunaima



Díptico Ana Ferraz com/sem filtro. Série: O filtro e a pintura. Óleo sobre madeira, dispostos em suporte acrílico para celular. 11,5x6cm cada, 2022.



Apêndice B

O like dos outros

O like dos outros traz uma conversa que tive com meu irmão, Caio Kalinine, no dia 28/07/2020, escrita à mão e em formato de 'balõeszinho'. Decidi fazer nesse formato por ser algo familiar e que já tenho o costume de fazer. Em 2018 ou 2019 criei um instagram onde compartilhava partes dos meus diários. Desenhos, rabiscos, escritos e esses balões, eram escaneados por um aplicativo de celular chamado CamScanner e postados na rede social. É claro, como já disse anteriormente, parei de usar o instagram quando comecei a me sentir muito exposta, mas não deixei de escrever e escanear, só não tornei público. Eu tenho esse projeto paralelo que chamo de E porque você escolheu tomates?, trata-se de um livro/zine, ainda não sei bem o que é, que planejo publicar um dia, onde registro trechos de conversas, reais e inventadas, que troco pelo whatsapp com amigos. Tenho essa mania de escrever o que não posso, e nem quero, esquecer. Talvez seja algo que herdei de minha mãe, que diz não confiar na tecnologia e prefere ter tudo anotado. Há certa verdade nisso. Tenho conversas trocadas nas redes sociais todos os dias, mas eu guardo com carinho apenas as que escrevi no papel. Essas não foram apagadas, esquecidas ou perdidas, basta abrir meu diário e ler.

Quando procurei meu irmão para conversar, foi de forma completamente despretensiosa. Meu plano era unicamente usar aquele espaço como veículo para externalizar meus pensamentos e, futuramente, retornar ao diálogo para desenvolver um texto, como tinha feito com os outros escritos que tinha feito. É uma metodologia que funciona pra mim, começar um assunto de forma fluída e natural em um espaço de conforto, que é menos intimidante que a página em branco do google docs. Contudo, ao perceber que eu tinha usado o Whatsapp e, ali, tinha feito uma troca, pensei: Porque não trazer um pouco da estética que uso no projeto E porque você escolheu tomates?

Assim como as pinturas da série O filtro e a pintura, as 'páginas' desse trabalho tem o formato que remetem ao celular e aos posts de stories no instagram e, por enquanto não passa disso, um experimento. Todavia, tenho planos de gravar esse diálogo com meu irmão e transformar em uma pequena animação. Não sei se até a data da entrega do TCC vou ter essa ideia pronta, mas deixo aqui a intenção.



É QUASE QUE NÍVEL TIO DO PAU

TODO MUNDO ACHA MELO SEM NOÇÃO,
MAS NINGUÉM VAI DIZER DIRETAMENTE
ISSO PRO ELE

EU NÃO TENHO A MENOR IDÉIA DE
QUEM PASSOU ESSA "REBOLA" PRO MUNDO

EU SÓ ACABEI DE ME DAR CONTA QUE
É A COISA MAIS BOBA QUE EU JÁ VI NASSA
REDE SOCIAL

COMO ASSIM VOCÊ NÃO CURTE ALGO
QUE É SEU? SUA FOTO, SUA IMAGEM?

ONDE ISSO É BERADO?

ATÉ QUE PONTO O LIKE DO OUTRO VALIDA
O QUE VOCÊ POSTA?

É MUITO TIPO "VOCÊ POSTOU ISSO PROS
OUTROS" NÉ?

EXATAMENTE

SEU INSTAGRAM DEVIA SER SOBRE VOCÊ,
SABE?

MAS ACHO QUE VOCÊ POSTAR JÁ IMPLICA
QUE VOCÊ GOSTOU DA PARADA?

ENTÃO, TALVEZ, REDUNDÂNCIA? NÃO SEI

MAS ACHO QUE AINDA CAI NO:
VOCÊ TÁ POSTANDO AQUILO PQ
VOCÊ GOSTA? OU PQ É O QUE OS
OUTROS VÃO GOSTAR?

NO MAIS, O QUE VOCÊ DEIXA DE
POSTAR POR ACREDITAR QUE AS
OUTRAS PESSOAS NÃO QUEREM VER
OU VÃO CRITICAR?

SE VOCÊ POSTA, QUAL O PROBLEMA EM
DEMONSTRAR QUE VOCÊ "AMA" AQUILO?

PARACE UMA ESPERA POR APROVAÇÃO
QUANDO, NA VERDADE, TEM QUE SER POR
VOCÊ

VOCÊ PRECISA SER A PRIMEIRA PESSOA
A SE GOSTAR, SE CURTIR, SE AMAR, SE
DAR A CONDIÇÃO ZINHO

AS VEZES EU ACHO QUE AS PESSOAS TAMBÉM TÊM UMA CERTA RESTRIÇÃO COM CURTIR O QUE É DO OUTRO, COM O DAR E NÃO RECEBER, COM O SEGUIR SÓ SE ME SEGUIR DE VOLTA

É TUDO TÃO SUPERFICIAL E TOSCO.

ACHO ENGRAÇADO.

QUANDO EU ERA MAIS NOVA EU COSTUMAVA JULGAR QUEM CURTIA AS PRÓPRIAS FOTOS, ENQUANTO EU ANSIAVA A MIGALHA DOS OUTROS

ME VALIDAVA DE BANALIDADES

EU SEI QUE PARECE UM PAPO MEIO BÍBLICO, MAS, MANO, VOCÊ NÃO DEVERIA FAZER NADA ESPERANDO ALGO EM TROCA

NÃO TEM PROBLEMA NENHUM DEMONSTRAR, NÃO TEM PROBLEMA APOIAR, E CURTIR, MAS, ACIMA DE TUDO, ANTES DE SAIR DISTRIBUINDO SEUS LIKES COMO SE FOSSE OURO

COMO SE FOSSE ALGO REALMENTE IMPORTANTE, E QUE AS PESSOAS ESPERAM MUITO QUE VOCÊ FAÇA POR ELAS, SEI LÁ, TALVÉZ... AS PESSOAS DEVERIAM FAZER POR ELAS MESMAS

SIM, É SÓ ABSURDO, AS PESSOAS ESPERAM RECONHECIMENTO A PARTIR DE NÚMEROS. É TRISTE.

E PORA É PERCEBER QUE HOJE EM DIA É ASSIM MESMO. EU COSTUMAVA ACHAR QUE ERA COISA DE MINHA CABEÇA, MAS NÃO. HOJE SOMOS MEDIDOS E VALIDADOS A PARTIR DESSES NÚMEROS NAS REDES SOCIAIS

SIM, SEM DÚVIDAS, O BAGULHO É QUE JÁ É ESPERADO QUE AS PESSOAS DO INSTA ESTEJAM NUM MOOD AUTOMÁTICO, DE FAZER ESPERANDO ALGO EM TROCA

E É SEMPRE SE COMPARANDO

É DESGASTANTE.

CONSUMIMOS E SEGUIMOS E SOMOS INFLUENCIADOS

SOMOS BOMBARDEADOS POR IMAGENS E MOMENTOS FALSOS, RECORTADOS, MODIFICADOS

ABRIMOS UMA JANELA NO CELULAR QUE NOS APRESENTA CORPOS PERFEITOS, RETOCADOS, E FILTROS QUE APAGAM NOSSOS TRAÇOS

ESTAMOS TÃO ANESTESIADOS PELO QUE VEMOS NAS TELAS QUE PASSAMOS A NOS DECEPCIONAR MAIS COM A REALIDADE

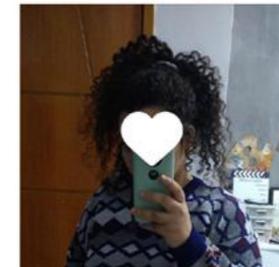
E EU ESTOU CANSADA DISSO.

EU DECIDI QUE VOU TORNAR O INSTAGRAM UM AMBIENTE MAIS SAUDÁVEL PRA MIM

E JÁ QUE NÃO POSSO MUDAR O MUNDO, VOU COMEÇAR MUDANDO O MEU COMPORTAMENTO.

A PARTIR DE HOJE EU CURTO TODAS AS MINHAS FOTOS

O LIKE DOS OUTROS



CONVERSA ORIGINAL ENTRE REVELYN VELOSO E CAIO KALININE VIA WHATSAPP.

Apêndice C

E porque você escolheu tomates?

Porque você escolheu tomates é uma ideia em desenvolvimento. Ainda não tenho certeza do que é, ou o que eu quero que se torne, mas, por enquanto, é apenas uma das maneiras que encontro de me expressar e guardar. Basicamente, é um espaço em branco, onde me dou a liberdade de escrever desde conversas divertidas até desabafos deprimentes. Nem todo diálogo aconteceu, nem toda mensagem foi enviada, no entanto, lembro exatamente com quem troquei cada palavra. Contando com esses, são mais de 130 balões escritos e escaneados, até agora. Ainda não encontrei um fim, porque nem sei se o estou procurando. É simples e sincero, direto e honesto. É algo importante para mim e, com sorte, espero que se torne algo significativo para alguém um dia.

Assim como as pinturas da série O filtro e a pintura, as 'páginas' desse trabalho tem o formato que remetem ao celular e aos posts de stories no Instagram e, por enquanto não passa disso, um experimento. Todavia, tenho planos de gravar esse diálogo com meu irmão e transformar em uma pequena animação. Não sei se até a data da entrega do TCC vou ter essa ideia pronta, mas deixo aqui a intenção.



ESTOU PROCURANDO AS MINHAS INICIATIVAS

É ESTRANHO QUANDO ME ELOGIAM,
EU NUNCA CONCORDO

EU NÃO SOU TÃO INCRÍVEL COMO
VOCÊ ACHA E DIZ QUE EU SOU

TUDO QUE EU QUERO FAZER PARECE LONGE DE
SER POSTO EM PRÁTICA

EU SINTO TANTO MEDO QUE TRAVO

EU ME SINTO PERDIDA

E FLUTUANDO

NUM MAR DE RESPONSABILIDADES

QUE EU NUNCA MERGULHO

PRECISO MERGULHAR,
NÃO AFOGAR

LEMBRO DE UM TEMPO ONDE EU PODIA
JURAR SABER ABSOLUTAMENTE TUDO
SOBRE VOCÊ.

ENGRAÇADO

HOJE EU DIGO QUE NÃO SEI QUASE NADA
SOBRE MIM, QUEM DIZÁ SOBRE OS OUTROS

AS VEZES A GENTE SÓ
QUER UM TRAKINAS DE
LIMÃO

PARCECE QUE TUDO QUE EU FAÇO É MEDIANO

EU SOU A PESSOA MAIS MEDIANA QUE JÁ CONHECI

CULPO MEU SIGNO

MINHA ANSIEDADE ME MATA UM POUCO.

E PORQUE VOCÊ ESCOLHEU TOMATES?

PORQUE SEM TOMATE NÃO HÁ KETCHUP.

AS VEZES EU FICO MUITO NERVOSA
COM A OPINIÃO DAS PESSOAS.
FICO ME PERGUNTANDO O QUE VÃO
ACHAR DO QUE EU ESCREVO.
MAS.
EU NÃO ESCREVO PARA OS OUTROS, NÃO
ESCREVO PRA SER BONITO.
EU ESCREVO PRA MIM. ESCREVO PRA
NÃO ESQUECER.
ESCREVO SOBRE O QUE EU SINTO,
ESCREVO MINHAS CONVERSAS,
ESCREVO O QUE EU ESCUTO, ESCREVO
MINHAS IDEIAS.
É A MINHA VIDA.
E QUERO ME LEMBRAR DELA.
NÃO IMPORTA O QUÃO CLICHÊ, CROTO,
REPETITIVO OU RUIM TUDO QUE
ESTÁ ESCRITO POSSA PARECER.
ESTÁ ESCRITO PRA MIM.
NÃO PRA VOCÊ.
E.
AS VEZES.
EU SÓ PRECISO LEMBRAR DISSO.
POR ISSO ESTÁ ESCRITO.

INVENTA

PROJETOS, IDEIAS

FAZ UM ESBOÇO

PASSA PRO PAPEL

CUIDA DE VOCÊ.
SEJA POSITIVA QUE O RESTO
VEM DEPOIS NATURALMENTE

ESCREVE

FAZ RASCUNHOS

NÃO DEMORA, NÃO ENROLA,
PRIMA

A VIDA É MUITO CURTA REAL

O SEGREDO É FAZER DE FORMA DESPRETENCIOSA

NADA É IMEDIATO.

A GENTE TEM QUE IR EM BUSCA DO EQUILÍBRIO

NÃO SOU DONA DE NINGUÉM ALÉM DE MIM

TUDO QUE ME REATONCE É A MINHA ARTE

PARA AS COISAS ACONTECEREM VOCÊ SÓ FAZ

NÃO IMPORTA SE ESTÁ RUIM. NÃO IMPORTA SE NÃO FICOU
COMO VOCÊ TINHA IMAGINADO.

SE TE INCOHODA, FAZ DE NOVO

A VIDA PRECISA SER VIVIDA E OS PLANOS PRECISAM
SER EXECUTADOS.

ESTOU CANSADA DE VIVER NO CAMPO DAS IDEIAS

E PORQUÊ VOCÊ ESCOLHEU TOMATES?

TENSEI EM FAZER MALABARISMOS



Apêndice D

Autorrepresentação: uma pequena jornada

Desenho desde que me entendo por gente, mas foi só na faculdade que percebi que poderia me representar. Não que eu já não tivesse feito versões de mim antes, parando pra pensar agora já fiz isso diversas vezes, só que nunca foi uma versão de quem eu era no momento. Na verdade, eu gostava de desenhar versões idealizadas de quem eu gostaria de ser no futuro, versões muitas vezes mais magras, mais altas, maquiadas, alisadas, versões de mim que nunca me tornei.

Ao longo dos anos que passei na faculdade fiz vários autorretratos, desde desenhos despreziosos de fotos antigas até pinturas nas quais eu enxergo a Revelyn que fui naquele período de tempo. No entanto, em 2019, eu não poderia estar mais distante de mim mesma. Passei meses me escondendo, encolhendo, diminuindo e acho que o único retrato que fiz de mim naquele ano foi por pura obrigação. Estava passando por diversos conflitos internos que me fizeram questionar incontáveis vezes quem eu era e porque ao olhar meu reflexo eu não me reconhecia. Nunca tinha sido uma pessoa tão triste.

O Por Camadas, contudo, foi o início do meu processo de cura e de respostas. Lá no início, quando ainda estava fazendo camadas da Yaya em vidro, eu já tinha o entendimento de que teria que chegar a minha vez, por mais que estivesse adiando. Como escrevi na época: Eu percebo que a pesquisa começou a partir de questões pessoais, e penso que deveria retomar a minha pessoa em algum momento. Entender como eu cresci com ele.

Desde o princípio sabia que o Por Camadas era um projeto onde eu pintaria mulheres nas quais eu me reconhecia, mulheres que eu admirava, mulheres que gostaria de me tornar um dia. Eu tinha essa teoria na minha cabeça de que depois de representar todas as modelos que eu gostaria de pintar, se tornaria bem mais fácil fazer meu próprio retrato. Achei que me pintaria por último. Hoje percebo que dentre todas as pinturas que fiz para o TCC, a minha foi a mais simples de fazer. Foi a que eu comecei e a que terminei primeiro. Cheguei ao entendimento de que, na verdade, eu sempre

me conheci. Meus traços não mudaram. Sigo tendo os mesmos lábios, o mesmo nariz, a mesma risada alta, o mesmo perfeccionismo paralisante e a mesma habilidade para escrever até demais. Eu só precisava lembrar e, mais importante, valorizar todas essas características que me tornam quem sou, e que fazem de uma pintura, um retrato. Talvez, esse seja o amadurecimento do que sempre fiz durante a vida: Me expressar a partir da arte. Definitivamente, retratar todas essas mulheres que escolhi pintar foi uma parte essencial desse processo de cura, respostas e auto aceitação.

Devo dizer, não poderia estar mais orgulhosa dessa pequena jornada.



Figura 65. Primeiro autorretrato em carvão. Carvão e giz pastel branco sobre papel canson mitentes. 32,5x25cm aproximadamente, 2016.



Figura 66. Autorretrato naturalista. Grafite sobre papel canson, dimensão A4, 2016.



Figura 67. Autorretrato expressionista. Grafite sobre papel canson.
Dimensão A4, 2016.



Figura 68. Autorrabisco em nanquim. Nanquim sobre papel canson.
Dimensão A5, 2017.



Figura 69. Autorretrato com paleta terrosa. Óleo sobre papel craft. 30x30cm, 2018.



Figura 70. Garota propaganda do fruttar de uva II (detalhe). Óleo sobre papel craft, 2018.

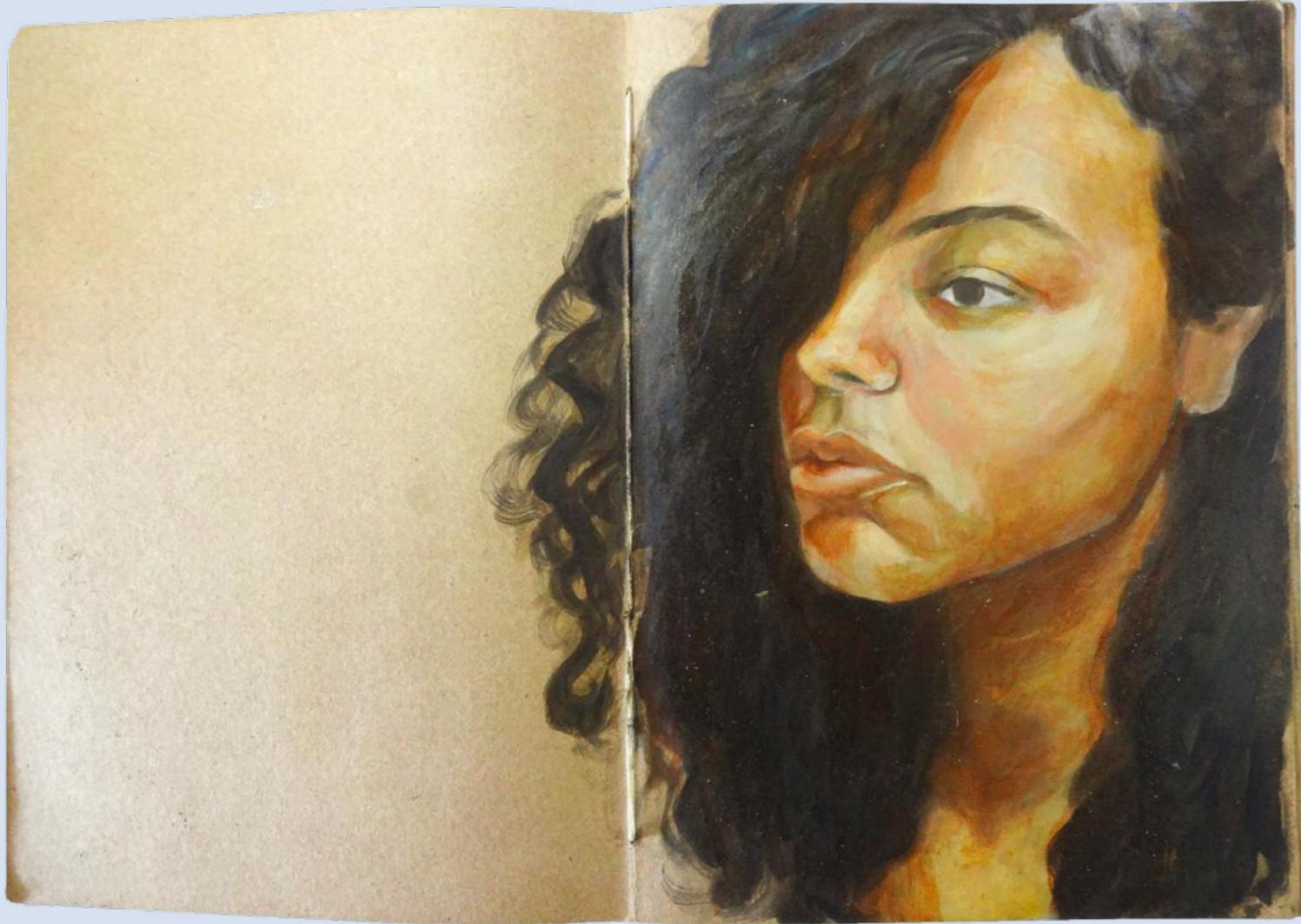


Figura 71. Autorretrato por pura obrigação. Óleo sobre craft. 48x33cm (aberto), 2019.

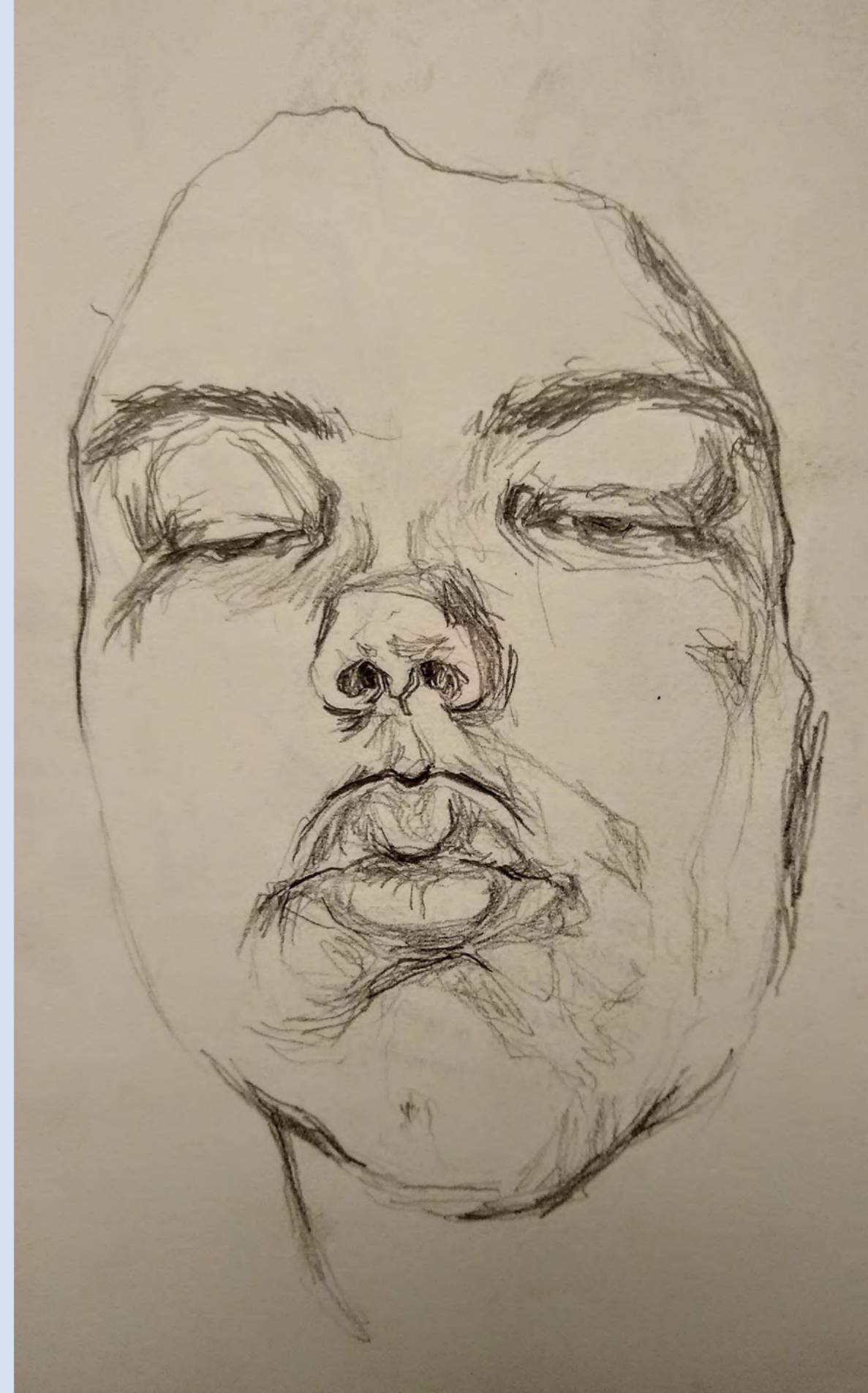


Figura 72.
Autorretrato.
Grafite sobre
papel canson.
18x12cm,
2020.

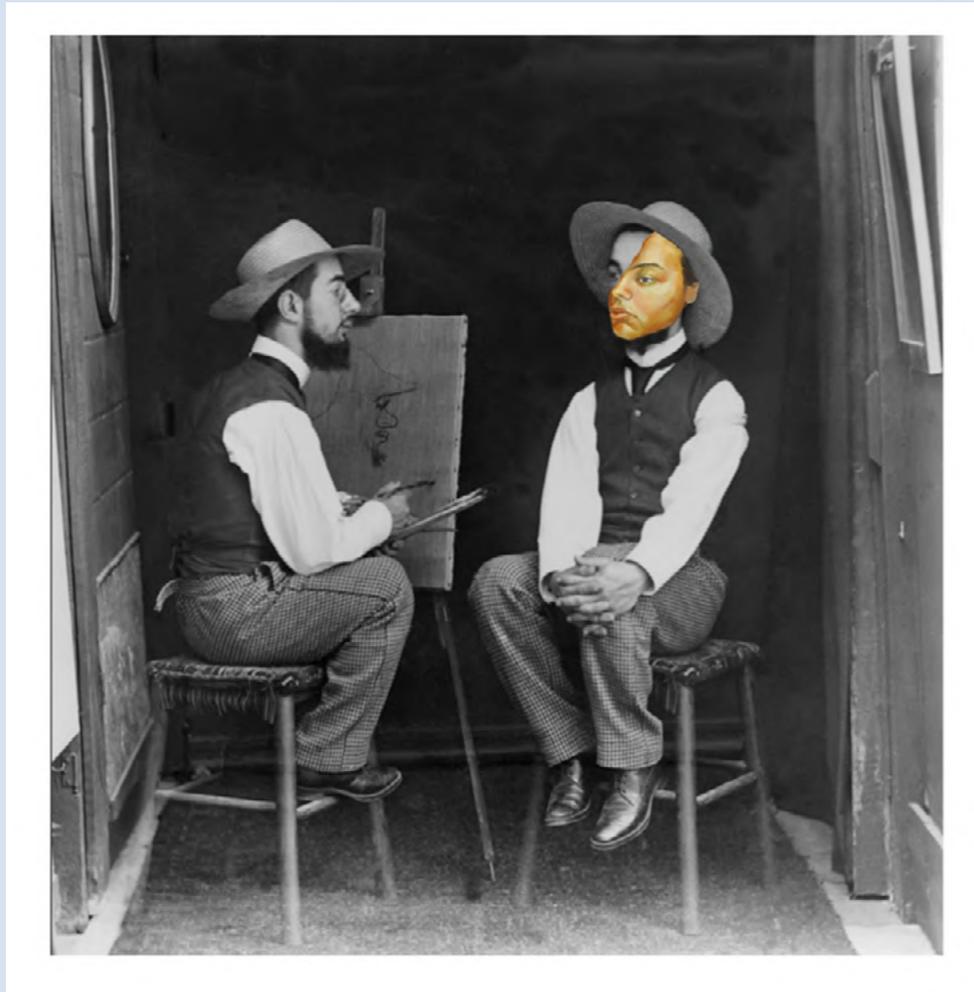


Figura 73. Autorretrato como Toulouse-Lautrec. Colagem digital com fotomontagem de Maurice Guibert (1890) e pintura autoral, 2021.

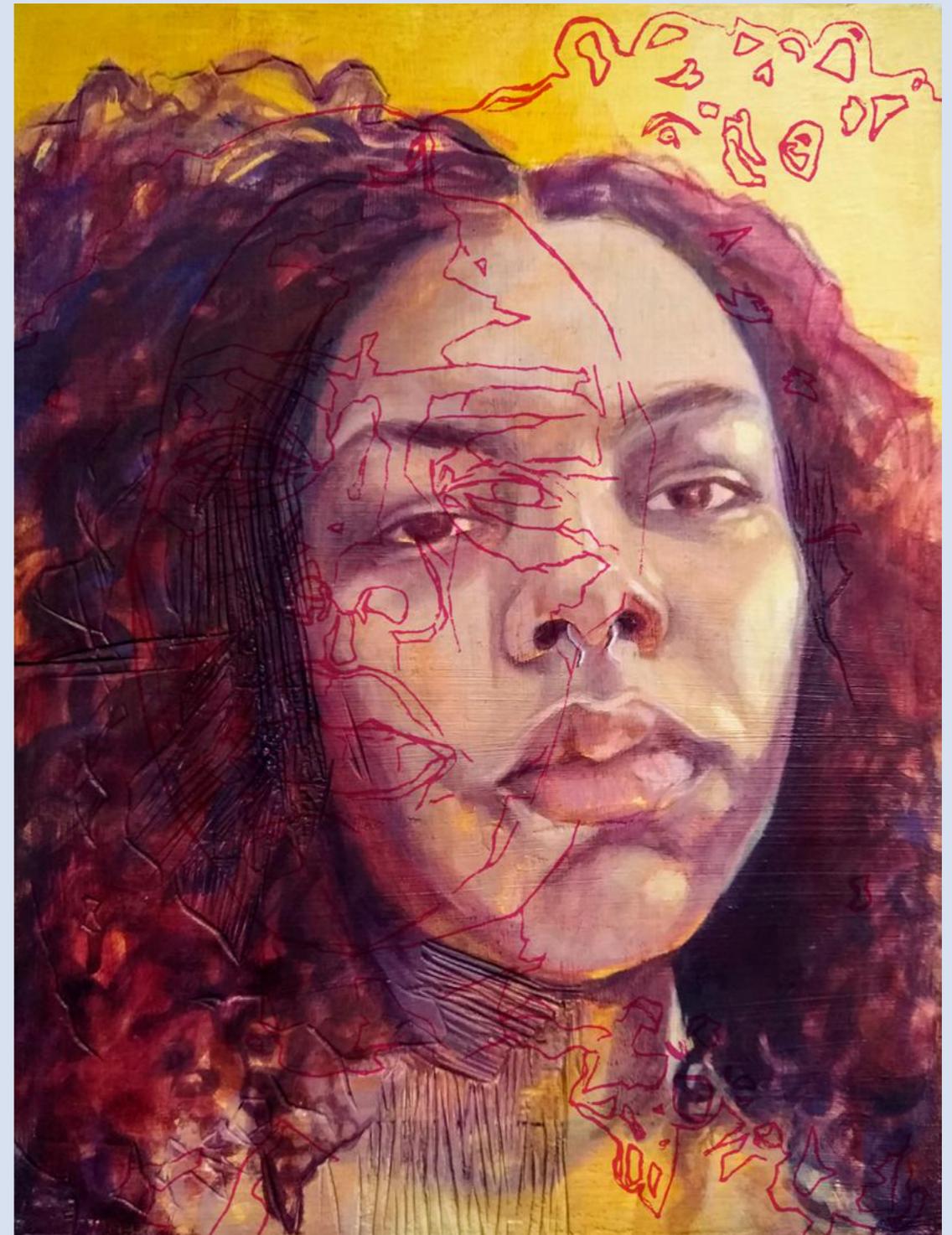


Figura 74. Autorretrato em Câmera Frontal. Óleo sobre madeira com intervenção digital. 23x17cm, 2021-2022.



